

ANA CECÍLIA MOREIRA ELIAS

CONTEMPLAÇÃO DO PASSADO APÓS A MORTE: EDUCAÇÃO ESPÍRITA,  
TEMPORALIDADE E FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA A PARTIR  
DE ANÁLISES DE MATERIAL DIDÁTICO.

Catalão – GO

2016

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**      **Dissertação**      **Tese**

**2. Identificação da Tese ou Dissertação**


Nome completo do autor: Ana Cecília Moreira Elias

Título do trabalho: CONTEMPLAÇÃO DO PASSADO APÓS A MORTE: EDUCAÇÃO ESPÍRITA, TEMPORALIDADE E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA A PARTIR DE ANÁLISES DE MATERIAL DIDÁTICO.

**3. Informações de acesso ao documento:**

Concorda com a liberação total do documento  SIM      NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

  
Assinatura do (a) autor (a)

Data: \_\_17\_\_ / \_\_08\_\_ / \_\_2016\_\_

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

ANA CECÍLIA MOREIRA ELIAS

CONTEMPLAÇÃO DO PASSADO APÓS A MORTE: EDUCAÇÃO ESPÍRITA,  
TEMPORALIDADE E FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA A PARTIR  
DE ANÁLISES DE MATERIAL DIDÁTICO.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História - Mestrado Profissional: História, Cultura e Formação de Professores da Universidade Federal de Goiás\Regional Catalão/Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Requisito Parcial Para a Obtenção do Título de Mestre.

Orientadora: Professora Dra. Luzia Márcia Resende Silva.

Linha 2 – História, Sociedade e Práticas Educativas.

Catalão – GO

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Moreira Elias , Ana Cecília

CONTEMPLAÇÃO DO PASSADO APÓS A MORTE: EDUCAÇÃO ESPÍRITA, TEMPORALIDADE E FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA A PARTIR DE ANÁLISES DE MATERIAL DIDÁTICO.

[manuscrito] / Ana Cecília Moreira Elias . - 2016.

128 f.

Orientador: Profa. Dra. Luzia Márcia Resende Silva .

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Catalão,

Programa de Pós-Graduação em Historia (profissional), Catalão, 2016.

Bibliografia. Anexos.

Inclui tabelas.

1. Ensino de História . 2. Temporalidade. 3. Consciência Histórica.
4. Espiritismo . I. Resende Silva , Luzia Márcia , orient. II. Título.

CDU 94:1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO PROFISSIONAL



### Ata de Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Mestrado

Defesa: nº 06

Aos onze dias do mês de agosto de dois mil e dezesseis realizou-se, no Mini auditório Congadas – Bloco L, da Regional Catalão/UFG, a Defesa Pública de trabalho de conclusão de mestrado intitulado “Contemplação do passado após a morte: educação espírita, temporalidade e a formação da consciência histórica a partir de análises de material didático”, de autoria da mestranda Ana Cecília Moreira Elias. Na ocasião, compareceu a Banca Examinadora, designada pela Coordenadoria do Mestrado em História – nível Mestrado Profissional, e composta pelos docentes: Profa. Dra. Luzia Márcia Resende Silva [Orientadora], professora da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Profa. Dra. Raquel Marta da Silva, professora da Faculdade de Educação São Luis – FE São Luis/Jaboticabal; Prof. Dr. Maurício Viana Araújo, professor da Universidade Federal de Uberlândia- UFU/Uberlândia. A sessão teve início às nove horas, sendo presidida pela Professora Orientadora, que abriu os trabalhos junto à Banca Examinadora. Em seguida, a Presidenta da sessão passou a palavra à discente que teve vinte minutos para apresentar o trabalho. Após a apresentação, passou-se a palavra aos componentes da banca que tiveram cada um, trinta minutos para expor suas questões e observações sobre o trabalho de conclusão de mestrado apresentado, tendo a mestranda igual tempo para responder. Após o término da arguição, a Presidenta da sessão solicitou que a candidata e o público presente se retirassem do recinto para que a Banca Examinadora pudesse avaliar o trabalho. Após a conclusão dos trabalhos, os arguidores atribuíram o seguinte resultado: **APROVADA**. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelas Senhoras e Senhor membros da Banca Examinadora. Regional Catalão, UFG, aos onze dias do mês de agosto de 2016.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Luzia Márcia Resende Silva (Orientadora)

Profa. Dra. Raquel Marta da Silva (FE São Luis/Jaboticabal)

Prof. Dr. Maurício Viana Araújo(UFU/Uberlândia)

Dedico esta dissertação de mestrado ao meu avô João Dias Moreira (In memoriam), que encerrou essa missão em 08 de Abril de 2016, deixando-nos importantes ações práticas que, refletidas, são admiráveis elementos basilares de aprendizagem. Meu eterno amor e gratidão é o mínimo que posso expressar.

## Agradecimentos

À professora doutora Luzia Márcia Resende Silva, mais uma vez, acompanhando-me como orientadora, um exemplo de profissional e pessoa humana, significa em meu caminho como uma verdadeira mãe.

Ao professor Doutor Ismar da Silva Costa, agradeço as gentilezas e apoio ao longo de meu processo de formação, sem a sua intermediação junto à Escola “Allan Kardec” seria inviável o desenvolvimento desta pesquisa.

Por meio do nome do senhor Ilídio, agradeço à escola espírita “Allan Kardec” (situada em Catalão – GO) pela disponibilidade de acesso à nossa principal fonte de pesquisa, o material didático *Escola Espírita “A Escola que Educa” – Planos de Curso e de Unidade*.

À professora Doutora Raquel Marta da Silva, agradeço por compartilhar de seu conhecimento conosco, fazendo importantes contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa, assim como, por toda a atenção dada desde o primeiro contato via *internet* para que pudesse compor as bancas de qualificação e defesa final deste trabalho.

Ao professor Doutor Maurício Viana de Araújo, agradeço imensamente por ter aceitado nosso convite para compor a banca de qualificação e defesa desta pesquisa e por suas sérias e honrosas contribuições.

À oportunidade de participar do projeto de extensão *Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária* (Pronea), sob a coordenação do respeitável profissional professor Doutor Cláudio Lopes Maia. Oportunizando-me aprendizados não apenas na esfera profissional, mas, ensinamentos de lutas sociais que estenderão por todo o meu caminho.

À *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás* (FAPEG), pela contemplação de bolsa de incentivo à pesquisa, sem a qual não teria sido possível a continuidade desse importante processo de formação.

Minha gratidão e sincero respeito aos professores e professoras do programa de pós-graduação em História da Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás.

Aos meus familiares e amigos (as), que estiveram ao meu lado oferecendo-me importante apoio, alguns/algumas de forma incisiva, direta, outros (as) de forma mais sutil, distante, mas uma base sem a qual eu não teria conseguido atingir essa realização. Em especial cito os nomes de minha mãe, Neuza Moreira, pai Orival Elias, minha tia Maria Moreira, avós maternos Cecília Moreira e João Moreira (In memoriam), avós paternos Genita Elias e Adolfo Mendes, minhas amigas (minhas amoras) Amanda Custódio, Carinna Barros, Camilla Barros, Júlia Cavalcante, Karoena Baltazar, Luana Cavalcante, Luiza Alves, Nathalia Baltazar, Rhayssa Castro, meus amigos Fernando Rosa e João Pedro Cavalcante.

Amigos e amigas historiadores e historiadoras, os quais, satisfatoriamente, conheci durante o curso de graduação, Laiane Jerônimo, Rafael da Silva, Reubert Marques, Rodrigo Brandão, Vanessa Calaça, não por acaso nos chamamos de *família*, excelente palavra para definir esse forte e verdadeiro laço de amizade.

Também, em minha estrada profissional, tive a oportunidade de conhecer, Angélica Bueno, Eriziane de Moura e Viviane Paiva, vocês são dádivas colocadas em meu caminho, juntas seremos Mestres!

Jaciely Soares e Juliana Martins, minhas companheiras de viagens (acadêmicas, de risos), espero tantas outras vezes ter experiências tais como, passar a noite acordadas no aeroporto de Belém do Pará para depois voltarmos para São Luís do Maranhão (não entendi bem essa rota, mas, enfim, a companhia aérea quis assim... risos), sair ainda de madrugada e retornar à noite para ficarmos exatamente uma hora em “nosso destino final”, os belos Lençóis Maranhenses, gastar todo o dinheiro de um mês (dois...) com as diárias de uma pousada na Cidade de Goiás...

Tão importantes são também as viagens astrais, risos, novamente cito Jaciely Soares, Márcia dos Santos e Jackeline Albuquerque, nossas noites místicas, sorrisos e celebração da amizade, representam pilares para a manutenção da mente e da alma tranquilas.

À Gláucia Vaz, paciência sem igual, horas e horas escutando minhas *ladainhas*, da lamúria à intensa euforia; sempre me incentivando a seguir em frente, a buscar mais, a ir longe, meu muito obrigada!

*Como toda atividade artesanal o trabalho do historiador leva-o a sujar as mãos, implica uma relação corpo a corpo, subjetividade a subjetividade, com o seu material de trabalho. O historiador se mistura e sai com as roupas, o corpo e a alma marcados pelo seu material de trabalho, pelos acontecimentos, pelas vidas e ações que vem a pôr em cena. Assim como as mãos e o corpo do artesão, a subjetividade do historiador sai calejada ou cheia de cicatrizes de seus encontros com as vidas humanas, com as lutas, com as ilusões e desilusões daqueles que vieram nos anteceder. O trabalho do historiador, nestes tempos que correm, se aproxima do trabalho do lixeiro, a apanhar os restos do que sobrou dos sonhos e grandes projetos e promessas que já pretenderam ser o sentido do processo histórico. O historiador na pós-modernidade é um profissional dedicado à reciclagem das versões do passado, dos sonhos dos homens, das utopias falhadas, das grandes profecias malogradas. É alguém que, de posse das latas e garrafas vazias das grandes promessas da história, agora atiradas num canto, amassadas, enferrujadas, chutadas sem cerimônia pelos passantes, as submete a um trabalho de repressagem, de releitura, de redefinição de sentido e utilidade, versões do passado que depois de passarem por um trabalho de desconstrução, de seleção, de modelagem, voltam a estar cheias de saber e de sabor, voltam a fazer sentido, voltam a influenciar a vida dos homens de hoje, que as podem tragar por terem novo valor.*

**Durval Muniz Albuquerque JR.**

## RESUMO

Propomos, nesta pesquisa, refletir sobre as elaborações de tempo e da consciência histórica representadas em parábolas que compõem o material didático de História e Geografia, *Escola Espírita “A Escola que Educa” – Planos de Curso e Unidade*, destinado aos/às professores (as) do ensino fundamental I, da escola “Allan Kardec”, situada na cidade de Catalão – GO. O material adotado por escolas espíritas em nível nacional corresponde como proposta transversal aos conteúdos de núcleo comum do ensino fundamental I, portanto, através da problematização sobre o tempo e a consciência histórica, debatemos também sobre as múltiplas perspectivas passíveis de serem trabalhadas no espaço da sala de aula ao valer-se de parábolas como instrumento pedagógico. Como principal base para a nossa discussão, nos pautamos nas concepções teóricas defendidas Jörn Rüsen (2010), Mikhail Bakhtin (2011) e José Carlos Reis (2009).

Palavras Chaves: Temporalidade, Consciência Histórica, Espiritismo, Escola Espírita.

## **ABSTRACT**

We propose in this research , reflect on the elaborations of time and of historical consciousness represented in parables that make up the courseware of History and Geography , Spiritualist School " The School that Educates " - Plans Course and Unit , aimed at \ the teachers (as) the elementary school , the school " Allan Kardec " , located in the city of Catalão - GO . The material adopted by spiritualists schools at the national level corresponds to cross- proposal to the common core content of elementary school , so by questioning about the time and historical consciousness , we discussed also about the multiple perspectives that can be worked in space the classroom to avail himself of parables as a teaching tool . The main basis for our discussion we base on the theoretical concepts defended Jörn Rüsen (2010 ) , Mikhail Bakhtin (2011 ) and José Carlos Reis ( 2009) .

Key words : temporality , Historical Consciousness, Spiritualism , Spiritualist School.

## SUMÁRIO

Introdução.....	13
Capítulo I Contexto histórico e formação identitária do Espiritismo.....	21
I.I O surgimento do espiritismo na França no século XIX: ênfase nos conceitos de cientificidade e filosofia.....	21
I.II O espiritismo como uma proposta de religião cristã.....	27
I. III Século XX: a influência do espiritismo brasileiro em escala internacional - reestruturação identitária do espiritismo.....	29
Capítulo II A escola confessional no Brasil.....	34
II.I A escola confessional no âmbito jurídico e as especificidades da “Escola Allan Kardec” – localizada na cidade de Catalão – GO.....	34
II.II <i>Escola Espírita “A Escola que Educa” Planos de Curso e Unidade</i> – descrição da fonte....	38
Capítulo III A infância e a formação da consciência histórica: compreensões do tempo e o uso de parábolas no ensino de História.....	42
III.I A criança e o processo de ensino aprendizagem (s) – compreensões sobre a infância no espiritismo e na teoria defendida por Rüsen.....	42
III.II No que implica estudar a temporalidade e a formação da consciência histórica por meio de parábolas.....	45
III.III Reflexões sobre as parábolas, <i>A Laranja, A Semente e O Parque</i> .....	48
Considerações Finais.....	77
Referências.....	83
Anexos.....	87

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho buscamos entendimentos sobre a aproximação entre a doutrina espírita e o ensino formal da educação básica. Procuramos compreender sobre concepções de temporalidade e formação da consciência histórica presentes em material didático específico utilizado pela “Escola Allan Kardec”, situada na cidade de Catalão – GO, material intitulado *Escola Espírita “A Escola que Educa” – Planos de Curso e de Unidade*<sup>1</sup>; este, que atende à rede de escolas espíritas em nível nacional, destinado aos professores e professoras do ensino fundamental I, dividido em quatro apostilas destinadas cada uma ao segundo, terceiro, quarto e quinto ano, apresentam orientações curriculares transversais de cunho religioso aos conteúdos previstos pelos PCN’S, esses, denominados nas apostilas de “conteúdo formal”.

Por exemplo, nas disciplinas de História e Geografia trabalhadas com os alunos e alunas do segundo ano, ensino fundamental primeira fase, na unidade “o tempo”, quarto bimestre, dentre os conteúdos trabalhados nesta unidade, apresenta-se a seguinte subdivisão, *conteúdo formal*: “a) Noções de tempo – Movimentos da Terra (dia e noite). Orientação pelo sol. Atividades que podem ser feitas durante o dia e a noite. Dias da Semana.” *Conteúdo espírita*: “a) Necessidade de empregar bem o tempo para alcançar os objetivos, quaisquer que sejam. O dia pertence à luta da construção e do trabalho, enquanto a noite é o sagrado momento da vida espiritual. O tempo no mundo espiritual não se conta pelos cronômetros terrenos, e é diferente o fenômeno do dia e da noite.” Lição: *A Laranja*. (Anexo 20). Livro: *E, Para o Resto da Vida...* Autor\médium: Wallace Leal. Editora\edição: *O Clarim*\4 edição [...]. (EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007, pp. 43 – 44).

O interesse em realizar uma pesquisa, confrontando concepção de educação, temporalidade e religiosidade (espírita) a partir da História resulta do processo de análises desenvolvidas durante a graduação e pós-graduação (especialização) em História, entre os períodos de 2008 - 2011 (graduação) e 2012 – 2013 (pós-graduação), ambos os cursos realizados no Departamento de História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás – Catalão.

Durante a graduação, tive a oportunidade de participar de importantes projetos tais como PIBIC (orientado pela professora Dra. Luzia Márcia Resende Silva) e PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência - orientado pela professora Dra. Márcia Pereira dos Santos). Naquele, desenvolvemos uma pesquisa acerca da temporalidade e do ensino, com o título, “Tempo e História: teoria e prática de ensino”. Estudamos o conceito de tempo defendido por autores de diferentes perspectivas teóricas [...]. Contrapondo-os posteriormente, ao conceito de tempo apresentado no material didático e em redações de alunos do terceiro ano do ensino médio

---

<sup>1</sup> Para cada disciplina trabalhada no ensino fundamental I da escola “Allan Kardec”, tem semelhante material espírita proposto, nós analisaremos as apostilas destinadas às disciplinas de História e Geografia.

das Escolas *APROV* (particular) e *Dona Yayá* (estadual), ambas situadas na cidade de Catalão - GO.

Com o término da mencionada pesquisa, demos continuidade a ela com o desenvolvimento de análise sobre a temporalidade, o que resultou no processo de pesquisa para a monografia (requisito parcial para a conclusão do curso de História). Entretanto, interrompemos as análises sobre a educação e passamos para apreciações sobre a História, temporalidade e religiosidade (espiritismo), de modo que, sob a orientação da professora Dra. Luzia Márcia, defendi a monografia intitulada “*E a vida Continua*”: *Concepções de tempo no imaginário espírita a partir de representações no filme Nosso Lar*.

Com uma compreensão mais ampla e aprofundada sobre diversos conceitos históricos e da historiografia, instigada com inquirições envolvendo as questões políticas, tive a experiência de pesquisa, ao longo do curso de pós-graduação (especialização), sobre o sentido do Autoritarismo e da Democracia a partir dos artigos, ensaios e/ou crônicas de George Orwell. Tais registros encontram-se reunidos no livro *Literatura e Política Jornalismo em Tempos de Guerra*, originalmente escritos durante o período de 1942 a 1948, ocasião em que George Orwell trabalhou para o jornal Britânico *Observe*. Esse trabalho foi realizado com a orientação da professora Dra. Regma Maria dos Santos (a monografia apresentada no final do curso intitulamos, “*Literatura e Política em Tempos de Guerra*”: *totalitarismo e democracia em George Orwell (1942 – 1948)*).

Em seguida a experiência de pesquisa da pós-graduação, aguçou-me o interesse pela relação de trabalho, História-literatura, contribuindo para a escolha, que melhor detalharemos adiante, de dentro a organização das apostilas “Escola que Educa”, escolhemos centralizar a nossa análise, nas parábolas presentes no material.

Após esse processo, ressaltando a conclusão do curso de pós-graduação, tornou-se mais acentuada a preocupação com o entendimento de problemáticas voltadas às questões sociais tal como, a desigualdade, levando-me a retomar as indagações que tangem à educação no Brasil (sumariamente apontadas no desenvolvimento de pesquisa dos projetos PIBIC e PIBID)<sup>2</sup>.

Portanto nossos questionamentos são decorrentes de processo de maturação das ideias, destacando que, neste processo, compreendemos melhor a importância da abordagem sobre a temporalidade no ensino básico, nos intrigando também, em investigar como que o tempo é compreendido em material didático específico, utilizado por escolas espíritas (em nível nacional), uma vez que a perspectiva religiosa se faz presente em mencionado material; buscamos compreender a organização espírita na esfera educacional, capaz de contribuir de forma incisiva

---

<sup>2</sup>Além do desenvolvimento das pesquisas acima mencionadas, as experiências relacionadas com a docência, primeiramente, como professora substituta de História no período de Março de 2012 até Março de 2014, no Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí. Logo, em seguida, como professora contratada pela secretaria de Educação do Estado de Goiás no período de Abril de 2014 até Dezembro de 2014, levou-me a importantes inquietações e questionamentos sobre a desigualdade social e a educação no Brasil.

para a formação da consciência histórica de agentes sociais os quais agem diretamente na sociedade, contribuindo para os processos de transformação da realidade ou manutenção do contexto social desigual em que vivemos. Observemos as considerações de Lucas Pydd Nechi (2010):

Sociologicamente, observou-se a escola pela ótica da sociologia da experiência, de François Dubet (1996), que abrange a compreensão do conceito de experiência, da tipologia das lógicas de ação e de suas ligações com o sistema. A experiência, para Dubet, (1996, p.94-112) pode ser entendida de duas maneiras. A primeira, como um modo de sentir, de ser invadido por um estado emocional individual ou coletivo. A segunda, como uma atividade cognitiva, um modo de experimentar e verificar o real. Ela se inscreve em múltiplos registros não congruentes, pois o ator não é totalmente socializado e nem integralmente constituído de apenas um papel. A experiência é, ainda, construída e crítica. (1996, p.105). [...]. A experiência social seria então definida pela combinação de várias lógicas de ação e de sistemas, que coexistem e guiam os atores, sem que tenham ligação entre si e nem havendo uma hierarquia entre elas (1996, p.93, 94). Isto permite afirmar que cada ator é protagonista de sua história, ou como Dubet afirma: “[...] uma sociologia da experiência incita a que se considere cada indivíduo como um ‘intelectual’, como um ator capaz de dominar conscientemente, pelo menos em certa medida, a sua relação com o mundo.” (1996, p.107). (NECHI, 2010, p. 158 -159).

Lucas Nechi (2010), pautando-se em Rüsen, considera que a consciência Histórica está diretamente ligada à capacidade do sujeito orientar-se no tempo, “o que centraliza a discussão histórica e inicia sua razão de ser é a vida prática dos homens com intenções específicas de busca ao passado” (Nechi, 2010), não para a compreensão desse em sua totalidade, mas, como base de entendimento de elementos que interferem na construção da realidade presente, visando a posicionamentos em vista de uma realidade futura almejada.

Ao propormos a analisar o material didático utilizado pelas escolas confessionais espíritas, estamos levando em consideração que referido instrumento participa como importante elemento para a formação da consciência histórica e de identidades dos alunos e alunas que nelas estudam.

As manifestações religiosas inserem-se como formadoras da realidade social, e entendê-las, historicamente localizadas no tempo, em conjunto com a educação formal, implica a compreensão de seus agentes na prática cotidiana, isto é, dentro e fora dos muros das instituições religiosas e escolares, não se refere, portanto, apenas a observá-las nas expressões dos cultos religiosos e/ou na organização curricular, mas, implica a busca por compreensão de como a religiosidade mostra-se presente de forma direta e indireta na cultura escolar e nas diversas manifestações da sociedade.

[...] Independentemente da subjetividade e profundidade mística da experiência religiosa, institucionalizada ou não, o sagrado sempre possui um lado racionalmente compreensível e observável. A religiosidade não é totalmente mística e subjetiva, podendo ser acessada por diversas racionalidades. Mesmo que nenhuma delas consiga apreendê-la no todo, é possível um bom desenho de suas características. Busca-se, aqui, não observar a religião e tudo que a cerca como se todos seus elementos fossem místicos e fantasiosos, visão que recairia sobre uma

racionalização bruta de fenômenos sociais e individuais. Reforça-se, ainda, a observação de sua face institucional pautada por experiências pessoais e coletivas, negando a visão da religião como constituída unicamente de elementos inefáveis e indescritíveis (NECHI, 2010, p. 168).

Não estamos buscando entendimentos subjetivos religiosos e/ou juízos de conceitos sobre estes, mas estamos visando compreender sobre processos que contribuem com a formação da consciência histórica de sujeitos os quais, ao se orientarem no tempo, agem e interferem diretamente na construção da sociedade e da cultura. Desse modo propomos nossa pesquisa, nos valendo, como nossa principal fonte, do material didático adotado pela “Escola Allan Kardec”, *Escola Espírita “A Escola que Educa” – Planos de Curso e de Unidade*.

A escola *Allan Kardec*, (instituição filantrópica mantida pelas obras sociais – “Jorge Faim Filho”), por doações da comunidade e por meio de contratos com a prefeitura de Catalão – GO, encontra-se localizada em bairro periférico da cidade, *Jardim Paraíso*, atende, desde a crianças do bairro e demais localizações, com condições sociais menos favorecidas, até grupos de crianças pertencentes à classe abastada (as quais são matriculadas pelos pais/mães, por estes simpatizarem com a religiosidade espírita e/ou com os métodos de ensino adotados na escola), atendendo do Jardim I até o nono ano do ensino fundamental II.

No Brasil, apesar da aproximação com a classe popular, especialmente após a atuação do médium Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier), com base em Sinuê Neckel Miguel (2012), o Espiritismo continua a ser considerado uma religião professada por integrantes da classe média e por intelectuais, sendo mínima a existência de analfabetos seguidores da religião. Vejamos as seguintes informações publicadas no jornal eletrônico *Último Segundo*, em 29 de Junho de 2012, com o seguinte título, *IBGE: com maior rendimento e instrução, espíritas crescem 65% no País em 10 anos. Número de pessoas que se declaram espíritas no Brasil passou de 2,3 milhões em 2000 para 3,8 milhões em 2010:*

Os resultados do Censo 2010 sobre as religiões seguidas pelos brasileiros, divulgados nesta sexta-feira pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indicam importante diferença dos espíritas para os demais grupos religiosos. Segundo a pesquisa, os adeptos do espiritismo possuem as maiores proporções de pessoas com nível superior completo (31,5%) e taxa de alfabetização (98,6%), além das menores percentagens de indivíduos sem instrução (1,8%) e com ensino fundamental incompleto (15,0%). O espiritismo também foi uma das religiões que apresentaram crescimento (65%) desde o Censo realizado em 2000: passaram de 1,3% da população (2,3 milhões) em 2000 para 2% em 2010 (3,8 milhões). O aumento mais expressivo entre os espíritas foi observado no Sudeste, cuja proporção passou de 2% para 3,1% entre 2000 e 2010, um aumento de mais de 1 milhão de pessoas (de 1,4 milhão em 2000 para 2,5 milhões em 2010). O Estado com maior proporção de espíritas era o Rio de Janeiro (4,0%), seguido de São Paulo (3,3%), Minas Gerais (2,1%) e Espírito Santo (1,0%). Também na posição mais alta quando se analisa rendimento, 19,7% dos espíritas se declararam no

grupo das pessoas com rendimento acima de 5 salários mínimos. O Censo 2010 mostrou também que no segmento populacional que se declarou espírita, 68,7% eram brancos. [...]. (Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2012-06-29/ibge-com-maior-rendimento-e-instrucao-espiritas-crescem-65-no-pais-em-10-anos.html> Acesso em: 05 Jan. 2016).

Com base nos dados acima, destacamos a importância do letramento, da leitura para a religião espírita como mecanismo de evangelização. Nesse aspecto percebemos a importância atribuída ao espaço da escola pelos seguidores da religião, entendendo que a manutenção de escolas confessionais espíritas de acesso gratuito para a população, além de ser compreendida como um dos meios de exercer a caridade<sup>3</sup>, o ambiente escolar passa também a ser apreendido como importante espaço de evangelização.

Por tudo isso, propomos desenvolver um trabalho de pesquisa, com vistas a buscar compreender as aproximações e distanciamentos que existem entre as propostas e concepções de conceitos fundamentais da história, tais como, a temporalidade e a formação da consciência histórica presentes no material didático “Escola que Educa”, com os debates propostos essencialmente pelo filósofo Mikhail Mikhailovich Bakhtin, pelo historiador José Carlos Reis e pelo historiador e filósofo alemão Jörn Rüsen, autor base para as nossas compreensões acerca do conceito de consciência histórica.

Com base na teoria proposta por Rüsen (2010), A formação da consciência histórica, essencial para a orientação do sujeito no tempo, é complexa, perpassa pelo aprendizado formal e pelo informal. Com base no autor, a consciência é representada por quatro segmentos básicos, tradicional, crítica, exemplar e genética. Na perspectiva da consciência histórica tradicional, o sujeito segue, reproduz tradições. Na compreensão da consciência histórica exemplar, ele lida com exemplos passados e tenta os reproduzir no presente. Na perspectiva da consciência crítica, ele enfaticamente, rejeita a tradição, os “exemplos” passados. Enquanto, conforme a perspectiva da consciência histórica genética, faz-se uma elaboração mental através de entendimentos do passado, daquilo que é passível de permanecer no presente e também com o que é possível modificar e o que deseja-se romper.

Entretanto, não se pode dizer de posição estanque, pois, no processo de formação identitária do sujeito, ele pode, ao longo da vida, manifestar diferentes reações e posições diante o contexto que se apresente e que esteja inserido, pois, apesar de, em determinadas circunstâncias, um “tipo/segmento” da consciência histórica se sobressair ao outro, o tradicional, exemplar, crítico ou genético, para uma “orientação no tempo bem sucedida” os quatro tipos devem aparecer interligados uns aos outros:

---

<sup>3</sup> A importância da caridade é reforçada no espiritismo brasileiro mais do que no francês, local de origem deste.

Os quatro princípios pertencem a um contexto sistemático. Uma orientação histórica que dependesse exclusivamente de um deles não é pensável. Cada princípio traz forçosamente os demais e somente os quatro em conjunto constituem condição suficiente para a orientação bem-sucedida no tempo.

Os princípios estão interligados de forma extremamente complexa. Condicionam-se mutuamente e opõem-se ao mesmo tempo. Consistem um conjunto de relações dinâmicas, cujo formato varia conforme as circunstâncias sob as quais as orientações históricas se tornam necessárias na vida prática. Essa dinâmica corresponde à dinâmica temporal intrínseca à vida humana prática. Ela estabelece logicamente a historicidade interna das orientações históricas. Isto pode ser especificado, para a formatação historiográfica do saber histórico, como a correlação dos pontos de vista necessário à relação historiográfica aos destinatários do saber histórico (RÜSEN, 2010, p. 47 - 48).

Por fim, destacamos o nosso embasamento para a discussão sobre o Espiritismo, nos valem de leituras dos antropólogos Bernardo Lewgoy e Emerson Giumbelli, assim como, nos referenciamos em leituras de livros/textos da doutrina espírita, sobretudo os escritos por Allan Kardec e Francisco Cândido Xavier, em obras tais como, *O Livro dos Espíritos* (Allan Kardec), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (Allan Kardec), *Nosso Lar* (Chico Xavier), *A Caminho da Luz* (Chico Xavier).

Ao estabelecermos nossa proposta de pesquisa, a pensamos conforme os objetivos postos pelo programa de Mestrado Profissional em História da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão - GO, voltado não apenas para a formação de pesquisadores, mas, principalmente, para a prática docente, problematizando aspectos da realidade social que compõem os processos de ensino-aprendizagem, isto é, as inúmeras práticas de aprendizado, as quais não se restringem à relação com a educação formal; nesse aspecto tentar entender a interferência de conceitos religiosos na formação de agentes sociais, por meio de propostas em material didático, implica compreender para qual/quais objetivos de construção de sociedade pretende-se orientar as ações destes.

Para tanto desenvolvemos o nosso trabalho centrado em três capítulos, no primeiro, “Contexto Histórico e a Formação Identitária do Espiritismo”, abordamos sobre o contexto histórico e a dogmatização desse na França no século XIX, como proposta tríplice: religião, filosofia e ciência (positivista), o alto alcance de adeptos e simpatizantes entre membros da burguesia intelectualizada, os quais perceberam no Espiritismo uma proposta de religiosidade de vanguarda. A ênfase nos conceitos de cientificidade e filosofia, comparação entre o pensamento filosófico do Espiritismo com a filosofia da História proposta por historiadores alemães e franceses, os processos de aproximações e distanciamentos sem haver menção do espiritismo à filosofia da História e vice-versa.

Em seu aspecto religioso, debatemos a consolidação do espiritismo como religião cristã, porém, em oposição às religiões católica e protestante, especialmente em relação ao catolicismo.

Ainda, no primeiro capítulo, refletimos sobre as transformações identitárias do espiritismo no século XX, impulsionadas pela construção dessa religiosidade no Brasil, a qual passou a influenciar demais adeptos da religiosidade em escala internacional, inclusive, os seguidores franceses; destacamos, nesse processo de transformação, a aproximação de populares à religiosidade, intensificada dentre outros elementos, por meio da implantação de escolas confessionais espíritas, da narrativa harmônica entre espiritismo e a religião católica.

No capítulo II, “A Escola Confessional no Brasil”, refletimos sobre os principais elementos que norteiam a existência e manutenção, na forma da Lei, de escolas confessionais religiosas no Brasil e de escolas espíritas no conjunto delas, destacando a problemática quanto ao repasse de verba pública para tais instituições, abordamos sobre a associação entre a Escola “Allan Kardec” e a prefeitura de Catalão - GO.

Considerando que a nossa principal fonte de análise, o material didático admitido em escolas espíritas como referencial teórico/curricular, “Escola que Educa”, destina-se exclusivamente às professoras e aos professores do ensino fundamental I, ressaltando que, na escola com a qual estamos mantendo diálogo (“Allan Kardec”), não tem material didático semelhante para o ensino fundamental II. Buscamos, no terceiro e último capítulo, refletir sobre o entendimento da relação de ensino e aprendizagem durante a infância, na visão espírita, como se pode relacionar essa compreensão com o conceito de consciência histórica a partir da teoria defendida por Rüsen; pois estamos considerando que, além da abordagem sobre a criança e o processo de ensino-aprendizagem, configurarem, em alguns dos textos analisados, ponderamos também, como fator importante, o possível entendimento para as motivações, na ênfase das escolas espíritas, ao adotarem material didático específico para os docentes apenas do ensino fundamental I.

Por fim, centramos nossas análises em três parábolas previamente selecionadas, visando à compreensão sobre temporalidade e a organização humana no tempo (constituição da consciência histórica e da identidade), e, através do desenvolvimento desse debate, refletimos sobre as múltiplas possibilidades de problematização oferecidas ao utilizar-se parábolas como instrumento pedagógico.

As parábolas selecionadas são: *A Laranja*, compõe a unidade “Tempo” da apostila destinada aos docentes do segundo ano; *O Parque*, presente na apostila do segundo ano, unidade: “A Escola”; na apostila do terceiro ano, unidade: “Onde vivemos na sociedade”; na apostila do quarto ano, unidade: “O Meio ambiente do município”; *A Semente* encontra-se também presente nas apostilas do segundo ano, unidade: Onde moro; terceiro ano, unidade: “Onde vivemos na sociedade” e quarto ano, unidade: “População do município”.

A escolha das parábolas foi realizada seguindo os seguintes critérios, dentre os temas em que propomos discutir, temporalidade e consciência histórica representam nossa temática central,

portanto, selecionamos o texto *A Laranja*, o qual compõe a unidade “Tempo” da apostila didática destinada ao segundo ano.

Mencionada unidade traz demais sugestões/bibliografias sobre a temática temporalidade, passíveis de serem problematizadas, contudo, neste momento, não as analisamos pelo fato de que o nosso recorte reporta-se em analisar parábolas presentes nas apostilas.

Quanto à seleção das parábolas, *O Parque* e *A Semente* foi baseada na seguinte problemática, ao observamos que os dois textos citados foram os que mais apareceram como proposta para serem trabalhados, acompanhando diferentes conteúdos e, em anos (séries) distintos (as), nos interrogamos sobre quais elementos da consciência histórica podemos inferir que se pretende reforçar nas aulas de História e Geografia do ensino fundamental I, por meio do material didático? Sobre quais possíveis compreensões/ensinamentos pretende-se reforçar, na formação da consciência histórica de educandos e educandas, por meio da ênfase em tais textos? Quais conteúdos são abordados nesses textos que, possivelmente, os fez aparecer tantas vezes como proposta de discussão acompanhando conteúdos distintos? Quais ideais não apenas religiosos, mas, podemos entender, políticos, culturais, sociais, pretende-se reforçar por meio de mencionados textos?

## I CONTEXTO HISTÓRICO E FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO ESPIRITISMO

### I.I O Surgimento do Espiritismo na França no Século XIX: Ênfase nos conceitos de Cientificidade e Filosofia

O espiritismo foi dogmatizado na França por *Hipollite Léon Denizard Rivail*, conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec, em 1857, com a publicação do *O Livro dos Espíritos*. Composto por mais de 600 páginas contendo mais de 1.000 perguntas e respostas (essas atribuídas a diversos espíritos denominados de *luz*). Consta na divulgação do livro que, para a sua elaboração, seguiu-se critérios adotados pela ciência positiva, afirmando-se que as mesmas interrogações foram feitas por diferentes médiuns, sem que estes mantivessem contato entre si, as perguntas e as respostas foram posteriormente reunidas por Kardec, que, depois de confirmar a igualdade entre as respostas, o que atestaria a veracidade das escritas, as compilou em *O Livro dos Espíritos*.

O livro é composto por 1.019 questionamentos e respostas, organizados em quatro partes, “Parte Primeira – Das Causas Primárias”; “Parte Segunda – Do Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos”; “Parte Terceira – Das Leis Morais” e “Parte Quarta – Das Esperanças e Consolações”, subdivididas em temas que abarcam, desde a compreensão de Deus, conforme consta o capítulo I (parte primeira), “Deus – Deus e o Infinito; Provas da existência de Deus; Atributos da Divindade; Panteísmo”, perpassando por temáticas consideradas místicas ou, as quais, frequentemente, são abordadas por meio de narrativas místicas, tal como no capítulo VIII (parte segunda), “Da Emancipação da Alma - O Sono e os Sonhos; Visitas espíritas entre pessoas vivas; Transmissão oculta de pensamento; Letargia, Catalepsia, Mortes Aparentes, Êxtase; Dupla Vista; Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista”, até a abordagem de temas considerados como foco entre os debates de cunho político, por exemplo, o capítulo IX (parte terceira), “Da Lei de Igualdade – Igualdade Natural; Desigualdade das Aptidões; Desigualdades Sociais; Desigualdades das Riquezas; As provas de riqueza e de miséria; Igualdades dos direitos do homem e da mulher; Igualdade perante o túmulo”. (KARDEC, 2008).

Ao apresentar, na organização do livro, as denominadas Leis, entendemos que Kardec as elaborou conforme a proposta/modelo de organização da ciência positiva, a qual se posicionava por meio de conceitos denominados de “Leis”, uma vez que o Espiritismo surgiu na França em meados do século XIX, como proposta de religião que agregava a cientificidade e a filosofia.

No total são 12 Leis que integram o livro, *Da Lei Divina ou Natural; Da Lei de Adoração; Da Lei do Trabalho; Da Lei de Reprodução; Da Lei de Conservação; Da Lei de Destruição; Da Lei de Sociedade; Da Lei do Progresso; Da Lei de Igualdade; Da Lei de Liberdade; Da Lei de Justiça, de Amor e de Caridade; Da Perfeição Moral* (KARDEC, 2008, p. 09-11).

Dessa forma, o espiritismo, ao ser dogmatizado na França, no século XIX, posicionava-se

como religião, ciência e filosofia, tratando sob o prisma da razão diversos temas debatidos, efervescentemente, ao longo desse século. Enaltecendo como critério de comprovação da veracidade da nova doutrina, métodos utilizados pela ciência positiva, tal como a repetição do “experimento”, para que, se os resultados fossem equivalentes nas diversas vezes que testado, corresponderiam à importante base de comprovação da verdade científica.

Nesse aspecto, conforme é consenso entre os/as seguidores/seguidoras, do espiritismo, *O livro dos Espíritos* teria a confiança de suas informações atestadas, ao comprovar que as mesmas perguntas foram feitas por médiuns que não se conheciam, sendo de diferentes regiões e tendo obtido as mesmas respostas. Através do livro, pretendia-se, também, por meio de critérios lógicos (da razão), explicar temas, até então, fortemente abordados pela narrativa mística, tal como a presença dos “mortos” entre as pessoas vivas.

Em seguida, integrando os cinco livros base da doutrina espírita, foram publicados por Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns (1861)*; *O Evangelho Segundo o Espiritismo (1864)*; *O Céu e o Inferno (1865)* e *A Gênese (1868)*. (Federação Espírita Brasileira [FEB], <http://www.febnet.org.br/blog/geral/divulgacao/downloads-divulgacao/obras-basicas/>. Acesso em 22 Jul. 2015).

O espiritismo nascente, conforme Lewgoy (2008), teve o seu desenvolvimento por meio de membros da intelectualidade burguesa do século XIX. Kardec, na visão do autor, se configurou “como um homem das luzes”, incorporando, de forma rara, os ideais sociais (ou de uma parcela da sociedade), do período:

Allan Kardec, o criador do espiritismo, encarnou como poucos o ideal racionalista do século XIX, quando a ciência, a filosofia da História e o determinismo passaram a tomar o lugar do voluntarismo subjetivo na imaginação moral. Como se depreende do Livro dos Espíritos, muito da sua figura tem a ver com a austeridade burguesa da época; e seu ideal de ciência experimental, aplicado à religião, é profundamente marcado pelo positivismo: a importância transcendental do método, a ontologia intersubjetiva dos experimentos, a exposição didática das respostas. Nesse primeiro sentido, Kardec foi um homem das luzes, que criou uma religião altamente relacionada com os ideais de sua época: a laicidade, o progresso e o espírito científico, tendo atraído cientistas e literatos. Nesse sentido, o espiritismo anunciava-se como uma religião natural, o que originou uma tensa e não resolvida relação entre demonstração experimental e revelação, que significa que seu prestígio era dependente da simpatia da comunidade intelectual pelo fenômeno. (LEWGOY, 2008, p. 85 – 86).

Em reportagem relativamente recente (Novembro de 2013) à Revista *Isto É*, Andres Vera, com o título “O papa dos espíritas - Como o cientista francês Hippolyte Rivail se tornou, aos 53 anos, Allan Kardec, criador da doutrina espírita e fonte de inspiração do médium brasileiro Chico Xavier” fez as seguintes considerações sobre o surgimento do espiritismo em meio ao ceticismo francês do século XIX:

[...] “A pessoa que estudar a fundo as ciências rirá dos ignorantes. Não mais crerá em fantasmas ou almas do outro mundo.” Era assim que o professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, membro de nove sociedades científicas e autor de cerca de 20 livros sobre pedagogia na França do século XIX, resumia seu ceticismo. Intelectual respeitado, ele vivia em um universo no qual a ciência estava em ebulição, em meio a discussões sobre eletromagnetismo, motor a vapor e lâmpada incandescente. Apesar disso, tornou-se o criador da doutrina espírita tal qual ela está sistematizada hoje, que crê, entre outras coisas, na reencarnação e na comunicação entre vivos e mortos. [...]. “Kardec precisou ir além da religião para criar uma doutrina inteira em apenas 13 anos”, diz o autor (Marcel Souto Maior.). De 1857, ano de sua conversão, aos 53 anos, a 1869, quando morreu de aneurisma cerebral, o francês já havia arrebatado sete milhões de seguidores no mundo. Um número impressionante para um planeta com então 1,3 bilhão de habitantes e comunicação precária. Os créditos da velocidade recaem sobre o próprio. “Ele alcançou isso porque dava tratamento científico aos estudos e sabia divulgá-los”, afirma Souto Maior. (Disponível em: [http://www.istoe.com.br/reportagens/332712\\_O+PAPA+DOS+ESPIRITAS](http://www.istoe.com.br/reportagens/332712_O+PAPA+DOS+ESPIRITAS) Acesso em: 06 Jan. 2016).

Desse modo podemos afirmar que Kardec foi um homem de seu tempo, a nova doutrina religiosa fundada por ele manteve discussões coerentes com o principal conceito aclamado pelos intelectuais contemporâneos de Allan Kardec (especialmente os franceses), ou seja, o valor da verdade atestado pela ciência. Além da associação entre a religião e a ciência, o fundador do espiritismo também não perdeu a ênfase na filosofia, rejeitada ou colocada em segundo plano por alguns grupos de intelectuais do século XIX.

Nas principais obras da codificação espírita, organizadas por Kardec (ele mesmo não se reconhecia como autor das obras, mas sim como um compilador das mensagens ditadas por espíritos diversos), as menções realizadas a diversos intelectuais eram majoritariamente destinadas a intelectuais pretéritos, entre estes destacamos Platão e Santo Agostinho.

Com base em leituras nos livros da codificação espírita, não há, nessas obras, menções aos intelectuais da historiografia, contemporâneos de Allan Kardec. Contudo, conforme observamos no debate proposto por José Carlos Reis, a perspectiva de construção do conhecimento e também desenvolvimento da sociedade, em Kardec, é coerente com as perspectivas defendidas pelos principais grupos de historiadores, especialmente os franceses do século XIX.

As transformações sociais e culturais do século influenciaram a tomada de nova consciência dos mais renomados grupos de historiadores, a escrita da História, o método de pesquisa histórica, aproximaram-se dos conceitos da ciência positiva, dos métodos utilizados pelas ciências exatas, buscavam-se as relações de causa e efeito dos fatos históricos de forma objetiva, ao mesmo tempo em que se tentava negar a aproximação entre a filosofia e a historiografia, negarem-se as relações metafísicas como objeto de pesquisa do historiador. “A partir de então, só se quis conhecer as relações de causa e efeito, expressas de forma matemática. É a isto que ‘chamavam de conhecimento positivo’: observar os fatos, constatar suas relações, servir-se delas para a ciência

aplicada” (LEFEBRE apud REIS, 1999, p. 05).

A concepção de tempo foi estabelecida como de ruptura, tentou-se separar os acontecimentos do passado com o presente, compreendendo que os fatos ocorridos no passado permaneceriam irreversíveis e sem interferências no presente, cabendo ao historiador apenas organizar, registrar, de forma neutra e objetiva, o que estava posto nos documentos escritos e oficiais. Nesse aspecto, cada momento histórico era único e impossível de ser repetido, ao historiador não cabia a competência de julgá-los, tampouco problematizar os acontecimentos pretéritos, negando-se também a possibilidade de menções ao futuro a partir dos estudos historiográficos.

Esse novo posicionamento dos intelectuais da História rendeu-lhes posição privilegiada entre os demais grupos de estudiosos:

[...] O método histórico tornou-se guia e modelo das outras ciências humanas. Os historiadores adquirem prestígio intelectual e social, pois tinham finalmente estruturado seu conhecimento sobre bases empíricas positivas. Aqui se deu o nascimento de uma nova consciência histórica: a que enfatiza as “diferenças humanas no tempo” (REIS, 1999, p. 05-06).

Conforme Reis (1999) essa guinada da historiografia, essa nova tomada de consciência tiveram como seus maiores representantes os historiadores alemães, essa nova fase de compreensão da escrita da História foi denominada de História positivista, metódica. Entretanto o conceito de História positivista é negado pelo autor, pois, conforme esse, o conceito de positivismo abordado por Comte não é totalmente assimilado pelos historiadores do século XIX. Dessa forma, a historiografia do século XIX, apesar de ter sido consideravelmente influenciada pelo positivismo Comtiano, não o incorporou por completo, não cabendo, portanto, o título de “História positivista”.

A Alemanha produziu a filosofia da História e seu antídoto: Hegel e Ranke são, respectivamente, os maiores representantes da história e da história científica. Foi na Alemanha, a partir do início do século XIX, que se desenvolveu a crítica histórica, utilizando o método erudito, que os franceses tinham criado nos séculos XVI e XVII. Os representantes mais eminentes dessa mudança na produção histórica alemã foram L. Von Ranke e B. Niebuhr, que exercerão uma influência capital sobre a historiografia europeia no século XIX (REIS, 1999, p. 12).

A historiografia alemã do século XIX preocupou-se, essencialmente, com o conceito de verdade objetiva. Era necessário que o historiador, valendo-se de metodologia científica semelhante à utilizada pelas ciências naturais, resgatasse as verdades históricas ditas pelos documentos. Para tal, “o cientista da história”, no momento de sua pesquisa, teria que ser isento de julgamentos, distanciando-se dos conceitos de cultura, religiosidade, política, com os quais comungava. Somente dessa forma, alcançaria os resultados exatos sobre os acontecimentos passados, tais como eles

ocorreram.

O princípio da observação constitui a distinção essencial entre a abordagem científica, e a abordagem filosófica. Ao abandonar a influência da filosofia e pretender assumir uma forma científica, o conhecimento histórico aspira à “objetividade” – A questão que se põe, então, não é da universalidade ontológica da história – objeto, mas a da possibilidade de se chegar a uma universalidade epistemológica. A mudança é substancial: a questão da universalidade não pertence mais ao objeto, mas ao conhecimento. A história científica quer ser “objetiva”, isto é, quer formular enunciados adequados ao seu objeto e que sejam válidos para todo tempo e lugar, como ela estimava que faziam as ciências naturais. (REIS, 1999, p. 07).

Os historiadores alemães objetivavam propor “leis” tal como pretensão pelas ciências naturais, que fossem válidas para todos os povos, independente da cultura, do tempo e espaço, porém a construção da História como ciência pretendia ser realizada de forma autônoma, inclusive, distinguindo-se em suas especificidades das ciências naturais, negavam, veementemente, a filosofia e os conceitos iluministas em vista da construção e consolidação da objetividade e cientificidade da historiografia. Nesse aspecto ressaltamos a contradição da epistemologia da “História ciência”, ao tentar negar a interferência da filosofia na escrita da História, um novo conceito filosófico da História estava sendo proposto:

Dilthey problematiza Ranke: se para este a “objetividade” do conhecimento histórico era considerada possível, realizável, através do método erudito, do apego aos fatos “objetivos”, para aquele é exatamente este otimismo objetivista que põe problemas. Ranke reivindica o caráter científico de sua história objetiva baseado no rigor de uma metodologia. Entretanto, esta metodologia levou à formulação de questões epistemológicas: o método crítico bastaria para garantir um conhecimento objetivo? Se é, quais seriam as regras a serem respeitadas? Assim, o problema da objetividade deixa de ser tecnológico e passa a ser filosófico. A filosofia retorna à história, mas de forma Kantiana. A filosofia crítica da história tentará superar os complexos problemas epistemológicos que o conhecimento histórico põe. Seu objetivo é estabelecer um conjunto de critérios que singularize o conhecimento histórico, tornando-o independente dos modelos de objetividade da física e afastando-o da filosofia especulativa. Este é o projeto da filosofia crítica da História [...]. (REIS, 1999, p. 27).

O espírito de cientificidade também influenciou os historiadores franceses do século XIX, contudo, “os ‘positivistas’ franceses praticarão os mesmos princípios defendidos por Ranke, mas traduzidos para o espírito francês. Se Ranke esconde Hegel, a filosofia da história implícita na historiografia metódica francesa será iluminista.” (REIS, 1999, p. 15). Observamos que essa diferença da epistemologia da História entre alemães e franceses, apesar de ambos promulgarem a “História ciência”, deve-se, essencialmente, pela influência do contexto histórico vivido pelos dois povos em referido período.

A disputa política territorial era evidente entre ambos os povos (alemães e franceses), com

base em Reis, o historiador francês Lucien Febvre observou e destacou que o reflexo dos franceses derrotados pelos alemães é evidenciado na historiografia francesa dos anos 70 do século XIX. Para o historiador, essa aparecia de forma intimidada e humilhada. Contudo, a base de desenvolvimento da escrita da História na França será sustentada pelo pensamento iluminista, da evolução gradual, do progresso que se desenrola de forma linear, ou seja, isso implica no entendimento de que, apesar de não ser possível reverter a derrota sofrida por uma nação, se esta mantiver a unificação de seu povo, conduzida por líderes esclarecidos, pautados nos critérios da razão, gradualmente atingirá o desenvolvimento, o progresso almejado.

Portanto, a sustentação do pensamento iluminista, para a historiografia francesa, contribuía para a diminuição do sentimento de humilhação, sobretudo experimentado pelos franceses após a derrota para os alemães na Guerra Franco – Prussiana (19 de julho de 1870 - 10 de maio de 1871). A história “positivista” que se pretendia neutra, com verdades que sobressaíssem à temporalidade e ao local, isenta das influências culturais, sociais e políticas, estava carregada pelos conflitos localizados no tempo e no espaço.

Dessa forma, características sociais, culturais e políticas que foram base de sustentação para a epistemologia da História francesa no século XIX, também foram pilares para a confirmação da nova doutrina religiosa dogmatizada por Allan Kardec, que promulgou uma religião em conformidade com a ciência (com características positivistas) e a filosofia, que defendia preceitos iluministas e tal como a historiografia francesa defendia o desenvolvimento evolutivo de forma gradual. Para o espiritismo, entendendo-se as crises e derrotas como uma providência de Deus para o próprio crescimento do povo por meio do impulso transformador provocado por tais abalos:

783 – O aperfeiçoamento da humanidade segue sempre uma marcha progressiva e lenta?

- Há o progresso regular e lento que resulta da força das coisas. Mas quando um povo não avança muito depressa, Deus lhe suscita, de tempos em tempos, um abalo físico ou moral, que o transforma.

O homem não pode ficar, perpetuamente, na ignorância, porque deve atingir o fim marcado pela Providência: ele se esclarece pela força das coisas. As revoluções morais, como as revoluções sociais, se infiltram pouco a pouco nas ideias e germinam durante os séculos; de repente, estouram e fazem ruir o edifício carcomido do passado, que não está mais em harmonia com as necessidades novas e as novas aspirações. (KARDEC, 2008, p. 245 – 246).

Nos livros da codificação espírita, não há referências aos historiadores franceses do século XIX, porém entendemos as semelhanças epistemológicas principalmente em relação à compreensão de temporalidade, impulsionada pelo contexto histórico francês, a proposta religiosa promulgada por Kardec soube ter bom diálogo com os anseios da sociedade de seu tempo, não foi uma proposta revolucionária que almejasse rupturas estruturais, mas, pregava o desenvolvimento social por meio

do deslançar da inteligência (intelectualidade) e da moral;

- 780 – O progresso moral segue sempre o progresso intelectual?  
- É sua consequência, todavia, não segue sempre imediatamente.  
- Como o progresso intelectual pode conduzir ao progresso moral?  
- Fazendo compreender o bem e o mal: o homem, então, pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio segue o desenvolvimento da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos.  
- Como ocorre, então, que os povos mais esclarecidos sejam, frequentemente, os mais perversos?  
- O progresso completo é o objetivo, mas os povos, como os indivíduos, não o alcançam senão passo a passo. Até que o senso moral se tenha neles desenvolvido, eles podem mesmo se servir de sua inteligência para fazer o mal [...]. (KARDEC, 2008, p. 245).

Por fim, além dessas características de religião associadas aos debates da ciência, aos principais anseios de importantes grupos de intelectuais, outro elemento importante trazido pelo espiritismo foi a alternativa religiosa dentro do cristianismo, que não fosse as religiões católica e protestante, especialmente, considerando a forte resistência sofrida pelo catolicismo dentre os membros da burguesia e intelectuais franceses do período.

## **I.II O Espiritismo Como uma Proposta de Religião Cristã**

Conforme a leitura de variadas obras espíritas, com foco nos livros, *O Livro dos Espíritos* (2008), *O evangelho Segundo o Espiritismo* (2000) e *Nosso Lar* (2009), o espiritismo, ao afirmar-se como uma religião cristã, postulou-se também como o consolador prometido por Cristo, a terceira revelação, antecedida por Moisés e Jesus. Nesse aspecto a compreensão de passado, presente e futuro, aparece na leitura sobre o desenvolvimento do espiritismo como a terceira revelação, acompanhando acontecimentos históricos tais como a existência (ou narrativa de existência) de Moisés e Jesus Cristo, com ações no presente voltadas para a construção de determinada sociedade futura almejada (a existência de Moisés, neste caso, iniciaria ensinamentos que se desdobraria na passagem de Jesus pela Terra, e, por fim, “completando” esses ensinamentos, seria revelado o espiritismo).

Com base nessa leitura, o planeta Terra não é o único onde existe vida, nem tampouco exclusivo de habitação humana, para a religião espírita, há planetas habitados dentro e fora de nossa galáxia, dentre os planetas habitados na Via Láctea, divididos em grupos hierárquicos de sete “compartimentos”, corresponde à escala máxima os planetas que ocupam a categoria *Paz e Amor*, habitados por espíritos perfeitos. O planeta Terra encontra-se na terceira divisão, na escala de *Expição e Aprovação*, contudo, em pleno momento de transformação, para passar à categoria de

## *Regeneração.*

Entretanto, conforme o dogma espírita, o “projeto” de desenvolvimento da humanidade, mesmo que tenha sido pensado e colocado em prática na Terra a partir de Moisés, destacando-se após a (re) encarnação de Jesus, pode vir sofrer retrocessos (atrasos), pois existe, nos seres humanos, o livre arbítrio.

Em seu aspecto religioso, o espiritismo centra-se na “imagem” de Jesus, propondo a seguinte compreensão sobre este: após sucessivas reencarnações em outros planetas e atingindo o grau de evolução de espírito puro, Jesus Cristo recebeu a missão do Pai (Deus), criador do Universo, para que construísse e governasse a Terra, conforme consta no livro, *A Caminho da Luz*:

Sim, Ele havia vencido todos os pavores das energias desencadeadas; com as suas legiões de trabalhadores divinos, lançou o escopro da sua misericórdia sobre o bloco de matéria informe, que a Sabedoria do Pai deslocara do Sol para as suas mãos augustas e compassivas. Operou a escultura geológica do orbe terreno, talhando a escola abençoada e grandiosa, na qual o seu coração haveria de expandir-se em amor, claridade e justiça. Com os seus exércitos de trabalhadores devotados, estatuiu os regulamentos dos fenômenos físicos da Terra, organizando lhes o equilíbrio futuro na base dos corpos simples de matéria, cuja unidade substancial os espectroscópios terrenos puderam identificar por toda a parte no universo galáxico. Organizou o cenário da vida, criando, sob as vistas de Deus, o indispensável à existência dos seres do porvir. Fez a pressão atmosférica adequada ao homem, antecipando-se ao seu nascimento no mundo, no curso dos milênios; estabeleceu os grandes centros de força da ionosfera e da estratosfera, onde se harmonizam os fenômenos elétricos da existência planetária, e edificou as usinas de ozônio a 40 e 60 quilômetros de altitude, para que filtrassem convenientemente os raios solares, manipulando lhes a composição precisa à manutenção da vida organizada no orbe. Definiu todas as linhas de progresso da humanidade futura, engendrando a harmonia de todas as forças físicas que presidem ao ciclo das atividades planetárias. (XAVIER, 1996, p. 21-22).

Ainda, conforme afirmações presentes no livro, *A Caminho da Luz* (psicografado por Chico Xavier, atribuído ao espírito de Emmanuel):

Sob a orientação misericordiosa e sábia do Cristo, laboravam na Terra numerosas assembleias de operários espirituais. Como a engenharia moderna, que constrói um edifício prevendo os menores requisitos de sua finalidade, os artistas da espiritualidade edificavam o mundo das células iniciando, nos dias primevos, a organização das formas organizadas e inteligentes dos séculos porvindouros. (XAVIER, 1996, p. 25).

Portanto, conforme a doutrina espírita, ao contrário da crença do planeta Terra construído em sete dias, a edificação da Terra projetada e liderada por Cristo, ainda se encontra em processo de construção, até que alcance a elevação máxima a *sétima categoria*, passando, dessa forma, a integrar o grupo de planetas que ocupam a *esfera Paz e Amor*, sendo habitado por espíritos puros, um *projeto* previsto para ser realizado daqui a milhares, bilhões de anos porvindouros. Neste

aspecto, é necessário que, para a evolução da humanidade, além do desenvolvimento moral (leia –se do amor fraterno) é necessário o desenvolvimento intelectual. Nesse sentido a importância do desenvolvimento da cultura letrada para a religião espírita e a atual justificativa de que não é casual ser justamente no Brasil onde se concentra a maior produção intelectual espírita, pois, conforme leituras do livro, *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, é o país escolhido por Cristo para ser o centro de desenvolvimento da religião espírita.

### **I.III Século XX: a Influência do Espiritismo Brasileiro Em Escala Internacional – Reestruturação Identitária do Espiritismo.**

No Brasil os primeiros adeptos da religião manifestaram-se ao longo dos anos finais do período imperial, especificamente, entre os membros da elite carioca; conforme Lewgoy (2008), no país, atualmente, se concentra o maior número de seguidores do espiritismo, assumindo características próprias, principalmente após a atuação da Federação Espírita Brasileira, em conjunto com as ações do líder religioso Francisco Cândido Xavier, sendo, hoje, a maior influência do espiritismo em escala mundial, ressalvando que, inclusive, a França recebe influência do “espiritismo brasileiro”.

Ainda, com base no autor, a produção intelectual espírita no Brasil é representada, principalmente, tanto por atuações da Federação Espírita Brasileira (FEB), 100 editoras especializadas, pelas obras dos médiuns Chico Xavier, com mais 450 livros publicados (a maioria de suas psicografias são atribuídas aos espíritos de André Luiz e Emmanuel) e Divaldo Franco (considerada como sua principal mentora, Joanna De Angelis), com mais de 150 livros publicados e inúmeras conferências internacionais, inclusive, tendo fechado em 2004 como conferencista, o IV Congresso Espírita Mundial, efetivado pelo Conselho Espírita Internacional, realizado em Paris, em homenagem ao bicentenário de Allan Kardec.

Em relação à importância da Federação Espírita Brasileira para a consolidação da religião e representação de importante órgão de divulgação e manutenção da doutrina espírita em cenário nacional e internacional, destacamos a seguinte consideração:

Com exceção do mundo francófono, é a Federação Espírita Brasileira que fornece o sustento intelectual, ritual e doutrinário para os Kardecistas. Através de sua editora, a FEB se encarregou da tradução de obras espíritas para diversas línguas. Além disso, ela promove cursos de formação de dirigentes, divulgadores, médiuns e oradores espíritas em sua sede, em Brasília, oferecendo vasta bibliografia técnica de apoio às atividades ordinárias de centros espíritas (envolvendo formação, organização e administração de centros espíritas aspectos legais, realização de

congressos, articulação de federações). Isto permite lançar as bases de reprodução de seu modelo nos diversos países através de uma ampla oferta de infra-estrutura, material bibliográfico e referências exemplares para a prática cotidiana de passes, atendimento fraterno, estudo sistematizado da doutrina espírita, desenvolvimento mediúnico, desobsessão, evangelização infantil e ações de caridade. (LEWGOY, 2008, p. 92).

As ações da FEB contribuem, veementemente, para a formação identitária do espiritismo no Brasil, porém a identidade espírita no país encontra-se em intenso processo de transformações e redefinições, sendo que, nesse contexto, há forte atuação por parte de adeptos da religião de “resgate” às raízes kardequianas, incluindo, reforço, na ênfase aos estudos, e “uma depuração das influências católicas no kardecismo, como a representada pelo Culto do Evangelho no Lar (cuja proposta é substituí-lo por “estudo”, termo que não conotaria adoração)” (LEWGOY, 2008, p. 88). Contudo, longe de expressar unanimidade, esse embate, encontra agudas oposições, tal como aqueles que identificam o espiritismo com as tendências da Nova Era.

A FEB adquiriu hegemonia no movimento espírita brasileiro a partir de 1949, depois de campanhas nas quais a atuação e promoção de Chico Xavier cumpriu um papel central. A FEB continua, sem dúvida, hegemônica no atual período, mas há um amplo debate interno entre os espíritas e diversas organizações e dissidências, além da própria influência do individualismo psicológico da Nova Era. É preciso frisar que as conjunturas e conflitos que opunham o espiritismo à Igreja Católica assim como reforçava seus nexos com nacionalismo estatista, esgotou-se com o Concílio Vaticano II e com o fim da ditadura militar brasileira. Não por acaso, vários espíritas estiveram ligados ao Estado Novo e, posteriormente ao regime militar de 1964. Esse esgotamento do modelo de espiritismo da FEB promoveu curiosas reações puristas de volta às origens kardequianas, assim como movimentos opostos em direção às terapias novaeristas, à intensificação do psicologismo na reflexão de espíritas e, por último, mas não menos importante, à afirmação de um compromisso de envolvimento social e educacional nas campanhas das federações espíritas regionais. A antiga ética do carma como sacrifício e aceitação do destino parece estar suavemente acomodando-se aos imperativos de bem-estar e autoestima, característicos da religiosidade pós-moderna. A importante presença da crença na reencarnação na população brasileira constitui uma fonte na qual pólo sincrético do espiritismo se alimenta [...]. (LEWGOY, 2008, p. 88).

Nesse contexto de dissidências e contradições entre os seguidores da doutrina, assim como de oscilações em relação à atuação da FEB, apesar de sua inegável influência, a trajetória do médium mineiro Francisco Cândido Xavier, na constituição identitária do espiritismo contemporâneo, é outro aspecto importante de ser ressaltado.

Bernardo Lewgoy, em seu artigo *Chico Xavier e a Cultura Brasileira*, ao analisar a biografia e trajetória do médium brasileiro, busca entendimentos da formação de identidade do espiritismo no Brasil, no século XX, a partir de influências do médium, por sua vez, fortemente marcado pela presença da imagem materna.

O lugar de destaque absoluto de Chico Xavier no espiritismo brasileiro, o nível de fabulação em torno de sua vida por parte de seus leitores, admiradores, adversários ou simplesmente curiosos, a redundância das histórias contadas numa razoável quantidade de biografias escritas, tudo isto sugere a operação de um esquema mítico. Ponto de inflexão na história do movimento espírita, o mito Chico Xavier opera em mais de um nível, tendo contribuído tanto para firmar um paradigma de práticas religiosas não anteriormente estabelecidas, como o “Culto do Evangelho no lar”, quanto para estabelecer um conjunto autônomo de referências para a escrita espírita no Brasil, a partir dos anos 40. Saliento que, ao interpretar algumas linhas mestras da construção mítica em Chico Xavier, não tenho um interesse historiográfico ou mesmo de biógrafo em “diferenciar a vida da obra”. Ambas pertencem ao mesmo “texto” como camadas indissociáveis de uma construção para determinadas repercussões concretas, sociais e históricas, da circulação de ideias, narrativas e textos de sua autoria, na medida em que impliquem novidade e transformação na consciência e na prática do Kardecismo no Brasil. (LEWGOY, 2001, p. 54).

Ao referenciar o esquema mítico em torno de Chico Xavier, o autor refere-se à conotação entre o médium e os entendimentos de santidade, do caxias, da vivência do cristianismo através do sacrifício, da renúncia e da doação ao próximo, considerando que, “dificilmente uma vida reuniu numa única pessoa a renúncia e a adequação resignada às normas de disciplina no mundo secular” (LEWGOY, 2001, p. 55). A vida de Chico Xavier é interpretada por seguidores do espiritismo e simpatizantes como de um dos maiores exemplos de atos de paciência e perdão ao próximo, caracterizados desde a infância de Chico, que, ainda em tenra idade, aos cinco anos, logo após a morte de sua mãe, foi morar com a sua madrinha, Rita de Cássia, período em que passou por diversas situações de humilhações e castigos físicos, até aos atos de intolerância que marcaram a trajetória do médium, tais como as inúmeras acusações de plágios, pacto com o demônio, dentre outros. Contudo a imagem do homem modesto, com constante sorriso no rosto, e na companhia/auxílio de pessoas pobres, o fez ser comparado à representação de São Francisco.

A construção simbólica, em que se associa a imagem do médium com referenciais de simplicidade e humildade, contribuiu para a aproximação de populares em relação à doutrina espírita, característica, até então, pouco existente, pois os seguidores de referida doutrina eram quase que, em sua totalidade, pessoas pertencentes à classe média (intelectuais urbanos) e os denominados membros da elite social; assim como o principal referencial de cultura defendido e promulgado pelo espiritismo trata-se da cultura erudita.

Contudo Chico Xavier, ao aproximar-se da classe popular, não perdeu o viés de promulgação da fé espírita, por meio da valorização da cultura erudita, da cultura letrada, por exemplo, a ênfase no trabalho de disseminação da doutrina espírita, através de publicações de livros, tendo o médium publicado mais de 450 livros atribuídos a espíritos diversos, dentre os quais se destacaram como seus principais mentores, Emmanuel e André Luiz. Aquele conhecido por sua

postura rígida, de disciplina militarizada, contribuiu para o entendimento do médium como o caxias, estando sempre submetido às ordens de Emmanuel e demais espíritos entendidos como superiores, os quais, por sua vez, além de comandarem uma legião de espíritos de luz, eram comandados em ordem hierárquica por Jesus Cristo, (considerado o Governador da Terra no espiritismo) e por Ismael e sua legião de Anjos.

Apesar da referência aos *mentores* Emmanuel e André Luiz, a formação identitária do médium, conforme mencionamos acima, foi constantemente mediada pela presença feminina, característica essa que se tornará marcante na constituição do espiritismo brasileiro, este o qual também, por intermédio de Chico Xavier, em oposição às raízes kardequianas, estabeleceu processo de aproximação com o catolicismo, sobretudo com as manifestações/crenças católicas populares, referenciando a imagem da mãe (analogia com Maria), de forma venerada.

Da morte da mãe até a morte da madrasta Cidália, dos cinco aos dezessete anos, a vida de Chico Xavier é marcada por intensos sofrimentos, provas e descobertas. Nessa etapa formativa as influências decisivas no menino Chico giram completamente em torno da figura materna ou de suas substitutas. A morte da mãe inicia a diáspora familiar, só terminada com o novo casamento do pai com Cidália. A ênfase na mãe – assim como na prática familiar do espiritismo – nunca deixará de povoar desde as manifestações públicas de Chico Xavier até os seus textos psicografados. É justamente esse destaque atribuído à “mãe” como formadora moral, influência decisiva no âmbito familiar e intercessora privilegiada junto ao plano espiritual, que é firmada nessa trajetória de juventude. Desde cedo inspirado pela devoção católica da bondosa mãe, esta continua a orientá-lo após a morte, como tutora espiritual e elo de ligação com a continuidade familiar. (LEWGOY, 2001, p. 62).

A imagem da mãe na vida e obra de Francisco Cândido Xavier aparece como intermediadora em benefício de seus filhos, tanto no “mundo material” (secular) quanto em intercessão no mundo espiritual. Esta também é representada como principal exemplo de práticas a serem apreendidas e seguidas. Lewgoy (2001) considera que são imagens de mulheres fortes, que, por vezes, mantêm a sustentação da família, se não pelo aspecto financeiro, pela sua presença e capacidade de conduzir as adversidades da vida. Por exemplo, o pai de Chico Xavier, João Candido, não conseguiu manter o sustento dos próprios filhos com a ausência feminina. Nesse sentido, a imagem da mulher/mãe infere como importante elemento simbólico na trajetória do espiritismo brasileiro do século XX, assim como para a aproximação da doutrina com as camadas populares.

Com base em leituras do livro, *Eurípedes o Homem e a Missão*, escrito por Corina Novelino (2007), outro elemento fundamental para a aproximação do espiritismo com o popular deve-se à implantação realizada no Brasil das escolas confessionais espíritas, sendo a primeira a ser fundada na cidade de Sacramento por Eurípedes Barsanulfo, no início do século XX, a priori, com o nome Liceu de Sacramento, posteriormente Colégio Allan Kardec. A escola tornou-se conhecida

não apenas pelo ensino de qualidade, mas também pelo alto número de crianças pobres e órfãos as quais foram atendidas.

O antigo *Colégio Allan Kardec* funciona, hoje, como *Memorial Eurípedes Barsanulfo*, Museu e Centro Espírita. Sendo que, atualmente, a proposta liderada por Eurípedes ganhou expressividade em dimensão nacional, existindo inúmeras escolas espalhadas por todo o território, somando-se à existência de demais escolas confessionais religiosas no Brasil.

## II. A ESCOLA CONFSSIONAL NO BRASIL

### II.I A Escola Confessional no Âmbito Jurídico E As Especificidades da “Escola Allan Kardec” – Localizada na Cidade de Catalão – GO.

Ao optarmos pela pesquisa, abarcando aspectos que envolvem a escola confessional religiosa, estamos levando em consideração a multiplicidade de existência dessas no Brasil, as quais se diversificam entre as distintas matizes do cristianismo; catolicismo, protestantismo, espiritismo.

A presença das escolas confessionais espalhadas pelo território nacional gera importantes especulações, observação essa, realizada através da experiência que tivemos, ao participarmos de grupos/simpósios temáticos em distintos eventos científicos da área de História, nos quais foram levantadas questões tais como: como se que estabelece o funcionamento destas (escolas confessionais), conforme previsto pela Constituição Federal, em especial, pelas leis educacionais? Como é pensada a manutenção dessas escolas, considerando a diversidade, liberdade de expressão daqueles/daquelas que as frequentam? É permitido o financiamento dessas com dinheiro público?

Ao refletirmos sobre tais indagações, primeiramente, recorreremos à análise conforme consta na Lei, sobre a função basilar da educação para a sociedade brasileira. Conforme previsto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), a função social da educação enaltece a formação plena da cidadania e capacitação para o mercado de trabalho, respeitando, dentre os princípios previstos pela lei, o pluralismo de ideias.

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (LEI DE DIRETIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, 2015, p. 01).

O princípio de liberdade encaixa-se como um dos principais elementos que geram especulações quanto à manutenção de escolas confessionais no Brasil, uma vez que a interligação entre religiosidade e educação formal, mantida no mesmo espaço (ambiente), poderia favorecer ao fundamentalismo religioso. Levando a especular, dessa forma, sobre a legitimidade da aplicação de dinheiro público em tais instituições; lembrando que a escola com a qual mantemos diálogo, *Escola Allan Kardec*, compreende-se por instituição filantrópica (mantida, pelas obras sociais – “Jorge Faim Filho”, por doações da comunidade e por meio de contratos com a prefeitura de Catalão – GO.).

A instituição filantrópica *Jorge Faim Filho*, dedica-se a outras obras sociais destinadas ao desenvolvimento da educação formal, por exemplo, o projeto Mãos que Tocam, em parceria com o *Ministério da Cultura, Governo Federal, Fundação John Deere, Anglo American*, encontra-se,

conforme a última reportagem que tivemos acesso, em sua segunda edição. Notícia vinculada no jornal eletrônico *Diante do Fato* em 27 de Janeiro de 2015:

As Obras Sociais Jorge Faim Filho, instituição sem fins lucrativos mantenedora da Escola Allan Kardec, situadas no Bairro Jardim Paraíso, tem o prazer de anunciar a abertura de vagas para estudo gratuito de música, para as modalidades violão e canto coral. As aulas do projeto serão oferecidas no período vespertino, obrigatoriamente o aluno interessado terá que estar regularmente matriculado em uma instituição de ensino pública ou particular, sendo que estará reservado, no mínimo, cinquenta por cento (50%) das vagas para alunos da rede pública de ensino. O projeto “Mãos que tocam II” é patrocinado pelo Ministério da Cultura, Governo Federal, Fundação John Deere e Anglo American via lei de incentivo à cultura. Objetivo Ensino de música para crianças e jovens na modalidade Violão e Canto Coral. Público Alvo: Crianças e jovens de 09 a 17 anos de idade, de ambos os sexos, regularmente matriculado em uma instituição de ensino. Custo: Cursos totalmente gratuitos, sem nenhum tipo de custo para os alunos. (Disponível em: <http://diantedofato.com.br/site/noticias/obras-sociais-jorge-faim-filho-disponibiliza-curso-gratuito-de-violao-para-criancas-e-jovens-2> Acesso em 17 Jan. 2016).

Quanto à manutenção da escola *Allan Kardec*, por meio de referida instituição filantrópica, no que tange à questão orçamentária, obtivemos as seguintes informações:

Termo de convênio que entre si fazem de um lado o município de Catalão – Estado de Goiás, e de outro lado a entidade filantrópica, obras sociais “Jorge Faim Filho”. Aos dezoito (18) dias do mês de Março do ano de dois mil e treze (2013), nesta cidade de Catalão, Estado de Goiás, ficou ajustado e conveniado entre o município de Catalão – Estado de Goiás [...]. E, de outro a entidade filantrópica obras sociais “Jorge Faim Filho”, mantenedora da Escola Allan Kardec, com sede nesta cidade [...]. Neste ato representada pelo seu Diretor Presidente, Sr. Leonardo Vieira Fernandes, brasileiro, casado, médico [...]. (PROCURADORIA GERAL DO MUNICÍPIO, 2013. Disponível em: [www.catalao.go.gov.br/static/media/uploads/.../convênio\\_075-2013.pdf](http://www.catalao.go.gov.br/static/media/uploads/.../convênio_075-2013.pdf) Acesso em 18 Out. 2015).

Destacamos os seguintes itens da cláusula primeira – “do objeto”:

O presente convênio tem por objetivo estabelecer mútua colaboração entre o município de Catalão e a entidade filantrópica – obras sociais – “Jorge Faim Filho”, objetivando a manutenção geral e o funcionamento da Escola Allan Kardec (mantida pela obras sociais – “Jorge Faim Filho”), durante o exercício de 2013. A relação dos alunos atendidos será permanentemente divulgada no site da SME, como controle social dos recursos per capita repassados [...]. O referencial para o repasse de recurso mês a mês é o SIGE, o valor será per capita cuja data foi o dia 22\03\2013 que tinha os seguintes dados: Jardim I e II total de alunos 91- renda per capita (alunos\mês): R\$ 191,08. 1 ao 5 ano total de alunos 234 – renda per capita (alunos\mês): R\$ 191,08. 6 ao 9 ano total de alunos 135 – renda per capita (alunos\mês): 179, 14. Valor total: R\$ R\$ 1.035.400,30. Repasse mês: R\$ 86.283, 36. Renda per capita (aluno\mês): 214, 96. (PROCURADORIA GERAL DO MUNICÍPIO, 2013. Disponível em: [www.catalao.go.gov.br/static/media/uploads/.../convênio\\_075-2013.pdf](http://www.catalao.go.gov.br/static/media/uploads/.../convênio_075-2013.pdf) Acesso em

18 out. 2015).

Estando o termo acima mencionado, em conformidade com o que rege a Constituição Federal, a qual estabelece no Capítulo III *Da Educação, da Cultura e do Desporto; Seção I Da Educação*:

Art. 213. Os recursos públicos serão destinados às escolas públicas, podendo ser dirigidos a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, definidas em lei, que: I – comprovem finalidade não lucrativa e apliquem seus excedentes financeiros em educação; II – assegurem a destinação de seu patrimônio a outra escola comunitária, filantrópica ou confessional, ou ao Poder Público, no caso de encerramento de suas atividades. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 2012, p. 123).

Uma vez que, estando clara a legitimidade do financiamento por meio de repasses do dinheiro público às escolas confessionais na forma da Lei, permanecem as dúvidas quanto à possibilidade de transgressão por parte de referidas escolas quanto à manifestação e liberdade de pluralismo de ideias e também da cultura. Conforme esse aspecto, recorreremos a análises sobre a liberdade religiosa em nosso país e a autonomia de expressão do pensamento, a partir do debate estabelecido por Nilson Nunes da Silva Junior, mestre em direito tributário com ênfase (dentre outras discussões) em liberdade de crença.

[...] Com Proclamação da República o Brasil tornou-se um país laico, conseqüentemente, garantiu a liberdade de crença. A Constituição de 1988 prescreve essa liberdade, enaltecendo também a liberdade de culto religioso, e proteção as organizações religiosas. A imunidade tributária é um dos mecanismos escolhidos pela Carta de 1988 para assegurar o direito à liberdade de crença, como prescrevem o artigo 19, inciso I, e o artigo 150, inciso VI. (SILVA JR. 2010, p. 01).

Desse modo, a Constituição prevê a também liberdade do indivíduo de não seguir nenhum credo religioso, garantindo tanto a liberdade de manifestação dos cultos de fé quanto o direito da incredulidade religiosa, as escolas confessionais religiosas, apesar de terem a sua existência assegurada pela Lei, tal como a garantia de direito de repasse do dinheiro público, desde que investidos exclusivamente para a educação, sem fins lucrativos, não pode haver, nesses espaços, imposição de credulidade. Todavia, conforme mencionamos, quando a religiosidade e a educação formal são organizadas no mesmo ambiente, permanece os intensos questionamentos, dentre estes, sobre quais elementos da consciência histórica estão sendo alicerçadas em mencionados espaços.

Sobre esse aspecto, ressaltamos as considerações sobre a confessionalidade pensada pelos autores, Marcondes; Menslin; Ribeiro; Junqueira, no artigo *Educação Confessional no Brasil Uma Perspectiva Ética*, publicado pelo *site* da Pontifícia Universidade Católica do Paraná:

A educação confessional pressupõe um credo e uma religião. Uma instituição

confessional é aquela que adota uma confissão explícita no desempenho de suas atividades. De certa forma, toda instituição de ensino, pública ou particular, é confessional. Por trás disso, e influenciando cada escolha que se faz, está uma concepção de vida, de mundo, de sociedade, do ser humano, que por fim irá determinar o método. O que são essas coisas senão um tipo confissão? Portanto, mesmo instituições educacionais públicas têm seu credo. Como seguem modelos científicos mais aceitos, poucos estranham ou contestam tais crenças. O humanismo, por exemplo, tem seu credo e sua confissão. A diferença, no caso de entidades confessionais religiosas, é que este credo é explicitado e objetivamente assumido no campo da espiritualidade. Logo, quando se fala em escola confessional imediatamente se pensa em escola ligada a uma religião. (MARCONDES; MENSLIN; RIBEIRO; JUNQUEIRA, 2007, p. 619).

Ainda conforme os autores:

A confessionalidade deve permear toda estrutura administrativa e projeto acadêmico da instituição: em seu Estatuto, em sua ética, na presença e atuação da Pastoral ou estudos bíblicos extracurriculares, nas disciplinas e no seu objetivo de formação integral da pessoa. Ser confessional não pressupõe fazer proselitismo ou forçar as convicções religiosas da escola em alunos, professores e funcionários. A sociedade hoje vive a pluralidade, a liberdade religiosa e o respeito às crenças individuais e é necessário saber fazer a diferença entre Academia e Igreja, Fé e Ciência. Contudo, como instituição confessional, se reserva o direito de testemunhar sua crença. (MARCONDES; MENSLIN; RIBEIRO; JUNQUEIRA, 2007, p. 619-620).

Consideramos, portanto, que cabe às instituições confessionais o cuidado para que o credo religioso ensinado em tais instituições não seja inculcado como verdade única. Com base em princípios éticos, é necessário ter a preocupação para que as narrativas trabalhadas no espaço escolar possam auxiliar os educandos no processo de reflexão crítica, cabendo a esses, ao longo do processo de ensino/aprendizagem, estabelecerem suas escolhas do que irão conservar, descartar ou reformular, em vista dos estudos desenvolvidos no ambiente escolar.

Por fim consideramos que cabe à família, levando em consideração o interesse ou não da criança ou do jovem de matricular e permanecer em escola (s) de confessionalidade religiosa; ressaltando que, não há instituição escolar e ou profissionais neutros, as diversas confessionalidades políticas e/ou científicas, de algum modo, são defendidas e permeiam o processo de ensino-aprendizagem no espaço da escola, o que se deve observar são quais conceitos estão sendo defendidos, levando sempre em consideração a liberdade de escolha, o respeito às diversidades e a autonomia de contestar/questionar as propostas defendidas pelo grupo escolar, não as tomando como “verdades absolutas” impossíveis de serem questionadas e/ou modificadas.

## **II. II ESCOLA ESPÍRITA “A ESCOLA QUE EDUCA” PLANOS DE CURSO E UNIDADE – DESCRIÇÃO DA FONTE.**

A fonte que selecionamos faz parte de uma coleção com quatro volumes de apostilas didáticas referentes às disciplinas de História e Geografia, destinadas aos professores e professoras do ensino fundamental primeira fase, 2 ano; 3 ano; 4 ano e 5 ano, para serem utilizadas como base para o desenvolvimento de aulas transversais em referidas turmas, ou seja, abordagem do conteúdo formal, conforme previsto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (de História e Geografia do ensino fundamental I) em diálogo constante com a doutrina espírita.

O material, *Escola Espírita “A escola que Educa” - Planos de curso e de Unidade*, produzido e divulgado pela Editora Auta de Souza, é composto por sugestões detalhadas dos temas os quais serão abordados em sala de aula. Na apresentação do plano de curso e unidade, segue um texto comum em cada um dos quatro volumes, exceto na descrição dos conteúdos os quais serão abordados conforme o ano/série a que se destina o plano de curso. Segue o texto:

Organizamos estes Planos de Curso e Unidade elaborados a partir da análise e reflexão do uso cotidiano da história e da geografia na vida do aluno, fundamentados em pesquisas diversas pautadas no estudo de livros didáticos, da grade curricular desta e de outras escolas e do PCN. Para efeito didático, são trabalhados no segundo ano\primeira série, conteúdos sobre: a vida na escola, identidade pessoal, vida em família e moradia. Naturalmente utilizam-se leituras diversas de textos não psicografados, para o estudo desta disciplina junto aos alunos, porém a proposta de atingir o objetivo que em síntese almeja a formação do homem de bem, com sedimentação de valores éticos e morais, se dará pela priorização da exploração das leituras espíritas selecionadas nos planos de ensino e apresentadas nos textos em anexo no plano. O (a) professor (a) deverá elaborar atividades que enriqueçam a exploração destes textos tomando-os mais compreensíveis e atraentes, facilitando a aprendizagem dos alunos. (EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007, p. 07).

Conforme consta na apresentação da apostila, esta foi pensada e escrita considerando que o aprendizado das disciplinas de História e Geografia têm alto teor de interferência na prática diária dos (as) educandos (as). Além de propor o reforço e/ou ensinamentos pautados nos dogmas espíritas, a proposta pedagógica apresenta referência às teorias e práticas defendidas por Pestalozzi, pedagogo suíço atuante no final do século XVIII e início do XIX, o qual, influenciado principalmente por Rousseau, defendeu a transformação social a partir do acesso à educação, se não para todos (as), ao menos pela extensa maioria da população. Outro educador, citado como base para a escrita da apostila, Hipollite Léon Denizard Rivail (Allan Kardec), o diferenciando entre o intelectual atuante na área da educação e o codificador da doutrina espírita.

A proposta dos conteúdos espírita define-se como de perspectiva transversal, apresentada da seguinte forma:

Faz-se necessário esclarecer ainda que esta proposta não trabalha com unidades temáticas ou projetos, mas baseia-se em unidades de ensino que têm como tema transversal o conteúdo espírita assim desenvolvido: um determinado conteúdo espírita dos livros de André Luiz\ F. C.. Xavier, por exemplo, que seja adequado para o conteúdo formal de História e Geografia, pode ser que se mostre adequado também para o conteúdo de matemática ou de outra disciplina, ou até para outros conteúdos da mesma disciplina. Portanto, explorando as diversas e riquíssimas possibilidades que um conteúdo espírita pode apresentar (ensinamentos científicos, filosóficos, morais, religiosos), sedimentados na pedagogia criada e vivida por Pestalozzi e Kardec (sem desconsiderar as experiências de outros grandes educadores da humanidade, mas tendo-os como referência pedagógica principal), acabamos por viabilizar o surgimento de uma proposta pedagógica espírita. Proposta esta que não pretende encerrar nenhuma verdade, nenhuma discussão, mas que esperamos possa ser amplamente explorada, enriquecida, e que possa auxiliar de alguma forma as escolas (espíritas ou não), que venham a adotá-la. Queira Deus tenhamos louvado o sacrifício dos espíritos do senhor, através desta ínfima parcela de colaboração aos planos divinos para a Pátria do evangelho. (EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007, p. 07).

Ao encerrar o texto, ainda na apresentação da apostila, além de ressaltar as perspectivas pedagógicas que norteiam a escrita do material didático, são enaltecidas compreensões de temporalidade com perspectiva de interferências dos acontecimentos passados na realidade presente. Em relação ao futuro, apesar da impossibilidade de previsão exata sobre este, é necessário que, conforme os ideais almejados, direcionemos nossas ações do tempo presente em vistas de construções futuras. Compreensões essas, mediadas por entendimentos religiosos, em destaque no seguinte trecho, “Queira Deus tenhamos louvado o sacrifício dos espíritos do senhor, através desta ínfima parcela de colaboração aos planos divinos para a Pátria do evangelho” (EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007, p. 07),

Ou seja, apontando objetivos de edificações no/para o Brasil, por meio de interligações entre o passado, presente e o futuro, conforme discutimos no primeiro capítulo, sobre a crença espírita de ser o referido país, após processos de transformações na Terra, a nação que melhor irá desenvolver a religiosidade espírita, quiçá a fraternidade, tornando-se principal exemplo para os demais povos.

Outra importante característica que compõe o material didático, “Escola que Educa”, comum nos quatro volumes, refere-se, logo após a apresentação, a um poema escrito (psicografado) por Chico Xavier, conferido ao espírito de Casimiro Cunha, *A Pátria do Futuro*:

Tempo virá neste mundo, em que todas as nações serão famílias unidas no templo dos corações. Quando o homem se afastar do negro dragão da guerra, cujo hálito empestado infesta os ares da Terra. Nesse dia da vitória dos pensamentos cristãos, os homens hão de se amar com sentimentos de irmãos. Haverá então no globo, uma só pátria – a da luz, uma só bandeira – a da paz e um só pastor que é Jesus. (XAVIER apud EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007, p. 09).

O poema reflete um ideal utópico de construção da sociedade, a proposta de universalização do espiritismo (como uma doutrina cristã);

Na obra psicográfica de Chico Xavier, André Luiz e Emmanuel são os espíritos-autores mais frequentes nas bibliografias difundidas no exterior. A chamada “série André Luiz” focaliza aspectos da vida no mundo espiritual (como no best seller *Nosso Lar*, que narra a vida numa colônia espiritual) e aprofunda questões técnicas e morais ligadas ao exercício da mediunidade (como, por exemplo, no trato das obsessões espirituais). Considerando-se que foi por intermédio da série André Luiz que o espiritismo brasileiro estabeleceu um cânon textual para a exegese das sessões espíritas, é compreensível que a exportação dessa referência adquira importância estratégica na uniformização de uma hermenêutica religiosa própria no kardecismo. Já as obras do espírito Emmanuel contêm um acento mais doutrinário, em dissertações e romances que se passam nos inícios do Cristianismo, inscrevendo-se num universalismo cristão desde sempre reivindicado pelo espiritismo. É essa pretensão de universalidade cristã que permite aos romances históricos de Emmanuel certa transportabilidade no âmbito de uma diáspora espírita brasileira, que envolve um constante diálogo entre memória nacional e destino migratório. (LEWGOY, 2008, p. 91).

Com base em Lewgoy (2008), podemos observar a contradição na mesma leitura espírita que defende a universalidade religiosa, destacando a nacionalidade brasileira (sentimento de nacionalismo), configurando ao Brasil o título de *Pátria do Evangelho* e, ao mesmo tempo, rompe com a concepção de pertencimento a uma nação, pois, conforme a doutrina, o espírito, ao passar por diversas reencarnações, além de nascer em gêneros diferentes, ora com o corpo de homem, ora de mulher e, podendo nascer em grupos familiares diferenciados, diversifica-se também quanto aos locais de nascimentos, tendo experiências em cidades, estados e países diferentes, sendo realmente importante a missão do espírito na Terra, o que irá direcionar o gênero, a família e o local em que ele irá pertencer. “Há uma vontade comum de afirmação identitária, em que o novo movimento espírita quer simultaneamente ter um laço espiritual com a origem brasileira e afirmar-se universal.” (LEWGOY, 2008, p. 84). Em meio a essa ambivalência, ao “expatriar os espíritos”, ou seja, as pessoas de um modo geral, atravessa o contexto e os debates sociológicos de fluxos migratórios:

Trabalharemos com a hipótese de trabalho de que a compreensão do espiritismo nos países em que ele é introduzido e praticado por imigrantes brasileiros deve levar em conta as especificidades dos imigrantes estabelecidos no país de adoção. A discussão da transnacionalização religiosa deve então ser cruzada com a antropologia dos processos migratórios, onde, conforme mostra Beserra (2005), trajetória social, gênero e estratégias matrimoniais são dimensões relevantes na compreensão do novo pertencimento nacional. Há, por exemplo, vários casos de brasileiras espíritas, casadas com nativos, que provavelmente se valem dos recursos simbólicos do espiritismo para dramatizar ritualmente os impasses existenciais ligados à trajetória de imigração e à elaboração do duplo pertencimento nacional. O espiritismo coloca em ação a possibilidade de uma consangüinização espiritual de novas famílias formadas nos países de adoção, onde a alteridade radical e as

dificuldades encontradas são dissolvidas nos recursos narrativos típicos do espiritismo: programação, revelação reprodução de relações familiares de vidas anteriores, proximidade dos entes queridos mortos e minimização das distâncias geográficas na afirmação desses laços (LEWGOY, 2008, p. 85).

Portanto observamos, logo na apresentação das apostilas, apesar de textos curtos, há uma notável riqueza de detalhes os quais devemos observar, estes se interligam com diversas outras leituras e compreensões, requerendo, dessa forma, do (a) professor (a), que irá utilizá-las, intensos estudos referentes à doutrina, para que possa mediar as aulas problematizando as propostas apresentadas nas apostilas. Entretanto, devido à extensão do material didático, não o detalharemos em sua completude ou o máximo que poderíamos aproximar de sua totalidade nesse momento, o faremos nos anexos desta pesquisa.

### **III. A INFÂNCIA E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: COMPREENSÕES DE TEMPO E O USO DE PARÁBOLAS NO ENSINO DE HISTÓRIA**

#### **III. I A Criança e o Processo de Ensino Aprendizado (s) – Compreensões Sobre a Infância No Espiritismo e Na Teoria Defendida Por Rüsen.**

Conforme buscamos entender quais tipos de consciência histórica pretende-se reforçar no espaço da escola espírita, por meio de leituras e debates do material didático destinado ao ensino fundamental I, necessitamos compreender o conceito de infância no espiritismo, pois indagamos o porquê da ênfase pela (s) escola (s) espírita nessa fase (especialmente a primeira infância), já que o material “Escola que Educa” não é adotado no ensino fundamental II da mesma escola. Compreender componentes da formação infantil por meio de material didático e a interferência religiosa neste, significa buscar aspectos pretendidos para/da realidade quotidiana, e objetivos de construção da sociedade.

No espiritismo a infância, especialmente, a primeira fase, é entendida como um processo de transição e de intenso aprendizado para que o desenvolver da reencarnação se complete por volta dos 15/20 anos. Observemos a pergunta e a resposta 385 do “O Livro dos Espíritos”:

385. Que é o que motiva a mudança que se opera no caráter do indivíduo em certa idade, especialmente ao sair da adolescência? É que o Espírito se modifica?  
“É que o Espírito retoma a natureza que lhe é própria e se mostra qual era [...]. As crianças são os seres que Deus manda a novas existências. Para que não lhes possam imputar excessiva severidade, dá-lhes ele todos os aspectos da inocência. Ainda quando se trata de uma criança de maus pendores, cobrem-se-lhe as más ações com a capa da inconsciência. Essa inocência não constitui superioridade real com relação ao que eram antes, não. É a imagem do que deveriam ser e, se não o são, o conseqüente castigo exclusivamente sobre elas recai. Não foi, todavia, por elas somente que Deus lhes deu esse aspecto de inocência; foi também e sobretudo por seus pais, de cujo amor necessita a fraqueza que as caracteriza. Ora, esse amor se enfraqueceria grandemente à vista de um caráter áspero e intratável, ao passo que, julgando seus filhos bons e dóceis, os pais lhes dedicam toda a afeição e os cercam dos mais minuciosos cuidados. Desde que, porém, os filhos não mais precisam da proteção e assistência que lhes foram dispensadas durante quinze ou vinte anos, surge-lhes o caráter real e individual em toda a nudez. Conservam-se bons, se eram fundamentalmente bons; mas, sempre irisados de matizes que a primeira infância manteve ocultos” (KARDEC, 2008, p. 263 -264).

Conforme a doutrina na primeira infância, não é possível a criança lembrar as reencarnações passadas, todavia, nessa fase, as vibrações de experiências pretéritas são mais intensas, sendo também o momento de melhor abertura do indivíduo para novos aprendizados, intensificando a responsabilidade dos pais com os/as pequenos (as):

A infância ainda tem outra utilidade. Os Espíritos só entram na vida corporal para se aperfeiçoarem, para se melhorarem. A delicadeza da idade infantil o torna brandos, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que devam fazê-los progredir. Nessa fase é que se lhes pode reformar os caracteres e reprimir os maus pendores. Tal o dever que Deus impôs aos pais, missão sagrada de que terão de dar contas (KARDEC, 2008, p. 265).

Não somente aos pais é atribuído referido caráter de responsabilidade com a educação infantil, também cabe à responsabilidade, aqueles que assumem o compromisso direto ou indireto com a educação da criança, leia-se do espírito, este que irá levar os ensinamentos da atual reencarnação para as vidas futuras, os quais serão manifestados por meio da personalidade do indivíduo (educação moral) e também das facilidades e/ou ideias inatas manifestadas (educação intelectual):

383. Qual, para este, a utilidade de passar pelo estado de infância?  
“Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo.” (KARDEC, 2008, p. 265).

Podemos observar que, ao contrário do discurso da criança como uma folha em branco para ser preenchida, para o espiritismo, nessa fase, o processo de ensino/aprendizagem é intensificado, contudo não corresponde à manifestação plena do espírito, que se encontra limitado pelas condições físicas, psíquicas e de esquecimento “do passado” (vidas pretéritas). Aumentando, nesse sentido, a responsabilidade daqueles que estão envolvidos com o processo de ensino-aprendizagem da criança, tanto no sentido do ensino formal quanto dos ensinamentos da vida prática, ao que podemos considerar com foco nas responsabilidades de pais, mães (a família) e agentes educacionais professores, representantes políticos, os quais diretamente ou indiretamente estão envolvidos (as) nas decisões, construções da educação formal.

A família como elemento basilar do processo educacional está presente na perspectiva teórica defendida por Jörn Rüsen. Conforme Estevão de Rezende Martins (2011), partindo de leitura do autor, a consciência histórica, ou seja, a capacidade de entendimento e orientação do sujeito no tempo é possível de ser identificada já na infância, sendo os primeiros referenciais de orientação da/para a vida prática, de suma importância para esse processo de desenvolvimento (da consciência histórica) o contato da criança com a família e com a linguagem, uma vez que o principal mecanismo de expressão da consciência histórica é a narrativa. Concomitante a esse contato, outro elemento de expressiva importância refere-se à experiência escolar:

[...] O aprendizado se realiza ao longo de uma dupla experiência: uma é a do contato com o legado da ação humana, acumulada no tempo, e que chamamos comumente de “história”, não raro com a inicial maiúscula. Esse contato se dá de

forma espontânea, no convívio social do cotidiano, nos múltiplos âmbitos da experiência concreta vivida. Essas experiências emolduram as tradições, as memórias, os valores, as crenças, as opiniões, os hábitos que se acumulam e nos quais se formam, se forjam os agentes, desde pequeninos – a começar pela linguagem e pelo convívio familiar. A outra experiência é a escolar. Numa como noutra se pode dizer que há um aprendizado de duas mãos: aprende-se com o que se encontra ou com quem nos encontramos; inversamente, aprendem conosco aqueles com quem convivemos e, a partir de nossas ações concretas, produz-se no mundo vivido realidade transformada. Os processos de mediação são constantes e intercambiáveis (MARTINS, 2011, p. 09).

As autoras, Maria Auxiliadora Schmidt; Isabel Barca e Tânia Braga Garcia (2011), considerando os aspectos sobre a constituição da consciência histórica, ressaltam a importância de que o ensino das intuições formais ofereçam conteúdos que façam sentido com a realidade vivida pelos discentes, não importando em qual faixa etária estes estejam; oferecendo-lhes suporte para a formação das ideias históricas de modo mais sofisticado.

O conceito de consciência histórica relaciona-se de forma direta com a formação de identidades, não inserida em compreensão exclusivista de formação do indivíduo voltado para si próprio, mas, como sujeito ativo na sociedade, o qual a partir de sua leitura/entendimento temporal, age, constrói, modifica a realidade em que está inserido, dando sentido de construção humana à cultura e à sociedade.

[...] A matriz conceitual apresentada por Rüsen (1993), para discutir as relações entre o saber histórico e a vida prática (lebenpraxis), tem fornecido um suporte teórico valioso para perceber a noção de consciência histórica com as suas teorias, métodos e formas de alimentar-se dos interesses e funções da vida prática, sendo desejável que esta seja, por sua vez, por ela alimentada de forma consistente e abrangente. É fundamental acentuar que esta proposta de orientação temporal para a vida prática contrasta com uma outra ideia, que é a de uma utilização da História movida por interesses particulares, ao serviço de identidades exclusivistas, sejam de caráter político, religioso, econômico, cultural. Contudo esta recusa em olhar a história como uma disciplina escolar para uma cidadania com enfoques particulares não significa que ela seja encarada como um saber inerte, para simples deleite subjetivo: espera-se que o aparato conceitual da história habilite os jovens a desenvolverem de forma objetiva, fundamentada porque assente na análise crítica da evidência, as suas interpretações do mundo humano e social, permitindo-lhes, assim, melhor se situarem no seu tempo. A consciência histórica seja algo que ocorre quando a informação inerte, progressivamente interiorizada, torna-se parte da ferramenta mental do sujeito e é utilizada, com alguma consistência, como orientação no quotidiano (SCHIMIDT; BARCA; GARCIA, 2011, p. 15-16).

Portanto a infância é vista como fase basilar para a formação identitária, tanto no debate proposto a partir de Rüsen como no espiritismo, não infere a concepção de páginas em branco onde serão depositados os conhecimentos pela família e pelos representantes da educação formal. As crianças, especialmente na primeira infância, são indivíduos em processo intenso de aprendizagem, o que justifica a ênfase dedicada a elas no espaço da escola espírita.

### III. II NO QUE IMPLICA ESTUDAR A TEMPORALIDADE E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA POR MEIO DE PARÁBOLAS?

Após as apreciações sobre o conceito de infância no espiritismo, relacionado com as considerações sobre a consciência histórica desenvolvida pela criança, neste capítulo, centramos nossas análises sobre as representações de temporalidade e os modos de orientar-se no tempo, ou seja, manifestações da consciência histórica (expressadas pela narrativa) nas parábolas *A Laranja*, *A Semente* e *O Parque*, e, a partir de tais reflexões, abordamos sobre a complexidade e a multiplicidade de temas (valores) para serem abordados no espaço da sala de aula, ao valer-se de parábolas como instrumento didático.

Em Rüsen o processo de formação dos sujeitos perpassa pela elaboração da consciência histórica, que consiste na capacidade de orientação no tempo realizada pelos indivíduos, que buscam em suas referências práticas (memória de seus atos e do coletivo) a base para reflexões de suas indagações presentes, possibilitando-lhes tomadas de decisões para o agir. Visto que, contribui para esse processo de formação tanto as referências assimiladas pelo conhecimento formal quanto o aprendizado informal.

“Formação” significa o conjunto das competências de interpretação do mundo e de si próprio, que articula o máximo de orientação do agir com o máximo de autoconhecimento, possibilitando assim o máximo de auto-realização ou de reforço identitário. Trata-se de competências simultaneamente relacionadas ao saber, à práxis e a subjetividade [...]. (RÜSEN, 2010, p. 95).

Ao pensarmos as parábolas como referenciais de aprendizagem das crianças, estamos considerando que, por serem narrativas geralmente curtas, de fácil assimilação e, frequentemente, abordadas pela oralidade, podem essas serem importantes informações acessadas pela memória histórica dessas crianças, que irão as (re) interpretar conforme suas subjetividades e demais experiências práticas para a orientação de suas ações. Portanto, dada essa importância, buscamos compreender, por meio das representações de tempo e do agir dos/das personagens nas parábolas, quais valores se desejam que sejam reforçados no espaço da escola.

Desse modo, primeiramente, buscamos breve compreensão entre os objetivos gerais do ensino fundamental I conforme o PCN e os objetivos gerais para o ensino de História e Geografia no ensino fundamental I (Comum nos quatro volumes) presente nas apostilas didáticas espíritas:

<p><b>PCN – “Objetivos Gerais do Ensino Fundamental”</b></p> <p>Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;</p> <p>Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;</p> <p>Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País;</p> <p>Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;</p> <p>Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;</p> <p>Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética,</p>	<p><b>Apostila - “Objetivos Gerais Para o Ensino de História e Geografia no Ensino Fundamental” (Comum nos quatros volumes).</b></p> <p><b>História</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. Reconhecer algumas relações sociais, econômicas, políticas e culturais, que sua coletividade estabelece ou estabeleceu com outras localidades, no presente e no passado;</li> <li>. Identificar as ascendências e descendências das pessoas que pertencem à sua localidade, quanto à nacionalidade, etnia, língua, religião e costumes, contextualizados seus deslocamentos e confrontos culturais e étnicos, em diversos momentos históricos nacionais;</li> <li>. Identificar as relações de poder estabelecidas entre a sua localidade e os demais centros políticos, econômicos e culturais, em diferentes tempos;</li> <li>. Utilizar diferentes fontes de informação para leituras críticas;</li> <li>. Valorizar as ações coletivas que repercutem na melhoria das condições de vida das localidades.</li> </ul> <p><b>Geografia</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. Reconhecer e comparar o papel da sociedade e da natureza na construção e diferentes paisagens urbanas e rurais brasileiras;</li> <li>. Reconhecer semelhanças e diferenças entre os modos de vida das cidades e do campo, relativas ao trabalho, às construções e moradias ao trabalho, aos hábitos cotidianos, às expressões de lazer e de cultura;</li> </ul>
---	---

<p>estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;</p> <p>Conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;</p> <p>Utilizar as diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;</p> <p>Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;</p> <p>Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando, para isso, o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997. p. 05. Disponível Em: <a href="http://www.cpt.com.br/pcn/pcn-parametros-curriculares-nacionais-do-1-ao-5-ano">http://www.cpt.com.br/pcn/pcn-parametros-curriculares-nacionais-do-1-ao-5-ano</a>).</p>	<p>. Reconhecer, no lugar onde se encontram inseridos, as relações existentes entre o mundo urbano e o mundo rural, bem como as relações que sua coletividade estabelece com a coletividade de outros lugares e regiões, focando tanto o presente como o passado;</p> <p>. Conhecer e compreender algumas das consequências das transformações da natureza causadas pelas ações humanas, presentes na paisagem local e em paisagens urbanas e rurais.</p> <p>. Reconhecer o papel das tecnologias, da informação, da comunicação e dos transportes na configuração de paisagens urbanas e rurais e na estruturação da vida em sociedade;</p> <p>. Saber utilizar os procedimentos básicos de observação, registro, comparação, análise e síntese na coleta e tratamento da informação, seja mediante fontes escritas ou imagéticas;</p> <p>. Utilizar a linguagem cartográfica para representar e interpretar informações em linguagem cartográfica, observando a necessidade de indicações de direção, distância, orientação e proporção para garantir a legibilidade da informação;</p> <p>. Valorizar o uso refletido da técnica e da tecnologia em prol da preservação e conservação do meio ambiente e da manutenção da qualidade de vida;</p> <p>. Adotar uma atitude responsável em relação ao meio ambiente, reivindicando, quando possível, o direito de todos a uma vida plena num ambiente preservado e saudável. (EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 11 – 12).</p>
---	---

Com esta primeira leitura, podemos observar aproximações entre os objetivos gerais

propostos pelos PCN'S com as propostas descritas nas apostilas utilizadas em escolas espíritas, as quais, além de valorizarem os conteúdos para serem trabalhados em sala de aula, fazem ressalvas de que o aprendizado formal deve servir como base para as ações da prática cotidiana dos (as) educandos (as).

Contudo entendemos que há especificidades entre os debates realizados para a elaboração dos PCN'S e os objetivos que se pretende alcançar por meio desse, com as elaborações e pretensões educacionais presentes no material espírita. Não nos é possível, neste momento, elencarmos todas as diferenças e semelhanças de concepções em ambos os materiais, de modo que focaremos em compreender as concepções de temporalidade representadas nas parábolas, as características de aproximação e distanciamento com os debates propostos pelos autores de que nos valem como principais referenciais teóricos, Rüsen, Bakhtin e José Carlos Reis.

### **III. III Reflexões Sobre as Parábolas, *A Laranja, A Semente e O Parque***

Com base em Mikhail Bakhtin (2011), compreender a composição do texto, da (s) linguagem (s), infere no entendimento além da elaboração técnica, compreender os sentidos de determinada produção requer reflexões em torno da complexidade que a compõe. A pluralidade de vozes presentes em único texto manifesta-se por meio de expressividades dos pensamentos do (a) autor (a), pela interferência de componentes sociais que permeiam a produção e ainda devemos considerar a abertura para interpretações dos interlocutores; nesse sentido as diversas manifestações da linguagem como enunciado correspondem pelo constante reconstruir no tempo e no espaço.

Ao analisarmos um texto, temos em mãos as interferências da época em que ele foi produzido, tal como as intercessões do contexto de quem o lê, o texto não é acabado pelo autor (a) que o escreve, ele é constantemente reconstruído por seus leitores. O que não caracteriza nem descarta as intencionalidades presentes na produção de um texto, pois sempre que este é escrito, pensa-se os receptores ideais e os impactos que, possivelmente, a escrita irá causar.

Os textos de que nos valem para análise correspondem ao gênero parábola, essas, constantemente, associadas às narrativas bíblicas, principalmente às narrações jesuânias, que apresentam, de forma geral, intencionalidades de ensino e aprendizagem moralizantes:

O ato de contar histórias é, em geral, relacionado à didática: mediação da leitura ou ensino por meio da ludicidade. Entretanto, esse recurso milenar de comunicação - que permitiu ao homem a preservação da sua cultura, da sua memória, antes do surgimento da escrita - pode, também, ser um ato de linguagem que requer do interlocutor (ouvinte/leitor) uma atitude responsiva, ao verificarmos, por exemplo, a cultura narrativa de povos da Antiguidade. Os povos antigos utilizavam-se de

narrações alegóricas para persuadir, instruir ou corrigir, usavam a linguagem literária para possibilitar mudanças em seus ouvintes. Assim, contar histórias também corresponde a uma estratégia discursiva, que é evidente nas parábolas jesuânias. Não desconsideramos aqui a didática e as demais funções desse gênero - visto que, de acordo com Sant'Anna (2010), a parábola pode desempenhar diversos papéis, principalmente o ensino de verdades morais ou religiosas [...] (CERQUEIRA; TORGA, 2013, p. 01).

O gênero parábola nem sempre foi empenhado com intenções religiosas, tampouco teria surgido com as narrativas bíblicas, apesar da constante associação, na antiguidade, entre os gregos clássicos, por exemplo, tal gênero apareceu tanto na filosofia como na arte:

No período clássico, com a retórica, a parábola ganhou o significado de comparação, que correspondia a um tipo de literatura que visa estabelecer relações ou apresentar semelhanças entre elementos. Há a ocorrência da parábola na literatura grega, tanto na filosofia como na arte literária. Aristóteles, em sua *Arte Retórica*, apresenta-a como uma espécie de exemplo (um tipo de prova dependente da arte quando se discursa) em que o orador inventa, como as fábulas. Na visão aristotélica, o conceito de parábola remete ao desenvolvimento de um raciocínio através de ilustrações criadas, que podem ser irônicas ou não, para argumentar e persuadir a respeito de um determinado ponto de vista sobre diversos temas (CERQUEIRA; TORGA, 2013, p. 05).

“A parábola é, assim, um gênero discursivo que Jesus captou da tradição veterotestamentária dos profetas e dos rabinos judeus e nele reinvestiu para usá-lo como recurso estratégico na sua pregação e ensino” (GONÇALVES, JOÃO BATISTA COSTA, 2010, p. 158). O que ocorre com o discurso jesuânio refere-se à ocorrência de novas atribuições de sentido e o enfoque na representação de autoridade de quem a prega, mantendo as composições básicas de sua “arquitetura”:

No que tange à arquitetura da parábola, à sua forma na evidência do seu estilo, uma de suas características fundamentais é a predominância do tipo textual narrativo e sua extensão. Em geral, as parábolas são narrativas extremamente breves. Esse aspecto liga-se ao fato de que pode ser considerada uma narrativa de segundo grau, visto que sempre se encontra entrecida no corpo de outra construção discursiva. Como é uma narrativa curta, pode ser contada em diálogos e discursos públicos e, então, estabelecer uma estratégia comunicativa com objetivos definidos. Usada no Novo Testamento para ensinar um princípio ou confrontar comportamentos, ela visava influenciar diretamente seu público receptor. (CERQUEIRA; TORGA, 2013, p. 04).

Empregada em épocas e grupos sociais diferentes, as parábolas preservam claro objetivo de concretude de ensinamentos. Para tal, essas narrativas mantêm, em sua estrutura, alguns aspectos importantes, dentre os quais destacamos as seguintes considerações:

Quanto ao tipo textual predominante na parábola, temos a narração. Esse possui elementos como fato, personagens, temporalidade, conflito, solução, tempo e

espaço em sua estrutura. Os episódios e relatos estão organizados numa disposição tal que entre eles existe sempre uma relação de anterioridade e posterioridade, relação muito pertinente num texto narrativo tradicional, mesmo quando é alterada sua sequência linear. No que tange à parábola como forma narrativa, encontramos além de sua estrutura semio-narrativa e estrutura discursiva, o aspecto que consiste em uma história passível de ser contada, isto é, a parábola constitui uma forma de épos – gênero literário que o autor apresenta oralmente para um público a escutá-lo (CERQUEIRA; TORGA, 2013, p. 06).

O tempo representado nas parábolas, comumente são elaborados, por meio da dramaticidade, momento em que se eleva a tensão e o seu desenrolar, “prendendo” e inter-relacionando locutor e o público ouvinte (referindo as leituras feitas em locais públicos), assim como a localização no espaço é vaga, às vezes pode dizer de uma casa, uma fazenda, mas sem precisar o lugar onde localiza, Cidade, Estado e ou País, por exemplo. Essa característica de ausências, inferimos como perspectiva de “transmitir” verdades, lições de moral empenhadas pelo gênero, assumindo postura universalizante e atemporal, podendo os “ensinamentos” contidos nas parábolas serem reproduzidos entre distintos povos e em diferentes épocas.

[...] o amimetismo na categoria do tempo é revelado na ausência de perspectivas cronológicas, prospectivas ou retrospectivas, sem correspondências históricas. Analisando a categoria do tempo nas parábolas, baseado no modelo de Weinrich (1968), de perspectiva discursiva no estudo dos tempos verbais, Sant’Anna (2010) comprova a qualidade amimética do discurso parabólico, no qual os tempos verbais estabelecem relações com as situações de comunicação por eles instaladas: a do narrar e a do comentar. Tal característica temporal confere às parábolas certa força alegórica e estabelece uma tensão dialética entre situações comunicativas de relaxamento (através da narração) e de comprometimento (através do comentário), por parte do narrador e do público [...]. (CERQUEIRA; TORGA, 2013, p. 07).

Por fim destacamos a ausência de características próprias dos personagens como outro importante elemento no processo de captação do texto pelos interlocutores ideais:

Verifica-se que as personagens são apresentadas sem nomes próprios, sem a individualidade marcada por essa distinção, o que gera maior identificação com o público. As personagens são identificadas como lavradores, fazendeiros, juizes, reis, servos, pais, filhos e demais tipos sociais. Logo, é o direcionamento dos elementos composicionais do discurso que delineiam, indiretamente, o perfil tipificado de cada uma. (CERQUEIRA; TORGA, 2013. p. 07).

Considerando que a nossa discussão se centraliza a partir do debate sobre a temporalidade, iniciamos com a parábola *A Laranja*, presente na Unidade Tempo, da apostila do Segundo Ano (correspondente à antiga denominação de primeira série). Conforme apontamos na introdução, nessa unidade, há demais referências que podem ser problematizadas, todavia, não as abordamos por termos como foco de análises, parábolas presentes nas apostilas (os demais textos sugeridos pela unidade são narrativas descritivas, poemas).

Apostila	Unidade	Conteúdo Formal	Conteúdo Espírita
<p>Segundo Ano (correspondente à antiga denominação de primeira série).</p>	<p>O Tempo (quarto bimestre).</p>	<p>a) Noções de tempo.  - Movimentos da Terra (dia e noite).  - Orientação pelo sol.  - Atividades que podem ser feitas durante o dia e à noite.  - Dias da semana.</p> <p>b) O relógio e sua história.  - Relógio de areia (ampulheta).</p> <p>c) O calendário.  - Principais datas comemorativas.</p>	<p>a) Conteúdo: Necessidade de empregar bem o tempo para alcançar os objetivos, quaisquer que sejam.</p> <p>Bibliografia:  Lição: <i>A laranja</i> (anexo 20).  Livro: <i>E, para o resto da vida...</i>  Autor\médium: Wallace Leal.  Editora\edição: O Clarim\4 edição.</p> <p>Conteúdo: O dia pertence à luta da construção e do trabalho, enquanto a noite è o sagrado momento da vida espiritual.</p> <p>Bibliografia:  Lição: <i>O dia</i> pág. 11 – <i>A noite</i> pág. 187. (Anexo 21).  Livro: <i>Cartilha da Natureza</i>.  Autor\médium: Casimiro Cunha.  Editora\edição: FEB\ 4 edição.</p> <p>Conteúdo: O tempo no plano espiritual não se conta pelos cronômetros terrenos, e é diferente o fenômeno do dia e da noite.</p> <p>Bibliografia:  Lição: <i>A Luz e a flora no além</i>. (Anexo 22).  Livro: <i>Cartas de</i></p>

			<p><i>uma morta.</i></p> <p>Autor\médium: Maria João de Deus\F.C. Xavier.</p> <p>Editora\edição: LAKE\ 12 edição.</p> <p>b) Conteúdo: Aproveitamento do tempo com sabedoria e simplicidade, através do exemplo de Chico Xavier.</p> <p>Bibliografia: Lição: <i>Um relógio ao doente</i> – pág. 88. (Anexo 23). Livro: <i>Lindos casos de Chico Xavier.</i></p> <p>Autor\médium: Ramiro Gama.</p> <p>Editora\edição: LAKE\ 18 edição.</p> <p>c) Conteúdo: <i>Nascimento e infância de Allan Kardec.</i></p> <p>Bibliografia: Lição: <i>O menino Hipólito</i> – págs. 27 ao 80 – cap. II. (Anexo 24). Livro: <i>A vida de Allan Kardec para as crianças.</i></p> <p>Autor\médium: Clóvis Tavares.</p> <p>Editora\edição: LAKE\ 7 edição.</p> <p>(Editora Auta de Souza, 2007, pp. 43; 44; 45).</p>
--	--	--	--

### *A Laranja*

Aos sete anos de idade, eu desejava muito estudar violino e mamãe, com algum sacrifício, comprou o instrumento e contratou um professor para mim.

Após algumas semanas, vi que não conseguia executar nenhuma melodia e que tinha de fazer exercícios por horas intermináveis.

Então eu disse a minha mãe que havia desistido e ia abandonar o estudo. Morávamos um pouco distante da cidade e foi enquanto caminhávamos – ela fora me buscar ao término de uma das aulas – que eu lhe expliquei o motivo do meu desânimo.

Por acaso passávamos pela casa de uma pessoa amiga que possuía um formoso pomar.

- Veja, disse a minha mãe, que frutas maravilhosas!

O espetáculo incendiou a minha imaginação infantil. Havia maçãs, peras, laranjas. Os galhos pendiam de tão carregados.

- Você gostaria de experimentar uma? Mamãe me perguntou.

- Oh! Gostaria sim. Aquela laranja grande e amarela como gema de ovo.

- Pois então pegue-a.

- Mas eu não posso, por causa da cerca. Além do mais, será que a dona do pomar vai permitir?

- É mesmo. Você tem razão. Falaremos com ela.

Minha mãe chamou-a e ela consentiu, dizendo

- O portão do pomar fica ali adiante.

É só vocês darem a volta.

Mamãe agradeceu e nós subimos até o pequeno portão, que ela abriu. Corri, colhi a laranja e voltei alegremente, com ela na mão. Então mamãe me disse:

- Está vendo? Para saborearmos os frutos apetecidos é necessário gastar algum tempo e caminhar, dar algumas voltas. Aquilo que realmente desejamos quase nunca está ao alcance de nossas mãos. Você vai ver que será assim durante toda a sua vida...

Imediatamente veio-me à cabeça a história do violino. Voltei às aulas e aos exercícios, até que fui capaz de executar as minhas melodias prediletas. E, ao longo de toda minha vida, guardei a lição de minha mãe quanto à necessidade de se empregar o tempo e dar as voltas precisas para alcançar os objetivos. (LEAL apud EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007, p. 82-83).

Desse modo podemos observar a estrutura da parábola *A Laranja*, correspondendo às características acima discutidas, à ausência de identificação dos personagens por nomes próprios, à delimitação incerta do tempo e espaço, composta por um drama a ser resolvido, à dificuldade da criança em aprender a tocar violino, situação essa decidida em determinada sequência temporal, quiçá, a problemática com o tempo, o principal elemento que marca o texto.

Tendo por base a discussão que fizemos sobre a valorização da educação formal e da cultura erudita no espiritismo, *A Laranja* nos traz diversos elementos sutis passíveis de interpretação sobre processos de modificação da cultura e da condição de classe essencialmente ocorrida pela organização disciplinar do próprio tempo.

A mãe empenha sacrifícios para atender o desejo da criança em aprender a tocar violino, dando-nos a entender que não diz de uma família rica, provavelmente, corresponde a trabalhadores rurais ou camponeses; na fala da criança, explica-se que moravam “um pouco distante da cidade”. Comprar um violino e contratar um professor para ministrar aulas não representa na parábola, apenas caprichos infantis sendo atendidos, representa, sobretudo, o empenho da família (nesse caso representada pela mãe) em possibilitar meios para que o filho ou filha tenha acesso à educação

formal.

Inferimos as seguintes intencionalidades presentes na parábola, de “apresentar” o violino como elemento simbólico associado à determinada classe social, sendo este, geralmente, utilizado para execução de músicas clássicas e também instrumento de alto valor aquisitivo, representa a cultura erudita e a classe social abastada. A vida no campo, especificamente do pequeno produtor, entendida como de organização simples, em oposição ao luxo que permeia a cultura erudita e urbana.

Portanto entendemos que a escolha no texto do desejo da criança, o empenho da mãe para possibilitar meios para que o filho ou filha aprenda tocar violino não equivalem a mero acaso, o instrumento musical poderia ser um violão, uma sanfona (comumente identificada com o meio rural), mas a opção pelo violino, de forma sutil, representa-nos a perspectiva de transformação de classe e da cultura; o texto infere que, provavelmente, o professor ministra as aulas em sua própria residência, deixando subentendida a ausência de escolas especializadas em proximidade com a residência da família da criança.

Com os sinais de desânimo da criança, crendo que não aprenderia as lições (que não transformaria a realidade em que vivia, a condição de classe e as imposições culturais), a mãe insiste no aprendizado e na transformação, idealizados pela compreensão de *promoção social* por meio do processo de ensino-aprendizagem.

[...] Então eu disse a minha mãe que havia desistido e ia abandonar o estudo. Morávamos um pouco distante da cidade e foi enquanto caminhávamos – ela fora me buscar ao término de uma das aulas – que eu lhe expliquei o motivo do meu desânimo.

Por acaso passávamos pela casa de uma pessoa amiga que possuía um formoso pomar.

- Veja, disse a minha mãe, que frutas maravilhosas!

O espetáculo incendiou a minha imaginação infantil. Havia maçãs, peras, laranjas. Os galhos pendiam de tão carregados.

- Você gostaria de experimentar uma? Mamãe me perguntou.

- Oh! Gostaria sim. Aquela laranja grande e amarela como gema de ovo.

- Pois então pegue-a [...]. (LEAL apud EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007, p. 82-83).

A mãe, para argumentar a importância da continuidade das aulas pela criança, recorre à intervenção de ensinamento realizado pela prática cotidiana, ou seja, a condução para a reflexão da criança de como e quais meios seriam necessários para conseguir a laranja presente no pomar “de uma pessoa amiga”.

Após a obtenção do fruto, a criança realiza processo de orientação no tempo, ela parte de uma problemática presente, de sua vida prática, retoma ao ato imediato de como conseguiu a laranja, e orienta a sua ação, ou seja, a decisão de permanecer nas aulas de violino; a principal base

de reflexão da criança foi o exemplo vivido por si própria.

Na narrativa entendemos que, por meio do aprendizado de tocar violino, há uma representação de expectativa de modificação da condição de classe da criança e de sua família, sem, contudo, a existência de grande conflito; a plantação de um pomar requer espaço territorial, cuidados que exigem gastos financeiros e dedicação de tempo, logo uma família pobre dificilmente teria condições de manter um pomar, há entre a família da criança e a dona do pomar distinção de classe, contudo, no texto, não se apresentam conflitos entre essas, pelo contrário, representa-se uma relação harmoniosa, a criança é comedida, de frente a um pomar, ela escolhe apenas uma laranja, aquela que lhe chamou mais atenção, não houve resistência pela dona do pomar com o pedido da criança. Portanto, temos uma das reflexões chave da parábola, as conquistas realizadas de forma pacífica, pela diplomacia e a disciplina (a posição da criança prevê uma educação disciplinar anterior).

A proposta disciplinar aparece também na elaboração do tempo da natureza, o pomar representa o desenvolvimento no tempo de forma lenta e contínua, com base em José Carlos Reis (2009), trata-se de uma temporalidade em que se aproxima dos conceitos exatos, o tempo da semente germinar, as árvores crescerem, florescerem até atingir o momento de dar os frutos. Acreditamos não ser por acaso que a narrativa representa a escolha de que a criança fosse conduzida por sua mãe ao confronto de como conseguiria o fruto desejado, ajudando-lhe na reflexão sobre as aulas de violino, ao valer-se do tempo da natureza como base de reflexão, implica as opções de disciplina, organização e persistência como importantes modos de orientação no tempo, conforme se deseja que os objetivos sejam realizados.

No texto o tempo objetivo do desabrochar da natureza também é apresentado com a função de enaltecer as reflexões sobre a espera e a expectativa. Reis (2009) destaca o entendimento em relação às perspectivas temporais de espera e expectativa diretamente ligadas à elaboração mental do que já foi vivido e o que ainda almeja construir. Nesse aspecto espera e expectativa têm significados diferentes, conforme as idades dos indivíduos, os anseios e as elaborações mentais vão sendo transformados conforme as experiências vividas e o passar do tempo, ser jovem ou ser idoso contribui para diferentes processos de posicionamentos perante a realidade em que está inserido o indivíduo.

A personagem da criança, a partir da experiência de aquisição da laranja, a reelaborou mentalmente, interferindo sobre a sua prática cotidiana, de aulas de violino. Esse processo de orientação no tempo, de, a partir das experiências práticas, problemáticas do presente, retomar ao passado (seja ele imediato ou não, a criança voltou para a experiência imediata, a obtenção da laranja), reelaborando-o para a orientação do agir conforme as expectativas, a intencionalidade de futuro, são questões compreendidas por Rösen (2010) como consciência histórica.

São as situações genéricas e elementares da vida prática dos homens (experiências e interpretações do tempo) que constituem o que conhecemos como consciência histórica. Elas são fenômenos comuns ao pensamento histórico tanto no modo científico quanto em geral, tal como operado por todo e qualquer homem, e geram determinados resultados cognitivos. Esses pontos em comum têm de ser investigados como genéricos e elementares, isto é, como processos fundamentais e característicos do pensamento histórico. Esses processos representam a naturalidade corriqueira que se deve sempre pressupor, quando se tenciona conhecer a história cientificamente (RÜSEN, 2010, p. 54).

Ambos os autores, Rösen e Reis, perspectivam o diálogo entre experiência e expectativa, com compreensões de que o passado é constantemente revisitado como base de reflexão para a orientação da prática presente conforme as intencionalidades de construção da realidade futura.

Ao diferenciar compreensões sobre a temporalidade, o que se espera, em conformidade com as experiências vividas/estudadas, Reis (2009) não tem pretensões de encerrar o idoso na ilha da conformidade, não significa, nessa perspectiva, que, se a personagem fosse uma pessoa mais velha, teria desistido de estudar violino “por estar velho demais”, mas equivale às diferenças de mediações, provável que, para uma pessoa adulta, o revisar do passado para a continuidade ou não dos estudos não fosse estabelecido por meio de aquisição da laranja, possivelmente, teria outra base de experiência que lhe serviria como reflexão para a orientação do agir no presente. Retomando Rösen:

Pode-se caracterizar e explicar essa constatação antropológica de um superávit de intencionalidade do homem como agente e paciente de mil e uma maneiras. Nosso interesse aqui se restringe ao fato de que esse superávit inclui uma relação do homem com seu tempo, na qual enraizam as operações práticas da consciência histórica que são pesquisadas. Pois esse superávit tem uma relevância temporal: ele se manifesta sempre de modo todo especial quando os homens têm de dar conta das mudanças temporais de si e do mundo mediante seu agir e sofrer. Nesse momento tais mudanças tornam-se conscientes como experiências perante as quais o homem tem de formular intenções, para poder agir nelas e por causa delas. O homem necessita estabelecer um quadro interpretativo do que experimenta como mudança de si mesmo e de seu mundo, ao longo do tempo, a fim de poder agir nesse decurso temporal, ou seja, assenhorar-se dele de forma tal que possa realizar as intenções de seu agir [...] (RÜSEN, 2010, p. 57 - 58).

Para Bakhtin (2011) esse processo de orientação no tempo, do agir no presente em busca de construções intencionais futuras, encontra-se presente com o indivíduo por toda a vida, o ser humano vive o constante devir, sempre terá algo em aberto, a completude somente é possível com a morte.

Tenho da minha vivência uma lembrança axiologicamente ativa não da parte do seu conteúdo presente, tomado isoladamente, mas da parte do seu sentido antedado e

do objeto, isto é, da parte que assimilou o surgimento dele em mim, e assim torno a renovar o antedado de cada vivência minha, reúno todas as minhas vivências, reúno a mim todo não no passado mas no futuro eternamente vindouro. Minha unidade para mim mesmo é uma unidade eternamente vindoura; ela me é dada e não dada, é continuamente conquistada por mim na essência do meu ativismo; não se trata da unidade do meu ter e da minha posse, mas da unidade do meu não ter e da minha não posse, não é a unidade do meu já-ser mas a unidade do meu ainda-não-ser [...]. (BAKHTIN, 2011, p. 114-115).

O texto que estamos analisando difere dessa concepção defendida por Bakhtin (2011). Após o processo de reflexão em que a criança opta por retornar as aulas de violino, a parábola encerra com a seguinte fala da personagem: “E, ao longo de toda minha vida, guardei a lição de minha mãe quanto a necessidade de se empregar o tempo e dar as voltas precisas para alcançar os objetivos.” (LEAL, 2007, p. 82-83). Conforme a concepção de Bakhtin (2011), em concordância com Reis e Rüsen, o processo de orientação e reorientação no tempo é contínuo, complexo e contraditório. Nesse aspecto os autores, possivelmente, discordariam que a reflexão feita poderia ser um aprendizado “para o resto da vida”, tal conceito (o aprendizado realizado por meio do exemplo com a laranja) seria passível de ser revisado e reorientado.

Todavia, no texto de que nos valem, compreendido por parábola, há intencionalidade de ensinamentos, de “lições de moral”. Podemos identificar os seguintes objetivos, como mensagem principal, a divisão disciplinar do próprio tempo, a calma, o momento “exato” para a realização dos planos, sobretudo, a persistência quando se deseja a concretização de algo.

O processo de ensino-aprendizagem, estabelecido por meio da prática cotidiana, apresenta a imagem da mãe como importante intermédio para o aprendizado do/da filho (a):

[...] Imediatamente veio-me à cabeça a história do violino. Voltei às aulas e aos exercícios, até que fui capaz de executar as minhas melodias prediletas. E, ao longo de toda minha vida, guardei a lição de minha mãe quanto a necessidade de se empregar o tempo e dar as voltas precisas para alcançar os objetivos (LEAL, 2007, p. 82 83).

A parábola sugere a importância do papel da mulher na composição da família, com a perspectiva de que essa educa com paciência e por meio de exemplos. A ausência de personagens do sexo masculino é um elemento que marca o texto, apesar de referir ao professor, este não representa papel decisivo no desenrolar da trama, não é citado qualquer elemento sobre o pai da criança. Essa carência de referência à imagem masculina, especialmente a imagem do pai, caracteriza também a formação e trajetória de Chico Xavier (mesmo que seus principais guias espirituais, “professores” sejam homens):

Em oposição ao papel da mãe, não há destaque algum para o pai, João Cândido, na vida de Chico. Sempre em potencial tensão com o filho, o pai tem um papel

distante, mostrado como um personagem fraco e dependente da ação alheia, incapaz de manter por si só a coesão familiar. Mero coadjuvante, ele entrega o pequeno Chico em tenra idade para a cruel madrinha. Mais tarde, pouco compreensivo com as faculdades mediúnicas do filho, considera a possibilidade de interná-lo num sanatório. Na fase adulta de Chico, João Cândido meramente se conforma com a celebridade do filho, não sem antes ter insistido para que o médium usasse seus poderes para o sustento da casa. Depois da morte de Cidália, não é João Cândido, mas Chico que assume a criação de seus meio-irmãos menores. Com o desenrolar da narrativa, o papel do pai vai sendo obscurecido, não tendo influenciado a formação moral, religiosa ou outros aspectos da vida de Chico. Também não são registradas manifestações mediúnicas do espírito do pai após a sua morte, em 1960. (LEWGOY, 2001, p. 62- 63).

Com base no autor, a referência à mulher, sobretudo à imagem da mãe, é essencial no processo de formação identitária de Chico Xavier, que, por sua vez, influenciou na constituição de identidade do espiritismo brasileiro. A ênfase na imagem materna não aparece no espiritismo postulado na França, esse foco emerge a partir do espiritismo brasileiro; no entanto a representação feminina tem sentido ambíguo, uma vez que, a partir de Chico Xavier, há representação de mulheres ativas que estão à frente da educação de seus filhos/filhas, por exemplo, que enfrentam e buscam meios para superar a situação de pobreza, mas não há inferência de que essas mulheres, de fato, rompam com a estrutura patriarcal em que foi construída a sociedade brasileira; em contrapartida, Kardec, no *O Livro dos Espíritos*, já dizia, em meados do século XIX, da suma importância do respeito às diferenças de gênero, contudo, não avançou para a discussão de rupturas sociais e culturais para a emancipação feminina.

Na parábola a ausência de determinadas informações deixou em aberto para o/a leitor (a) a possibilidade de diversas interpretações e levantamentos, desde o entendimento de que as figuras masculinas não aparecem na trama, por essa desenvolver-se no ambiente doméstico, espaço “ocupados por mulheres e crianças”, até ao entendimento de representação de mulheres que, por motivos diversos, optaram por manterem a sua família de forma independente.

A ausência masculina não é justificada se, por exemplo, havia intencionalidade do autor em representar as diferentes composições familiares, incluindo, nessa diversidade, famílias as quais são compostas por mães e filhos (as) independentes da presença masculina, se houve alguma intencionalidade de inferência sobre o divórcio. Temas considerados tabus, conforme a primeira edição do livro em que está presente a parábola *A Laranja, (E, Para o Resto da Vida)* 1979<sup>4</sup>, todavia, sendo o divórcio, por exemplo, entendido pelo espiritismo como algo natural entre os seres humanos.

697 – A indissolubilidade absoluta do casamento está na lei natural ou somente na lei humana?

---

<sup>4</sup> Ressalvando que a Lei que regularizou o divórcio no Brasil foi sancionada em 26 de Setembro de 1977.

-É uma lei humana muito contrária à lei natural. Mas os homens podem mudar suas leis: só as da natureza são imutáveis. (KARDEC, Allan, 2008, p. 225).

Portanto, distante de ser um texto que cristaliza discussões, a parábola *A Laranja* atende a função de levantar “ensinamentos”, a organização disciplinar do tempo, a valorização da educação formal como meio de ascensão social, valorizando também a educação informal e o papel desempenhado pela mulher na condução da educação familiar, contudo, especialmente por meio das ausências, lança várias reflexões para serem feitas, possibilitando, com a leitura do mesmo texto, interpretações tradicionais ou que perspectivam rupturas com determinadas organizações da sociedade; vide as diversas formas de abordar as construções de família (s) e o “papel” da mulher nas relações sociais; dessa forma, ao utilizar a parábola no espaço da sala de aula, quais reflexões irão prevalecer, dependerá das posições tomadas pelo professor (a) ministrante da aula.

Seguindo a nossa sequência de análises, temos as parábolas *O Parque* e *A Semente*, aparentemente opostas, em seus enredos e na estrutura de cada uma, *O Parque* apresenta elementos que o distancia das principais referências de organização estrutural de uma parábola, inclusive, sobre a “moral da estória”, que não fica de imediato clara, mas, resolvemos manter o texto devido à importância do debate que ele nos traz.

*O Parque* traz a trajetória de uma criança (o espírito de uma criança) e as suas descobertas em sua nova vida após a morte, enquanto *A Semente* tem a discussão centrada na trajetória de um filho de lavrador, suas experiências após a morte de seu pai até o seu próprio envelhecimento. Porém, ambas têm propostas de reflexões semelhantes, inclusive, assim como em *A Laranja*, as parábolas abordam os temas, disciplina e a importância do desenvolvimento educacional (formal e informal em *O Parque* e informal em *A Semente*).

Considerando esse processo de aproximação, na essência da discussão, desenvolvemos abaixo as análises dos dois textos de forma simultânea.

A parábola *O Parque* aparece nas seguintes apostilas e unidades:

<b>Apostila</b>	<b>Unidade</b>	<b>Conteúdo Formal</b>	<b>Conteúdo Espírita</b>
Segundo Ano (correspondente à antiga denominação de primeira série).	A Escola (primeiro bimestre).	a) Minha escola. - Comunidade escolar. - Endereço da escola. - Trajeto da residência até a escola. - Espaço físico da escola; salas de aula, diretoria, secretaria, biblioteca, auditório, banheiros e etc.	[...]. a) Conteúdo: Desenvolvimento dos trabalhos escolares (escola) no plano espiritual. Organização baseada na disciplina, voltada a todas as crianças recém-desencarnadas.

			<p>Bibliografia:          Lição: O parque – cap. XII – Ensinos Cap. XVI. O organização cap. XVI. (Anexo 06).          Livro: Mensagem do Pequeno Morto.          Autor\médiun: Neio Lúcio\Francisco Cândido Xavier.          Editora\edição: FEB\4 edição.          [...]. (Editora Auta de Souza, 2007 p. 25-26).</p>
Terceiro Ano (correspondente à antiga denominação de segunda série).	Onde vivemos na sociedade (terceiro bimestre).	<p>a) Diferentes paisagens da natureza.          - Paisagens urbana e rural.          - A importância do trabalho de cada setor: cidade e campo.          [...].</p>	<p>a) Conteúdo: Paisagens ambientes belas e prodigiosas, vegetais frutíferos em toda a parte. Enfim, tranquilidade pairando na atmosfera.</p> <p>Bibliografia:          Lição: A vila cap. IX e O parque Cap. XII. (Anexo 16).          [...]. (Editora Auta de Souza, 2007 p. 35).</p>
Quarto Ano (correspondente à antiga denominação de terceira série).	O meio ambiente do município (segundo bimestre).	<p>[...]. D) Vegetação do município.          -Vegetação natural.          [...].</p>	<p>[...]. Conteúdo: Edificações situadas entre copadas de árvores, com grande profusão de flores, que retêm durante o dia a luz e à noite brilham como pequenas estrelinhas radiantes, caídas do céu.</p> <p>Bibliografia:          Lição: O parque – Cap. XII. (Anexo 22).          [...]. (Editora Auta de Souza, 2007 p. 37).</p>

*O Parque*

No dia seguinte, muito cedo, tia Eunice conduziu-me à grande instituição.

O caminho oferecia suave encanto aos olhos e indizível contentamento à imaginação.

Árvores floridas enchem a atmosfera de delicioso perfume. Observei que havia atividade em torno de todas as residências por onde passávamos, mas raramente enxergava uma ou outra criança.

Comentando a minha estranheza, respondeu tia Eunice que a vila se dedicava quase que exclusivamente aos trabalhos de reeducação de meninos e meninas, procedentes da Terra, mas que esses jovens, na maior parte, permaneciam internados no Parque, solucionando os problemas que lhes são próprios. Informou-me, ainda, de que somente depois do indispensável aproveitamento espiritual podem as crianças voltar à Terra ou buscar as esferas superiores. Esclareceu que nem todos os pequenos que “morrem” no mundo são obrigados a transitar por aqui, em vista de existirem meninos de grandes virtudes, os quais dispensam qualquer atividade de retificação. Contudo, a maioria das crianças que chegam da Terra são portadoras de pequenos vícios, reclamando cuidado e ensinamento.

Enquanto titia falava, corei de vergonha, recordando a preguiça e a vadiagem de que eu gostava tanto.

Após agradabilíssima caminhada, chegamos afinal.

O parque é lindo.

Fui confiado à assistência de um santo velhinho, que se incumba da chegada das crianças aqui. Como não me encontrava, ainda, suficientemente seguro de mim mesmo, descansei vários dias, a distância do esforço mais ativo.

Dispus, assim, de mais tempo para examinar o vasto instituto.

Há muitas edificações, situadas entre copadas árvores. Verifiquei grande profusão de flores. Muitas são diferentes das que conhecemos em jardins terrestres e algumas delas têm a propriedade de reter a luz do dia, semelhando-se de noite, a pequenas estrelas radiantes, caídas da céu. O vento, manso, está sempre impregnado de aromas, e não existe um só edifício sem flores em derredor.

Há estudo e trabalho intensos.

O parque é subdividido em diversas escolas. Colaboram aqui muitos professores e professoras; e tantos meninos aqui se encontram localizados, que ainda não pude calcular o número exato de todos eles.

Vejo-os de várias idades e tamanhos, com exceção das crianças que vieram do plano físico com menos de sete anos, para as quais, segundo me disse um novo amiguinho, há lugares e cursos especiais. (NEIO; XAVIER apud EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 92 – 93).

Por sua vez, *A Semente* encontra-se presente e organizada nas seguintes apostilas e unidades:

<b>Apostila</b>	<b>Unidade</b>	<b>Conteúdo Formal</b>	<b>Conteúdo Espírita</b>
Segundo Ano (correspondente à antiga denominação de primeira série).	Onde moro (terceiro bimestre).	a) Meu Endereço. - Quadra, conjunto, CEP, bairro, cidade, município, sítio, fazenda (de acordo com a realidade).  b) Tipos de Moradia. -Diferentes construções de casas.	[...]. A, B) Conteúdo: ambiente de moradia modificado pelo trabalho e pela ação do tempo.  Bibliografia: Lição: A semente. (Anexo 18). Livro: O peixinho

		- Construções dos animais “engenheiros da natureza”.	Azul e Outras Histórias – págs. 63 até 69. Autor\médium: Roque Jacinto. Editora\edição: FEB\ 8 edição. [...]. (Editora Auta de Souza, 2007, p. 39-40).
Terceiro Ano (correspondente à antiga denominação de segunda série).	Onde vivemos na sociedade (terceiro bimestre).	[...]. B) Mudanças na paisagem natural.	[...]. B) Conteúdo: Transformação da paisagem local pelo trabalho realizado, mesmo com uma quantidade pequena de recursos. Devemos valorizar todos os recursos que possuímos para melhorar a vida a nossa volta, sem desprezar nada, por mais insignificante que pareça.  Bibliografia: Lição: A semente. (Anexo 20). [...]. (Editora Auta de Souza, 2007, p. 36-37).
Quarto Ano (correspondente à antiga denominação de terceira série).	População do município (quarto bimestre).	[...]. B) População urbana e rural. - Migrantes e imigrantes. - dificuldades específicas de cada município.	[...]. B) Conteúdo: A atitude do filho que se manteve a vida inteira como migrante e não valorizou o que foi oferecido pelo pai, aprendendo, então, que, com trabalho e persistência, Deus abençoa as boas obras.  Bibliografia: Lição: A semente. (Anexo 40). [...]. (Editora Auta de Souza, 2007, p. 51-52).

## *A Semente*

Um bom senhor, às portas da desencarnação, chamou para junto do leito o seu único filho, Mindinho.

- Meu garoto – disse-lhe o pai, em despedida -, nada tenho de valioso para dar-lhe. Deixo-lhe, porém, a Malhada, nossa vaquinha, e estas sementes de bom capim.

- Sim, meu pai – concordou Mindinho, lacrimoso.

O velho suspirou e disse ainda:

- lembre-se, Mindinho: Trabalho e persistência são indispensáveis, para que Deus abençoe as boas obras. Faça, pois, o bem hoje e sempre e um dia você colherá os resultados.

Foi assim que Mindinho ficou com Malhada e com as sementes.

Os meses corriam, sem que ele ativasse.

Malhada, que alimentava quase sem pasto, toda manhã oferecia o seu pouco leite ao jovem. E Mindinho, à tarde punha-se a revolver pensamentos de desalento, olhando as sementes que o pai lhe confiara.

- Ora sim... Sementes de capim!

Um dia, alegando estar farto de viver naquele sítio tão pobre, resolveu vagar pelo mundo, à procura de melhores oportunidades.

Fez a sacola de viagens.

Soltou Malhada e tomou as sementes.

Ao longo do caminho, por onde vagava, atirou-se a esmo. Resmungava sempre que, afinal, o pai poderia ter-lhe deixado alguma coisa de maior valor que o forrasse das adversidades de uma existência pobre.

Os anos escoaram lentamente.

Nas suas andanças, sempre que Mindinho deparava com alguma vivenda abastada, seus pensamentos mais amargos se voltavam contra o velho pai.

- Deixou-me apenas uma vaquinha e sementes de capim! Por que não deixou logo uma fortuna, para que eu pudesse viver com despreocupação?

De amargor em amargor, de enfermidade em enfermidade, eis que se reduziu à condição de maltrapilho andarilho, vivendo de alimentos que lhe davam de porta em porta.

Um dia, já envelhecido, após tantas e tantas voltas sem rumo certo, terminou por retornar ao sítio que abandonara.

Mal pisou na estrada, ficou deslumbrado.

Os campos, antes áridos, estavam com verdes pastagens e, de trecho em trecho, espantava-se por encontrar-se com famílias felizes e que outrora eram muito pobres.

Ninguém lhe negava pão e leite.

Numa casa, arriscou tímida indagação:

- Esta não era uma região pobre?

- Era! – confirmou o dono da casa.

- E como se explica esta transformação?

- Ah! Meu caro! – começou a dizer -, Há alguns anos, alguém de coração sábio e generoso, espalhou por estes campos esquecidos, algumas sementes de um capim maravilhoso... Não bastasse isso, deixou que uma vaquinha aqui perambulasse, trazendo-nos leite e muitos bezerros.

Após uma pausa, ele completou:

- Com o capim e a vaquinha, reunidos ao trabalho e à persistência, Deus abençoou nosso esquecido vale. Aí tudo se tornou fértil e, hoje, graças ao querido, desconhecido, todos somos felizes.

Mindinho ouviu arrependido.

Lembrando-se das palavras do próprio pai, já sem nenhuma revolta, afirmou:

- Quero permanecer nestas paragens.

- O homem mostrou-se satisfeito.

- Seja bem-vindo! – Disse-lhe, sem reconhecer no seu visitante aquele que

espalhara as sementes de capim e se desligara de Malhada -. Demonstrando a nossa alegria em recebê-lo, dou-lhe algumas sementes de nosso abençoado capim, fazendo-o lembrar que, com trabalho e persistência, Deus abençoa as boas obras. E Mindinho, já envelhecido, resolveu começar de novo, do ponto em que se interrompera. Levava em suas mãos algumas sementes do generoso capim. (JACINTO apud EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 80-81).

A parábola *O Parque* narra a história de uma criança que havia morrido e encontrava-se em uma nova dimensão (espiritual), os momentos de conhecimento e de surpresas com o novo lugar, a descrição do local apresenta ênfase no belo, descrito com a presença de grandes edificações rodeadas de flores, árvores e de bom aroma, dando-nos a impressão de um cenário urbano. Enquanto, em *A Semente*, ao narrar o drama de Mindinho e o seu processo de aprendizagem por meio da prática, o principal cenário é o meio rural. As idades das personagens principais também são distintas, apesar de, nos dois textos, o enredo deslanchar conforme os aprendizados dos personagens principais.

Em *O Parque*, a narrativa se desenvolve com as experiências da criança após a morte, na parábola *A Semente*, também há o contato com a morte, entretanto, as narrativas desenvolvidas representam a experiência daquele que permanece após a morte do pai.

Também aparece nos dois textos a exaltação do trabalho em oposição à inércia, à preguiça, tal como a inferência à importância da disciplina.

A perspectiva de aprendizado em *O Parque* é representada tanto por elementos simbólicos da educação formal quanto por conhecimento adquirido por meio da experiência. A compreensão sobre a educação formal não é o ponto central da parábola, todavia, é clara a sua exaltação através das seguintes informações, a personagem principal, uma criança que, após a sua morte, foi conduzida para uma localização denominada “o parque”, é acompanhada, possivelmente, por uma professora, *tia Eunice*, responsável pela apresentação e explicação sobre o local, primeiro indício simbólico referente à intervenção da educação formal como base de construção do conhecimento, uma vez que a criança iniciava uma nova “fase de sua vida”. Observamos que, nesse contexto, a sequência em que a criança apresenta a existência de escolas no parque realiza-se logo após falas de elogios da personagem:

Há muitas edificações, situadas entre copadas árvores. Verifiquei grande profusão de flores. Muitas são diferentes das que conhecemos em jardins terrestres e algumas delas têm a propriedade de reter a luz do dia, semelhando-se de noite, a pequenas estrelas radiantes, caídas da céu. O vento, manso, está sempre impregnado de aromas, e não existe um só edifício sem flores em derredor.

Há estudo e trabalho intensos.

O parque é subdividido em diversas escolas. Colaboram aqui muitos professores e professoras; e tantos meninos aqui se encontram localizados, que ainda não pude calcular o número exato de todos eles. (NEIO; XAVIER apud EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 92 – 93).

A organização sequencial da narrativa não acontece como mero acaso, debatemos, no primeiro capítulo, a relevância da cultura letrada para o espiritismo, a menção sobre a existência de intensos trabalhos e de estudos (existência de várias escolas), logo após a descrição do como a paisagem no *parque* é bela, interpretamos como a intencionalidade de conservar na memória de quem lê ou ouve a narrativa a indicação sobre o belo, no qual se insere o trabalho e os estudos. Portanto, em *O Parque*, apesar de não ser a discussão central, a referência à educação formal não aparece como mera informação compondo a descrição do local.

A perspectiva do conhecimento por meio da prática aparece permeada pela relação vida/morte, à medida que o novo lugar é apresentado à criança, essa retoma a sua experiência passada enquanto esteve no planeta Terra. Por exemplo, para tentar compreender a composição da paisagem local, a criança compara a flora local com a da Terra. A personagem também observa e interroga sobre a organização populacional do local:

Árvores floridas enchem a atmosfera de delicioso perfume. Observei que havia atividade em torno de todas as residências por onde passávamos, mas raramente enxergava uma ou outra criança.

Comentando a minha estranheza, respondeu tia Eunice que a vila se dedicava quase que exclusivamente aos trabalhos de reeducação de meninos e meninas, procedentes da Terra, mas que esses jovens, na maior parte, permaneciam internados no Parque, solucionando os problemas que lhes são próprios [...]. (NEIO; XAVIER apud EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 92-93).

À medida que a criança conhece o novo local de moradia, ela interroga, compara com as suas referências passadas e estabelece reflexões para melhor compreender e saber agir diante a nova realidade:

Fui confiado à assistência de um santo velhinho, (que se incumbem da chegada das crianças aqui). Como não me encontrava, ainda, suficientemente seguro de mim mesmo, descansei vários dias, a distância do esforço mais ativo.

Dispus, assim, de mais tempo para examinar o vasto instituto. (NEIO; XAVIER apud EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 92-93).

Esse processo de orientação da vida humana prática, por meio de elaboração das ações presentes, com base em análises críticas das experiências passadas, com perspectivas de edificações futuras, denominado por Rüsen de consciência histórica e também de função basilar para a constituição da identidade, é construído de forma complexa e múltipla, desde a infância até o encerrar com a morte<sup>5</sup>. Todo indivíduo é dotado dessa capacidade de orientação no tempo, constantemente construída e modificada conforme a realização de novas experiências; sendo por meio da narrativa que se expressam os conceitos que compõem a consciência histórica.

---

<sup>5</sup> Diferenciando do conceito defendido por Rüsen, no espiritismo e na parábola que estamos analisando o processo de constituição da consciência histórica e de formação da identidade, continua após a morte.

[...] Que condições devem ser satisfeitas, para que a vida humana prática possa ser realizada, levando-se em conta suas experiências contingentes, em cujo meio a memória histórica é constituída de modo a fazer sentido? A resposta a essa pergunta é fornecida por uma série de princípios da orientação histórica, que deve ser elaborada de modo que cada princípio seja necessário e seu conjunto suficiente para que o saber histórico exerça sua função de orientação. Elaborada essa série, cada princípio e o conjunto deles ainda pode ser diferenciado de acordo com as perspectivas que determinam a especificidade da constituição histórica de sentido, dentro do contexto da interpretação do tempo pela narrativa [...]. (RÜSEN, 2010, p. 44).

A primeira impressão é de que, na parábola *O Parque*, não se vê, com o desenvolver do enredo, grandes modificações realizadas pelo personagem principal, à medida que este vai adaptando-se “à nova fase de sua vida”, como uma parábola religiosa espírita, nota-se que o seu principal objetivo é de descrição da organização da vida após a morte, com ênfase em alguns conceitos, entre eles a disciplina, a continuidade dos estudos e do trabalho; dentre outras falas, conceitos representados no seguinte trecho, “Enquanto titia falava, corei de vergonha, recordando a preguiça e a vadiagem de que eu gostava tanto” (NEIO; XAVIER apud EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 92 – 93). No que tange à referência à disciplina, esta permeia, praticamente, todo o texto, a descrição harmônica entre prédios e a flora, a divisão de condução das crianças, a referência da disposição das escolas.

Entretanto, dentre os três textos por nós analisados, talvez seja esse o que melhor representa a elaboração de organização humana no tempo conforme a doutrina espírita. A criança, ao dizer que, quando se lembrou da “vadiagem que tanto gostava”, esboça processo de reflexão e reposicionamento no tempo, ou seja, nessa frase curta, há entendimentos de elaboração da consciência histórica por parte da criança. Contrapondo as considerações presentes em Rüsen e em Bakhtin, de que o acesso à memória realiza-se sempre de forma fragmentada, no espiritismo, com base em inferências da parábola e, em leituras das principais obras da codificação, após a morte do indivíduo, lhe é possível o acesso pleno de sua existência terrena (ao menos da última existência)<sup>6</sup>, assim, oportunizado- lhe novas elaborações da consciência histórica por meio do acesso completo de seu passado.

Ou seja, na leitura espírita, concorda-se com os autores de que nos valem da História e da filosofia, de que o acesso ao passado, à memória, enquanto vida humana terrena, sempre se dará de forma fragmentada, porém, o paradoxo concentra-se na concepção do espiritismo de que há oportunidade de elaboração da consciência histórica por meio de acesso pleno ao passado, após a morte, permanecendo, todavia, o futuro incerto, pois, para a doutrina, após o falecimento, inicia uma nova fase da vida, repleta de novos conhecimentos, permanecendo as realizações futuras

---

<sup>6</sup> Não significando que essa recordação é imediata para todos e todas após a morte, isso dependerá *do merecimento/da conduta* de cada um (a) em relação de quando esteve *encarnado* na Terra.

encobertas pelo véu das incertezas, inclusive, as próximas reencarnações do (s) espírito (s) são dadas como algo incerto, impossível de traçar previamente, de forma plena, as novas experiências a serem realizadas.

O contato com a morte, a organização disciplinar, a referência ao trabalho e à orientação no tempo por meio de reflexões da experiência prática, aparecem na parábola *A Semente*, no entanto, diferentemente da criança de *O Parque*, as narrativas sobre as experiências de Mindinho, personagem principal, não contam sobre após a morte do próprio personagem, mas, de seu pai.

Antes de falecer, o pai de Mindinho o chamou e lhe disse que não o deixaria grande fortuna, mas deixaria a vaca Malhada e as sementes de bom capim, dizendo para seu filho: “lembre-se, Mindinho: Trabalho e persistência são indispensáveis, para que Deus abençoe as boas obras. Faça, pois, o bem hoje e sempre e um dia você colherá os resultados.” (JACINTO apud EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 80-81).

Entretanto, com o passar do tempo, Mindinho não sabia o que fazer com aquele punhado de sementes e a vaca que lhe rendia pouco leite:

Os meses corriam, sem que ele ativasse.

Malhada, que alimentava quase sem pasto, toda manhã oferecia o seu pouco leite ao jovem. E Mindinho, à tarde punha-se a revolver pensamentos de desalento, olhando as sementes que o pai lhe confiara. (JACINTO apud EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 80-81).

Com base em Rüsen, podemos observar que há uma dificuldade em Mindinho de orientar-se no tempo, as sementes representando, simbolicamente, a dimensão do que é feito no presente em vista de construção para o futuro, eram vistas como insignificantes para o personagem. Para Mindinho não bastaram as referências à tradição e, ao exemplo, pois, no texto, fica implícito que pai e filho constituíam uma família de lavradores, que o pai foi um homem dedicado ao trabalho e, apesar de não ter construído fortuna, até o momento de sua morte, soube manter o sustento da casa.

Para Rüsen a constituição da consciência histórica tradicional (como toda constituição da consciência histórica, expressada pela narrativa), refere-se à constante busca do passado com perspectiva de cristalizá-lo no presente e também no futuro, algo se mantém porque foi construído assim, desde a origem.

[...] Pode ser descrita como tradição, como presença pura e simples do passado no presente. Nela, a história – objetiva e subjetivamente – está sempre “viva”, como força influente das chances de vida previamente decididas e como apreensão significativa do processo temporal dos atos que fazem a vida humana. Nessa vida e nessa eficácia da tradição se enquadra toda orientação histórica, constitui o tópos da narrativa tradicional e o tipo de constituição narrativa de sentido que lhe corresponde (RÜSEN, 2010. p. 45).

Analisando apenas a constituição da consciência histórica tradicional, Mindinho deveria permanecer na condição de trabalhador rural, independente das condições que lhe favorecia ou não, pois recebera de seu pai, no leito de morte, por meio das sementes e da vaca, a incumbência do trabalho no meio rural, assim como seu pai, Mindinho manteria a tradição de uma família trabalhadora rural. No entanto cristalizar o passado não resolve os problemas práticos do presente, lidar com a tradição requer pensá-las de forma abstrata, não bastaria, para Mindinho, continuar o trabalho no meio rural ao modo de seu pai. Era necessário refletir sobre o que poderia *aprender* ao revisitar as memórias sobre o trabalho de seu pai; esse processo é compreendido por Rösen como a expressão da constituição da consciência histórica exemplar.

O tipo da constituição exemplar de sentido é uma forma da narrativa histórica e um topos da argumentação histórica que se distingue do tipo da constituição tradicional de sentido por uma ampliação do campo da experiência e por um nível mais elevado de abstração na relação normativa do saber histórico à prática. Os limites estreitos, impostos por uma constituição tradicional de sentido à elaboração da experiência do tempo, são ultrapassados. Não se trata mais dos processos e acontecimentos do passado nos quais se constitui o sentido necessário para dar conta de situações do agir hoje. A questão agora é de ter presentes todos os conteúdos da experiência nos quais as determinações de sentido relevantes para a vida prática concreta aparecem mais como realidades concretas na vida prática, mas são pensadas como regras, pontos de vistas, princípios [...]. As histórias que contam dos senhores, por exemplo, ensinam regras do bem-mandar. Histórias do surgimento, da evolução e do desaparecimento de estruturas políticas transmitem os ensinamentos de como a dominação se modifica sob determinadas circunstâncias. Os entendimentos abstratos e gerais, apresentados às regras, são transpostos para uma série de exemplos históricos e, por meio deles consolidados (RÖSEN, 2010, p. 50-51).

Mindinho permaneceu na inércia, nenhum movimento era feito, nem mesmo o de “simplesmente seguir” os conselhos do pai, caracterizando ações pautadas essencialmente em condições da consciência histórica tradicional e/ou exemplar. Mas, quando a condição extrema da miséria lhe apertou, o personagem resolveu romper com a realidade em que estava inserido e tentou buscar uma nova construção:

Um dia, alegando estar farto de viver naquele sítio tão pobre, resolveu vagar pelo mundo, à procura de melhores oportunidades.  
Fez a sacola de viagens.  
Soltou Malhada e tomou as sementes.  
Ao longo do caminho, por onde vagava, atirou-se a esmo. Resmungava sempre que, afinal, o pai poderia ter-lhe deixado alguma coisa de maior valor que o forrasse das adversidades de uma existência pobre. (JACINTO apud EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 80-81).

Mindinho optou, não apenas por modificar a realidade em que estava inserido, a personagem quis romper com o seu passado, o que traz à discussão sobre esse fato, o processo de

rupturas com uma construção de passado ou sobre interpretações do passado, inserido na caracterização de Rüsen da consciência histórica crítica:

Um terceiro princípio de diferenciação baseia-se no fato elementar de que toda comunicação (inclusive, pois, a própria ao discurso histórico) pressupõe que os sujeitos, em cujas vidas se dão as orientações históricas, são diversos (indivíduos, grupos, sociedades, culturas). Esses sujeitos as compartilham, utilizam-nas na luta pelo reconhecimento e pelo poder, podendo ganha-las para si. Independentemente de que maneira as formas e as estratégias da comunicação são empregadas por meio da constituição narrativa de sentido, todos os sujeitos participantes colocam nelas sua diversidade e sua contraposição. O princípio da negação ou da contraposição exprime sistematicamente essa diversidade e essa oposição. É necessário haver orientações históricas, nas quais e com as quais os sujeitos exprimam a sua diversidade e sua contraposição a outros sujeitos. Com essas orientações, os sujeitos tornam-se próprios – recusam orientações prévias ou impostas e desenvolvem suas próprias orientações, que exprimem sua particularidade, sua diversidade, sua contraposição. Esse princípio da negação constitui o topos da narrativa histórica crítica e o tipo de constituição narrativa de sentido que lhe corresponde (RÜSEN, 2010, p. 46).

Após esse processo de ação, conforme a perspectiva da consciência histórica crítica, de ruptura com o passado, Mindinho passará por experiências (inclusive a mendicância) que o colocará novamente em questionamentos sobre a sua condição, levando-o a retornar ao sítio, momento em que acontece o desfecho da história. Para a surpresa da personagem, o local havia prosperado, a paisagem era consideravelmente diferente da que deixara. Nesse conjunto de experiências, Mindinho reelabora mentalmente a sua percepção, resolvendo permanecer no local, inferindo que, se a personagem tivesse persistido com o trabalho, valendo-se das sementes e da vaca que o seu pai o deixou, esse teria, de forma mais rápida e com menos sofrimento, alcançado a prosperidade.

Dessa forma, por meio de análises sobre o tempo e a constituição da consciência histórica nas parábolas, observamos que os principais valores abordados nessas narrativas são: a valorização dos estudos (formal) e também dos aprendizados realizados por meio das experiências quotidianas, a importância do trabalho, a organização do próprio tempo de forma disciplinar e de persistência a fim de que objetivos sejam alcançados.

Contudo, retomando Bakhtin (2011), o texto como enunciado não corresponde a escritas cristalizadas, múltiplas interpretações são passíveis dentro de um texto. Colocação também presente em Rüsen:

[...] Com efeito, todo leitor é co-autor potencial de sentido no ato de ler, mas são poucos os hábitos de consumo dos interessados a serem perturbados nesse processo. A formação historiográfica fica incompleta, fragmentada e mesmo enigmática. Fica claro assim como é difícil, quicá impossível, recuperar sem alterações o passado rememorado em contextos temporais consistentes (“auto-evidentes” ou teoricamente concludentes”). (RÜSEN, 2010, p. 82).

Rüsen nos chama atenção, especialmente para a leitura de textos históricos e o ato de rememorar o passado, submetido a múltiplas interpretações, é sempre incompleto, fragmentado, todavia, continuando suas reflexões, o autor ressalta o compromisso com a verdade por parte do historiador (a)\pesquisador(a). Dessa forma, ao analisarmos uma parábola pensando o seu uso na sala de aula, especialmente de História, devemos levar em consideração que um texto não encerra em suas aparências evidentes, tampouco nas atividades propostas por materiais didáticos quaisquer que sejam, assim como a narrativa não pode “ser preenchida” com interpretações simplistas movidas pelo desejo de elaborar sentidos para o texto.

[...] A plausibilidade dessa forma depende diretamente de seus destinatários não ficarem desorientados ou reagirem arbitrariamente com juízos quaisquer. Pelo contrário, eles devem ser interpelados pelo texto a ativarem intensamente sua capacidade de reflexão e sua autopercepção como destinatários. Assim, a ausência de um sentido claramente perceptível pode possuir o significado de evitar o falso conforto das formas simplistas e de engendrar a motivação para resistir ao lastro provocador da experiência histórica da falta de sentido (RÜSEN, 2010, p. 83).

Conforme os cuidados de não fechar o texto para novas abordagens, transpondo a visibilidade para além do que primeiramente foi proposto e, tendo a cautela com interpretações vãs, o/a professor (a) de História pode observar que, na parábola *A Semente*, quando Mindinho retoma para o sítio, a discussão não se encerra na proposta do filho arrependido que, ao voltar para o lar, descobre o verdadeiro valor dos ensinamentos de seu pai e dedica a devida consideração ao trabalho, Mindinho partiu de sua experiência, a (re) interpretou e, por fim, orientou as suas ações. Esses são os conceitos basilares da consciência histórica, na forma ocorrida no desfecho, de fortes características da consciência histórica genética.

Mindinho não seguiu a profissão de lavrador porque o seu pai foi um trabalhador rural, ou seja, por meras consequências da tradição e/ou do exemplo, a primeira grande ação ativa do personagem foi de ruptura com o passado, saiu do sítio, deixando para trás a vaca Malhada e atirando ao vento as sementes que recebeu de seu pai, após anos ausente do seu lugar de origem, passando pela mendicância, ao retornar e conversar com os que ali estavam, sobre as modificações e prosperidade do local, a personagem reinterpretou toda a sua experiência, desde os momentos finais com o seu pai até a situação presente, optando (orientando-se) pela permanência e pelo trabalho no *local de origem*, contudo, sem, dessa vez, tentar romper/negar o passado. A personagem agiu conforme as composições da consciência Histórica genética.

O tipo genético de constituição narrativa de sentido aparece nas formas e *topoi* historiográficos que põem o momento da mudança temporal no centro do trabalho de interpretação histórica. Tempo, como mudança, adquire uma

qualidade positiva, torna-se qualidade portadora de sentido. De ameaça a ser reelaborada historicamente, o tempo passa a ser percebido como qualidade das formas da vida humana, como chance de superar os padrões de qualidade de vida alcançados, como abertura de perspectivas de futuro, que vão qualitativamente além do horizonte do que se obteve até o momento. A inquietude do tempo não é sepultada na eterna profundidade de uma determinada forma de vida a ser mantida, nem escamoteada na validade supratemporal de sistemas de regras e princípios do agir, nem tampouco diluída na negação abstrata dos ordenamentos da vida hoje acumulados. Ela é disposta como motor do ganho da vida, estilizada historiograficamente como grandeza instituidora de formas de vida capazes de consenso, ordenada topicamente à vida prática como impulso de novas mudanças (RÜSEN, 2010, p. 58-59).

Dentre as múltiplas interpretações de um texto, podemos observar a diversidade de debates possíveis de serem realizados, inclusive oferecendo possibilidades contraditórias de posicionamentos. No caso das parábolas, geralmente construídas em textos curtos, porém não simplistas como podem parecer em primeiro instante, em relação às ausências, por exemplo, às quais podem ser tomadas como processo de reforço para a identificação do leitor com a narrativa, a falta de nomes para a maioria dos personagens, os identificando como lavradores, crianças, a ausência de identificação exata do espaço e tempo, com isso possibilitando a elaboração de conceitos de verdade (com a mensagem implícita de que as parábolas podem ultrapassar as barreiras do tempo e do espaço, lidando com grandes grupos, trabalhadores, jovens... por conterem *verdades universalizadas*). Paradoxalmente o mecanismo de ausência pode ser importante base para interrogar, de maneira crítica, as ações dos/das personagens, abrindo-se um leque de possibilidades de reflexões.

Em *A Laranja*, por exemplo, no espaço da sala de aula, o debate sobre a ausência masculina pode ser questionado de forma crítica pelo/pela professor (a) e trabalhado com as crianças, pode-se dizer das várias composições familiares; ou o/a professor (a) pode optar em enfatizar que a imagem masculina, do pai, por exemplo, não aparece, porque este estaria fora do lar, no trabalho, enquanto a mulher zela pela casa e a educação das crianças, assim como esse zelo aparece em *A Laranja*, também está presente em *O Parque*, o que será tido, nesse caso, como análises de parábolas para serem trabalhadas dentro da sala de aula, muito depende das escolhas do/da professor (a), se de problematização da realidade social ou se de perspectiva de manutenção de valores que contribuem para a formação de uma sociedade, desigual, excludente.

O debate sobre *A Semente* pode ser fechado na perspectiva de valorização do trabalho e da disciplina ou (em linguagens adaptadas para as crianças), pode-se trabalhar as relações das ações humanas no tempo, as mudanças, as permanências e as transformações em conjunto com os estudos sobre a vida em família e na sociedade. Através de objetos levados pelas crianças, é possível

trabalhar as narrativas de Histórias da família, do bairro e até mesmo da cidade, o que elas acham que mudou, o que elas acham que continua, (*A Semente* aborda permanências e transformações), se elas conhecem os vizinhos, se são pessoas que moram há muito tempo naquele local ou se são pessoas que estão há pouco tempo no lugar, tendo aqui o cuidado para não reforçar o preconceito com o *imigrante*, o que vem de fora. A parábola, se não for bem trabalhada, pode passar a mensagem de que cada um deve permanecer no seu local de nascimento, aquele/aquela que saem são pessoas com comportamentos desviantes<sup>7</sup>.

O cuidado para que não se construa compreensões rígidas de comportamento, com tendências a excluir o diferente, é alertado por Rüsen ao referenciar sobre a consciência histórica exemplar:

Nesse tipo de constituição narrativa de sentido, a identidade histórica assume a forma de uma competência reguladora que torna a práxis possível. As representações do ordenamento da vida, que constituem a identidade, passam a ser criticáveis e fundamentáveis à luz de princípios. Com os modos da fundamentação crítica e da crítica fundante, a identidade histórica ultrapassa os limites da atribuição tradicional dos papéis sociais, ao assumir a autofundamentação por recurso a princípios gerais. Quem sou ou quem somos nós depende da medida de minha ou de nossa capacidade de realizar por mim ou por nós mesmos os princípios do ordenamento da vida que se considera obrigatórios em geral. (É possível formular isso de forma negativa: em toda forma de identidade constituída tradicionalmente está presente uma dose de dogmatismo, na medida em que a limitação e a particularidade das tradições, constituintes de identidade são sempre tomadas pelo todo e pelo próprio, de modo que desvios só podem ser sancionados negativamente. Esse dogmatismo se transforma no tipo de constituição exemplar de sentido, ao ultrapassar os limites para o abstrato-geral. Transforma-se ainda na arrogância de princípio, que atribui à sua própria vida a dignidade de ser a manifestação por excelência da regra geral e tende a ver em outros modos de vida formas mais fracas ou fracassadas.) São casos da identidade histórica formada pelo tópos da constituição exemplar de sentido as identidades nacionais marcadas pela universalização de seus pontos de vista sobre a humanidade (como é o caso dos direitos do homem e dos cidadãos americanos e franceses). (RÜSEN, 2010. p. 52-53).

Portanto, é certo que há intencionalidades nas construções de parábolas, que ao serem lidas de forma superficial, podem ser cristalizadas nos aspectos que reforçam componentes da narrativa, da consciência histórica tradicional e exemplar, sustentadas por discussões atemporais e sem localização no espaço, mas, quando esses textos são devidamente problematizados, sendo em nosso caso específico, pensados para serem trabalhados no espaço da escola, no ensino fundamental I, as parábolas podem ser importantes fontes de problematização e reflexões da realidade, histórica, social e cultural.

---

<sup>7</sup> Sem que esse debate conduza a criança à noção que se deve confiar totalmente nas pessoas desconhecidas ou até mesmo em pessoas que lhes são próximas, mas, sim trabalhar o respeito na comunidade e com as diferenças.

As principais referências que aparecem nas parábolas que analisamos são a valorização do trabalho e do ensino, sobretudo a educação formal, a organização do próprio tempo de modo disciplinar, referência à mulher interligada a imagem da educadora, seja como mãe e/ou como professora<sup>8</sup>; contudo o texto não fala por si, cabe ao/à professor (a) a problematização crítica dos temas propostos em materiais didáticos a serem utilizados no espaço da sala de aula.

Para tanto Rüsen chama atenção para a função da didática da história no processo de ensino aprendizagem das crianças e de jovens, o autor considera que, com o desenvolver do processo de aproximação da História com a ciência, outras importantes competências da História foram exiladas, dentre elas a didática da História, as competências didáticas *pedagógicas* dos/das professores (as) em sala de aula tornaram meras reproduções técnicas, subjugando a formação do ensino e aprendizagem em História a práticas superficiais.

“Didática” é um conceito altamente controvertido no campo do pensamento histórico. Por um lado, goza de uma venerável tradição. Antes de sua transformação em ciência, a história refletia sobre seus fundamentos de um modo ao qual se aplica ainda hoje o conceito de “didático”. Tratava-se de ensinar e de aprender a história, de saber como escrevê-la a fim de que seus destinatários aprendessem alguma coisa para a vida. “Método” – conceito-chave da racionalidade – foi sempre visto pelos historiadores, até fins do século XVIII, como uma questão didática. A relação à prática do saber histórico valia como critério decisivo da formatação historiográfica, caracterizando desse modo tanto a interpretação histórica como pensamento histórico. Na fase em que a História já tinha atingido seu estatuto científico próprio e se fundado pela reflexão da teoria da história, o conceito de didática conservou o seu prestígio. Ninguém menos do que Gustav Droysen considerava ser “didática” a forma mais elevada de historiografia [...]. Em contraste grosseiro com essa terminologia está a difundida noção atual (e não é de hoje), aparentemente indestronável, de que a didática é alguma coisa completamente externa à história como ciência. Ela se ocuparia da aplicação e da intermediação do saber histórico, produzido pela história como ciência. Os didáticos seriam transportadores, tradutores, encarregados de fornecer ao cliente á cliente – comumente chamado de “aluno ou “aluna” - os produtos científicos [...]. (RÜSEN, 2010, p. 88-89).

As pesquisas e as problematizações com base na teoria da História não podem estar separadas da atuação do/da professor (a) na sala de aula, uma vez que o ensino de História deve abarcar os conhecimentos objetivos, a realidade, a experiência prática de professores (as) e alunos (as), interagindo esse conhecimento com as subjetividades diversas que se encontram dentro da sala de aula.

[...] No plano bastante abstrato da argumentação do “esboço de uma teoria da história”, só cabe tratar das regras gerais da relação do saber histórico à prática. Quero tratar da “práxis” como função específica e exclusiva do saber histórico na vida humana. Isso se dá quando, em sua vida em sociedade, os sujeitos têm de se

---

<sup>8</sup> Como toda referência, essa não aparece por acaso, abordamos ao longo no nosso texto a ênfase dada à imagem da mãe no espiritismo brasileiro, especialmente interligado com a biografia do médium Francisco Cândido Xavier.

orientar historicamente e têm que formar sua identidade para viver - melhor: para poder agir intencionalmente. Orientação histórica da vida humana para dentro (identidade) e para fora (práxis) – afinal é esse o interesse de qualquer pensamento histórico. Ela se torna a lógica (narrativa) própria desse pensamento, a dinâmica de sua realização e, enfim, também suas formas e regulação especificamente científica. Como o pensamento histórico pode realizar essa sua intenção na vida prática, e por força de sua constituição científica, é a questão central da “didática” como parte sistemática integrante da teoria da história. O termo “didática” indica que a função prática do conhecimento histórico produz efeitos nos processos de aprendizado. O que se entende aqui por processos de aprendizado vai bem além dos recursos pedagógicos do ensino de escolar de história (quase sempre conotado com o termo “didática”). “Aprender” significa, antes, uma forma elementar da vida, um modo fundamental da cultura, no qual a ciência se conforma, que se realiza por ela e que a influencia de forma marcante. O que se pode alcançar, aqui, por intermédio da ciência, é enunciado pela expressão clássica “formação”. (RÜSEN, 2010, p. 87).

Quando enfatizamos a mediação com criticidade do/da professor (a) em relação a leituras e debates das parábolas, estamos levando em consideração a perspectiva defendida por Rüsen, desse/dessa profissional como um/uma cientista da história, não como mero “reprodutor (a)” de um conhecimento que chega de cima para baixo. Ao trabalhar, por exemplo, com as perspectivas presentes nas parábolas que analisamos, tendo em vista a multiplicidade de interpretações dessas, requer do docente posicionamentos críticos\reflexivos para lidar com temas complexos, entendendo, por exemplo, que discutir a diversidade, a alteridade não implica em tentar negar veementemente o que se relaciona com o *tradicional*, pois assim, cair-se-ia na ilusão de que “o que é antigo não é bom”, conseqüentemente teria que está incessantemente construindo algo novo, dessa forma, negando a relação passado – presente – futuro.

[...] A realização futura não é para mim mesmo uma continuação orgânica, um crescimento de meu passado e de meu presente, o coroamento deles, mas a eliminação essencial, a sua revogação, assim como a graça não é o crescimento orgânico da natureza pecadora do homem. O que no *outro* é aperfeiçoamento (categoria estética), em mim é novo nascimento. Em mim mesmo sempre diante de uma exigência-objetivo absoluta que me é colocada, e de mim para ela não pode haver uma aproximação gradual, parcial e relativa. Eis a exigência: vive como se cada momento dado de tua vida pudesse ser o conclusivo e último mas, ao mesmo tempo, também o momento inicial de uma nova vida; essa exigência é para mim irrealizável por princípio, porque nela a categoria estética (a relação com o outro) ainda continua viva, mesmo que enfraquecida. Para mim mesmo, nenhum momento pode tornar-se autossuficiente a ponto de conscientizar-se axiologicamente de si mesmo como conclusão justificada de toda a vida e digno de começo de uma outra nova [...] (BAKHTIN, 2011, p. 111-112).

Em *O Parque* e, em *A Semente*, aparece a relação vida-morte, tema delicado, mas que precisa ser trabalhado com as crianças. As problemáticas sobre a morte devem aparecer em consonância com o entendimento de que as identidades e os componentes da consciência histórica, além de heterogêneos, estão em constante processo de construção e modificação no tempo,

entendendo a inter-relação passado-presente-futuro não de forma condizente com perspectiva linear sobre a temporalidade, tampouco considerá-la homogênea, passível de previsão exata para o futuro. Assim, perspectivar intencionalmente a construção das relações para o futuro é de suma importância, contudo, esse, sempre se relaciona com o devir.

Dessa forma, com base em Bakhtin, a completude do meu ser somente se realizará com a morte, até então, todos nós passamos por constante processo de transformações.

Tenho da minha vivência uma lembrança axiologicamente ativa não da parte do seu conteúdo presente, tomado isoladamente, mas da parte do seu sentido antedado e do objeto, isto é, da parte do que assimilou o surgimento dele em mim, e assim torno a renovar o antedado de cada vivência minha, reúno todas as minhas vivências, reúno a mim todo não no passado mas no futuro eternamente vindouro. Minha unidade para mim mesmo é uma unidade eternamente vindoura; ela me é dada e não dada, é continuamente conquistada por mim na essência do meu ativismo; não se trata da unidade do meu ter e da minha posse, mas da unidade do meu não ter e da minha não posse, não é a unidade do meu já-ser mas a unidade do meu ainda-não-ser. Tudo o que é positivo nessa unidade é apenas o antedado, ao passo que o dado é só negativo, só me é dado quando todo e qualquer valor já me foi antedado (BAKHTIN, 2011, p. 114-115).

Para Bakhtin a compreensão “total” do *meu eu* não pode ser dada por mim, não tenho a capacidade de expressar quem sou desde o meu nascimento até o momento da minha morte, quem fará essa construção estética é sempre o outro, tal como eu faço sobre alguém que morre e eu permaneço.

Meu ativismo prossegue também depois da morte do outro, e nele os elementos estéticos (comparados aos éticos e aos práticos) começam a prevalecer: tenho à minha frente o todo de sua vida, liberto dos elementos do futuro temporal, dos objetivos e do imperativo. Depois do enterro, depois do monumento tumular vem a *memória*. Tenho *toda a* vida do outro *fora* de mim, e aí começa a construção estetizante de sua personalidade, sua consolidação e seu acabamento numa imagem esteticamente significativa. A diretriz volitivo-emocional centrada na homenagem ao falecido engendra essencialmente as categorias estéticas de informação do homem interior (e do exterior também), pois só essa diretriz para o outro domina o enfoque axiológico do todo temporal e já acabado da vida interior e exterior do homem; voltemos a reiterar que aqui não se trata de presença de todo o material da vida (de todos os fatos da biografia) mas, acima de tudo, da presença de um enfoque axiológico capaz de enformar esteticamente esse material (o conjunto dos acontecimentos e do enredo de dado indivíduo) [...]. (BAKHTIN, 2011, p. 97- 98).

Portanto, com linguagem de compreensão acessível para as crianças, ao trabalhar a morte no ensino fundamental I, além de elaborar os sentimentos de dor, de perda, significa também importante meio para debater a mutação constante da identidade humana, incluindo a abordagem sobre a diversidade e a alteridade.

Conforme discutimos sobre a legalidade das escolas confessionais religiosas no Brasil, no

capítulo II, é resguardado a essas escolas o direito de manifestarem seus dogmas religiosos, prevalecendo a ética de não tomá-los como verdade absoluta. Nesse sentido, a parábola *O Parque* aborda a crença de vida após a morte, crença altamente passível para que sejam levantados os conceitos de heterogeneidade e de identidades mutáveis ao longo do tempo, pois, enquanto para os autores da História e demais áreas afins o processo de transformação do ser humano encerra com a morte, no espiritismo, esse processo ultrapassa a barreira da “morte”. Para tanto, observamos especial atenção, com afirmação de valores de “verdades imutáveis”, requerendo cuidado maior com o final da parábola *A Laranja*, que encerra com a fala da criança, “e, ao longo de toda minha vida, guardei a lição de minha mãe quanto à necessidade de se empregar o tempo e dar as voltas precisas para alcançar os objetivos”. (LEAL apud EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 82- 83).

Mensagens de incentivo são consideravelmente válidas para serem trabalhadas com crianças, sobretudo, ao se tratar de crianças com condições sociais menos favorecidas, assim como são a maioria das que estudam na escola “Allan Kardec” em Catalão - GO, não perdendo de vista o fato de que o devido cuidado com conceitos “eternos” é um fator importante ao referir-se a espaços educacionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscarmos compreensões relacionadas com os conceitos de temporalidade e consciência histórica presentes em materiais didáticos utilizados no espaço da escola religiosa (espírita), tínhamos clareza de que estaríamos lidando com diversas compreensões e disputas que almejam interferir na realidade social e cultural, isto é, a constituição do ensino não é elaborada com perspectiva neutra, a produção dos currículos escolares, livro e materiais didáticos, os posicionamentos do/da professor (a) dentro da sala de aula, são constantemente permeados por disputas de poderes e visões diversas “do como deve ser conduzida as relações sociais”. Por exemplo, com base em Beatriz Sarlo (2007), sobre a elaboração do livro didático, esse não é produzido e/ou escolhido levando em consideração apenas a visão do/da educador (a) que o escreveu e do que irá utilizá-lo na sala de aula, a produção desse material perpassa pelas exigências do mercado consumidor, da editora, pelas diferentes perspectivas do grupo selecionado para escrevê-lo, pela arte gráfica.

Tampouco os grupos religiosos são constituídos com posicionamentos neutros, no caso do espiritismo, observamos, com base em Lewgoy, que a religião no Brasil se encontra em intenso processo de reconstrução de identidade, destacando três principais *vias* de conflitos: por ser o espiritismo fundado como tríplice, religião, ciência e filosofia, há grupos que pretendem destacá-lo em cada um desses três segmentos, no território nacional disputam os que pretendem a retomada às raízes Kardequianas, enfatizando as discussões filosóficas e científicas. Outro grupo aproxima as compreensões da doutrina com segmentos místicos, psicologizantes, com teorias e práticas da *New Age*, por exemplo.

Contudo a característica que ainda se destaca no país é o aspecto religioso<sup>9</sup>, esse consolidado, especialmente, após a atuação do *médium* Francisco Cândido Xavier, o qual contribuiu para a aproximação de populares com a doutrina, destacando também para esse processo, a fundação de escolas espíritas, inaugurada por Eurípedes Barsanulfo nos anos iniciais do século XX, na cidade de Sacramento MG, o qual tinha por objetivo oferecer educação gratuita e com qualidade para os diversos segmentos da sociedade.

Apesar da constituição simbólica em torno de Chico Xavier, e da fundação de escolas espíritas terem contribuído para a aproximação da doutrina com o setor menos favorecido da sociedade e também colaborado para um processo de sincretismo religioso com o catolicismo, a ênfase na religião do *espiritismo brasileiro*, com base em Raquel Marta Silva (2002), perpassa por disputas no plano das Leis.

---

<sup>9</sup> Enquanto na França sobressaem as características ligadas ao debate filosófico e científico.

Assim, Giumbelli demonstrou que apesar da Constituição de 1889 garantir a liberdade de consciência e de crença, o código penal de 1890, passou a perseguir os praticantes de “feitiçaria”, “magia” ou de “curandeirismo”, considerados como “charlatães”. Assim, os fiéis kardecistas que, até então defendiam fervorosamente o aspecto científico de sua doutrina, por sofrerem perseguições – visto que suas práticas também eram consideradas como “práticas mágicas”, – passaram tanto a defender o aspecto religioso do kardecismo, como também, procuraram diferenciá-las do que chamavam de “baixo espiritismo” (SILVA, 2002, p. 43).

Com base em Silva (2002), esse processo de pressão no âmbito legal contribuiu para a legitimação do espiritismo no Brasil com ênfase na religiosidade, uma vez que aspectos relacionados à cientificidade não legitimariam na sociedade do final do século XIX e início do XX, todavia, essa construção identitária não transcorreu de forma harmônica entre os seguidores da doutrina, a estes preocupavam não apenas a legitimação do espiritismo, como também o diferenciar dos cultos afro-brasileiros.

Nesse processo de legitimação, na primeira metade do século XX, o aparecimento da *figura* de Chico Xavier e a expressiva atuação da Federação Espírita Brasileira contribuíram para a legitimação do espiritismo em cenário nacional e a retirada da doutrina como prática ilegal pelo código penal.

A década de 1940, de acordo com o autor [Giumbelli], foi pautada por forte atuação da FEB, com a unificação e institucionalização dos dogmas espíritas consolidados, predominando uma clara distinção entre espiritismo e cultos afro-brasileiros, em 1949, período do governo Vargas, com a promulgação do novo código penal brasileiro, o espiritismo deixa de estar na ilegalidade, continuando, porém, os cultos afro-brasileiros como ilegais (ELIAS, 2011, p. 14).

Sendo essa característica de ênfase na religião (aproximação com o catolicismo e com práticas religiosas populares), a que atualmente sobressai no Brasil, podemos observar tais influências na elaboração do material didático de que nos valem como a nossa principal fonte e nas parábolas por nós analisadas, vide o destaque na imagem da mulher exercendo intermédio na educação das crianças, seja como mãe ou como professora, lembrando que a exaltação da representação materna no espiritismo ocorre no Brasil sob influências da trajetória de Chico Xavier. Detalhe também importante sobre essa referência encontra-se na parábola *O Parque*, quando a criança vai descrevendo o local que ela está conhecendo, diz: “Fui confiado à assistência de um **santo** velhinho, que se incumbe da chegada das crianças aqui. Como não me encontrava, ainda, suficientemente seguro de mim mesmo, descansei vários dias, a distância do esforço mais ativo.” (NEIO; XAVIER APUD EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 92 – 93).

No material também, apesar de não ter sido nosso ponto de análise, entre os textos sugeridos para serem trabalhados compondo a proposta transversal entre conteúdo de núcleo

comum (“formal”) e o conteúdo espírita aparecem referências à Bíblia católica, por exemplo, na apostila do Segundo Ano (antiga Primeira Série), no quarto bimestre, na unidade “meios de comunicação”:

Conteúdo Formal	Conteúdo Espírita
A) Tipo de comunicação.	<p>A) Conteúdo: A mediunidade é uma dulcíssima consolação, que cria possibilidades de nos pormos em comunicação com os espíritos.</p> <p>Bibliografia:            Lição: Condições de comunicação entre os espíritos – 4 parte Cap. I perg. 935. (Anexo 25).            Livro: O Livro dos Espíritos.            Autor\médiun: Allan Kardec.            Editora\edição: FEB\ 79 edição.</p> <p>Conteúdo: A prece é um meio de comunicação com os espíritos e com Deus.</p> <p>Bibliografia:            Lição: A oração dominical – Cap. 6 vers.: 9 ao 15. (Anexo 26).            Livro: <b>Bíblia Sagrada</b>.            Autor\médiun: Evangelho de Mateus.            Editora\edição: SBS\2 edição.            [...]. (Editora Auta de Souza, 2007. p. 46).</p>

Portanto, podemos inferir que a interferência do dogma espírita, que sobressai no espaço da (s) escola (s)<sup>10</sup> espírita, refere-se à construção com ênfase na religiosidade, elaborada no Brasil, sobretudo, por meio de interferências de atuações do médiun Chico Xavier e da FEB em detrimento das demais posições, apesar de importantes autores da denominada *pedagogia espírita*, inseridos no processo de disputa de reconstrução da identidade espírita, tentarem manter o foco “nas raízes kardequianas”, tal como, interpretamos o posicionamento de Dora Incontri, jornalista, pós doutora em educação pela USP e atuante do espiritismo, com pesquisas e livros publicados sobre a educação espírita, a autora defende a promulgação da pedagogia espírita pautada em referências postuladas por Kardec, dentre esses conceitos, destacamos o que apareceu em nossas discussões ao longo das análises das parábolas, o conceito de verdade.

Incontri (2012) considera que um dos principais elementos que deve (deveria) nortear a educação espírita refere-se ao conceito de verdade. Na concepção da autora, este deverá ser atingido pelo desenvolvimento das ciências, constituída por elementos que atravessam gerações e culturas,

<sup>10</sup> Lembrando que o material que nos valemos é adotado por escolas espíritas em nível nacional.

resistindo às grandes transformações, tornando-se incontestáveis:

A verdade, para ser verdade, deve ser universal, não pode pertencer apenas a uma cultura, não pode ser produto de apenas uma pessoa isolada (esse o problema da maioria dos sistemas filosóficos). As verdades aparecem em todas as épocas e culturas [...]. Nenhum princípio é verdadeiro isoladamente; deve se integrar num conjunto de princípios gerais. Nenhum dado pode ser verdadeiro numa área de conhecimento contrariando os dados de outra área. Assim, nenhuma verdade moral pode ser irracional, nenhuma verdade da experiência objetiva pode ser imoral; nenhuma verdade racional pode contrariar os dados da experiência; nenhuma verdade religiosa pode ser anticientífica e vice versa. Assim, todos os critérios se integram e se completam. Todas as áreas do conhecimento devem ser coerentes entre si. (INCONTRI, 2012. p. 24 -25).

Princípio esse (da verdade absoluta), que chamamos a atenção para o cuidado de que não seja trabalhado no espaço da sala de aula. As parábolas tomadas com leituras superficiais podem inferir compreensões de verdades universais, tal como problematizamos, pela ausência da caracterização *exata* no tempo e no espaço, por isso, a suma importância de problematizar os textos/parábolas adotados como instrumentos pedagógicos para a educação formal.

Com base em Rüsen, esse trabalho de criticidade realizado pelo\pela professor (a) de História, deve ser efetivado por intermédio da pesquisa e de aplicação da teoria da História na didática.

O discurso de verdade absoluta não representou ser o objetivo presente no material de que nos valem, assim como não deve representar as aulas ministradas na “Escola Allan Kardec em Catalão – GO”, isto é, considerando não apenas a opção religiosa que aparece representada no material analisado (com ênfase nas parábolas previamente selecionadas), que dialoga com a proposta identitária do espiritismo que não propõe retorno fidedigno à origem Kardequiana do século XIX, período o qual as ciências defendiam conceitos de verdades universais, mas, especialmente, pelo fato de o material “Escola que Educa”, conforme debatemos acima, apresentar conformidade com os parâmetros legais da educação nacional, (incluindo os PCN’S). Nesse sentido, de eticamente não trabalhar com o conceito de verdade absoluta, na apresentação das apostilas didáticas, tem-se a seguinte observação:

Faz-se necessário esclarecer ainda que esta proposta não trabalha com unidades temáticas ou projetos, mas baseia-se em unidades de ensino que têm como transversal o conteúdo espírita assim desenvolvido: um determinado conteúdo espírita dos livros de André Luiz\F.C. Xavier por exemplo, que seja adequado para o conteúdo de História e Geografia, pode ser que se mostre adequado também para o conteúdo de Matemática ou de outra disciplina. Portanto, explorando as diversas e riquíssimas possibilidades que um conteúdo espírita pode apresentar (ensinamentos científicos, filosóficos, morais, religiosos), sedimentados na pedagogia

criada e vivida por Pestalozzi e Kardec (sem desconsiderar as experiências de outros grandes educadores da humanidade, mas tendo-os como referência pedagógica principal), acabamos por viabilizar o surgimento de uma proposta pedagógica espírita. **Proposta esta que não pretende encerrar nenhuma verdade, nenhuma discussão, mas que esperamos possa ser amplamente explorada, enriquecida e que possa auxiliar de alguma forma as escolas (espíritas ou não), que venham a adotá-lo [...].** (EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007, p. 07).

Nesse aspecto fazer referência à Kardec não significa tomar as suas discussões na íntegra, mas a apropriação dessas conforme as transformações no tempo e no espaço.

Portanto, ao considerarmos o uso de parábolas no espaço da sala de aula (escola confessional religiosa espírita), especificamente nas aulas de História, é importante que sejam consideradas as formas com que elas serão abordadas/problematizadas, ou seja, com base na discussão proposta por Rüsen, a didática da História deve partir de referências da pesquisa, da teoria da História, da consideração do/da professor (a) com a realidade, das práticas vividas pelos/pelas alunos e alunas, assim podendo problematizar o conteúdo a ser ministrado de forma que esse faça sentido com a subjetividade das crianças e jovens presentes, auxiliando-os na elaboração do conteúdo debatido, para então o expressar novamente na construção, modificação da realidade a qual estão inseridos.

Com suas pretensões de racionalidade, a ciência da história é eficaz na prática como formação histórica. Sua eficácia diz respeito a um conjunto de competências para orientar historicamente a vida prática, que pode ser descrito como a “competência narrativa” da consciência histórica. Ela é a capacidade das pessoas de constituir sentido histórico, com a qual organizam temporalmente o âmbito cultural da orientação de sua vida prática e da interpretação de seu mundo e de si mesmas. Essa competência de orientação temporal no presente, mediante a memória consciente, é o resultado de um processo de aprendizado. Formação baseia-se no aprendizado e è, simultaneamente, um modo do próprio aprendizado. A formação histórica não pode ser pensada, por conseguinte, como um componente fixo das orientações temporais, que se pode adquirir e, seguida, “possuir” [...]. A formação histórica é, antes, a capacidade de uma determinada constituição narrativa de sentido. Sua qualidade específica consiste em (re) elaborar continuamente, e sempre de novo, as experiências correntes que a vida prática faz do passar do tempo, elevando-as ao nível cognitivo da ciência da história, e inserindo-as continuamente, e sempre de novo (ou seja: produtivamente), na orientação histórica dessa mesma vida. Aprender é a elaboração da experiência na competência interpretativa e ativa, e a formação histórica nada mais é do que uma capacidade de aprendizado especialmente desenvolvida [...]. (RÜSEN, 2010, p. 104).

Assim como o documento, o material didático apresenta múltiplas perspectivas, o processo de formação, de construção das identidades também é heterogêneo, múltiplo, a prática em sala de aula necessita ser constantemente revista, o mesmo material utilizado pode despertar focos de interesses diferentes, as respostas não estão prontas e acabadas no material, o material didático por

si só não induz, não reforça características da consciência histórica, assim como uma leitura superficial poderia levar a acreditar que o uso de parábolas no espaço da escola, por meio dos valores referenciados nessas narrativas, poderiam por si reforçar composições da consciência histórica, sobretudo a consciência tradicional e/ou exemplar.

A complexidade da formação da identidade humana, logo, da consciência histórica, exige que o tempo seja entendido como complexo, com formações harmônicas e contraditórias simultaneamente. Por exemplo, é essencial orientarmos nossas ações do presente conforme nossas expectativas de construções para o futuro, mas, esse corresponde sempre com o devir, quanto às formas de organização dos tempos individuais e subjetivos, elas são inúmeras. Portanto, o uso de parábolas no espaço da sala de aula não encerra com a perspectiva de *transmissão de valores*, mas permite ao/a professor (a), por meio de linguagem de fácil compreensão para a criança, abordar e problematizar temas complexos como a orientação humana no tempo, dentre vários outros temas passíveis de serem abordados, conforme problematizamos acima (tais como, alteridade, diversidade, composição familiar, o *papel* da mulher na sociedade, divórcio).

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *O Tecelão dos Tempos: o historiador como artesão das temporalidades*. Revista Eletrônica Boletim do Tempo, Ano 4, Nº19, Rio, 2009 [ISSN 1981-3384].

BAKTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAROM, Wilian Carlos Ciapriani; CERRI, Luis Fernando. *A Teoria da História de Jörn Rüsen Entre a Modernidade e a Pós Modernidade: uma contribuição à didática da história*. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/edreal/v37n3/15.pdf](http://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n3/15.pdf). Acesso em: 15 Dez. 2015.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Disponível em: [portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf). Acesso em: 01 Ago. 2015.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em 01 Ago. 2015.

BRASIL. *Constituição Federal*. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 01 Ago. 2015.

BRASIL. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) Acesso em: 05. Jan. 2016.

BORGES, Donaldo de Assis. *Os Fundamentos Histórico-filosóficos da Ideia Cristã e do Espiritismo A Partir das Ideias de Sócrates e Platão*. 2009. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em: 20 Set. 2014.

CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza. “Maria: duas leituras a partir da teologia feminista”. In: *PERETTI, Clélia (Org.) Congresso de Teologia da PUCPR, 10, 2011, Curitiba. Anais eletrônicos*. Curitiba: Champagnat, 2011. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2011/> Acesso em: 03 Nov. 2015.

CERQUEIRA, Aliana Georgia Carvalho; TORGA, Vânia Lúcia Menezes. “Uma investigação Linguística do estilo no gênero parábola.” In: *Revista Linguagem – 21ª Edição*. São Carlos – SP: Universidade Federal de São Carlos, 2013. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao21/artigosic/ic01.pdf> Acesso em: 10 Mar. 2016.

ELIAS, Ana Cecília Moreira. “*E A Vida Continua*”: concepções de tempo no imaginário espírita a partir de representações no filme *Nosso Lar*. Catalão – GO: Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, 2011. Monografia de conclusão de curso.

GIUMBELI, Emerson. “Kardec nos Trópicos”. In: *História da Biblioteca Nacional*, ano 3, n. 33, Rio de Janeiro, 2008.

GONÇALVES, João Batista Costa. “A Configuração discursiva do gênero parábola bíblica: entre a captação e a parafraseagem.” In: *Revista Veredas – Veredas Online – Análise do discurso – 2|2010* pp. 157 – 166. Juiz de Fora – MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. Disponível em:

<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-12.pdf> Acesso em: 10 Mar. 2016.

HORN, Geraldo Balduino. *O Ensino de história e seu currículo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

INCONTRI, Dora. *A Educação Segundo o Espiritismo*. Bragança Paulista, SP: Editora Comenius, 2012.

INCONTRI, Dora. *Pedagogia Espírita Um Projeto Brasileiro e Suas Raízes*. Bragança Paulista, SP: Editora Comenius, 2012.

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*: Contendo a explicação das máximas de Jesus Cristo, sua concordância com o Espiritismo e sua aplicação as diversas situações da vida. São Paulo: LAKE, 2000.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Araras, SP: Instituto de Difusão Espírita, 2008.

LEWGOY, Bernardo. “Chico Xavier e a cultura brasileira”. In: *Revista de Antropologia – USP*. São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27124> Acesso em: 11 Jul. 2015.

LEWGOY, Bernardo. “A Transnacionalização do Espiritismo Kardecista Brasileiro: uma discussão inicial”. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext). Acesso em 12 Jul. 2015.

MARCONDES; MENSLIN; RIBEIRO; JUNQUEIRA. *Educação Confessional no Brasil uma perspectiva ética*. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-061-11.pdf> Acesso em: 19 Out. 2015.

MARTINS, Estevão de Rezende. “Historicidade e Consciência Histórica”. In: RÜSEN, Jörn. *Jörn Rüsen e o Ensino de História*. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

MIGUEL, Neckel Sinuê. *Movimento Universitário Espírita (MEU) religião e política no espiritismo brasileiro (1967 – 1974)*. Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, 2012. Dissertação de Mestrado.

NECHI, Lucas Pydd. “Consciência Histórica de Jovens Alunos e Conceitos Históricos de Temas Religiosos” In: *Anais do 3º Seminário de Educação Histórica - Desafios da Aprendizagem na Perspectiva da Educação Histórica*. Paraná: LAPEDUH – UFPR, 2010.

NOVELINO, Corina. *Eurípedes o Homem e a Missão*. Arara, SP: IDE Editora, 2007.

PLANO DE CURSO E DE UNIDADE HISTÓRIA E GEOGRAFIA. *Escola Espírita “A escola que Educa”*. Brasília: Editora Auta de Souza, 2007.

REIS, José Carlos. *História, a ciência dos homens no tempo*. Londrina: EDUEL, 2009.

REIS, José Carlos. *A História Entre a Filosofia e a Ciência*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica: Teoria da História – os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Ed. da UnB, 2010.

RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do Passado: Teoria da História II – os princípios da pesquisa histórica*. Brasília: Ed. da UnB, 2010.

RÜSEN, Jörn. *História Viva: Teoria da História III – formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Ed. da UnB, 2010.

RÜSEN, Jörn. *Jörn Rüsen e o Ensino de História*. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

SILVA, Raquel Marta da. *Chico Xavier: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais - Uberaba, 1959/2001*. Uberlândia – MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2002. Dissertação de Mestrado.

SILVA, Tiago Vidal da. *A Construção da Figura de Maria na Igreja Católica: uma análise do contexto político, social e religioso das aparições de Fátima de 1917 a contemporaneidade*. Disponível em: [www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st2/Silva,%20Tiago%20Vidal%20da.pdf](http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st2/Silva,%20Tiago%20Vidal%20da.pdf) Acesso em 03 Nov. 2015.

SILVA JR, Nilson Nunes da. “Liberdade de crença religiosa na Constituição de 1988”. In: *Âmbito Jurídico.com.br O Seu Portal Jurídico Na Internet*. Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: [http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=7101](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7101). Acesso em: 14 Set. 2015.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (orgs). *Jörn Rüsen e o Ensino de História*. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; GARCIA, Tânia Braga. “Significados do Pensamento de Jörn Rüsen Para Investigações Na Área da Educação Histórica.” In: RÜSEN, Jörn. *Jörn Rüsen e o Ensino de História*. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

VIEIRA, Sofia Lerche. “A Educação Nas Constituições Brasileiras: texto e contexto.” In: *Revista Brasileira de Educação*. Brasília, v.88, n. 219, p. 291 – 309, maio/ago. 2007.

XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. Brasília: Editora da Federação Espírita Brasileira, 2009.

XAVIER, Francisco Cândido. *A Caminho da Luz História da civilização à luz do espiritismo*. Rio de Janeiro: Editora da Federação Espírita Brasileira, 1996.

XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, coração do mundo, Pátria do Evangelho*. Editora da Federação Espírita Brasileira, 2011.

Sites acessados:

<http://www.febnet.org.br/blog/geral/divulgacao/downloads-divulgacao/obras-basicas/> Acesso em 22 Jul. 2015.

<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2012-06-29/ibge-com-maior-rendimento-e-instrucao-espiritas-crescem-65-no-pais-em-10-anos.html>. Acesso em: 05 Jan. 2016.

[http://www.istoe.com.br/reportagens/332712\\_O+PAPA+DOS+ESPIRITAS](http://www.istoe.com.br/reportagens/332712_O+PAPA+DOS+ESPIRITAS) Acesso em: 06 Jan.

2016.

[www.catalogo.go.gov.br/static/media/uploads/.../convênio\\_075-2013.pdf](http://www.catalogo.go.gov.br/static/media/uploads/.../convênio_075-2013.pdf). Acesso em 18 Out. 2015.

<http://diantedofato.com.br/site/noticias/obras-sociais-jorge-faim-filho-disponibiliza-curso-gratuito-de-violao-para-criancas-e-jovens-2/>. Acesso em 17 Jan. 2016.

<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/114056.html> Acesso em 24 Jun. 2016.

<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/02/brasileiras-lutam-pela-igualdade-de-direitos>  
Acesso em 24 Jun. 2016.

## ANEXOS:

### Observação:

Anexamos os textos do conteúdo espírita, que facilitarão a preparação das aulas para os professores, porém esta pesquisa não deve ser passada como está, como objeto de leitura para os alunos, uma vez que não se encontra organizada para este fim, ou seja, com uma apresentação atraente, própria para a infância. Recomendamos que nas lições de “O Livro dos Espíritos”, o (a) professor (a) adote “O Livro dos Espíritos para crianças”, da Editora Auta de Souza, para que os alunos estudem. (EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 49).

**Objetivos Específicos (conforme os PCN’S para segundo ciclo, ou seja, aos anos que correspondem a “antiga” denominação de terceira e quarta séries):**

<p><b>PCN – “Objetivo de História para o Segundo Ciclo” (3 e 4 Séries):</b></p> <p>Ensino e Aprendizagem de História no Segundo Ciclo</p> <p>No segundo ciclo permanecem as preocupações de ensino e aprendizagem anteriores, com a valorização dos conhecimentos dos alunos e a preocupação de o professor intervir, com situações pedagógicas particulares para ampliar os conhecimentos históricos.</p> <p>A particularidade do segundo ciclo reside no fato de os alunos dominarem melhor a linguagem escrita, possuírem experiências de trocas de informações e terem vivenciado momentos de questionamentos, comparações e trabalhos com ordenação temporal.</p> <p>Como no primeiro ciclo, os questionamentos são realizados a partir do entorno do aluno, com o objetivo levantar dados, coletar entrevistas, visitar locais públicos, incluindo os que mantêm acervos de informações, como bibliotecas e museus.</p> <p>Valorizando os procedimentos que tiveram início no primeiro ciclo, a preocupação de ensino e</p>	<p>Apostila – <b>“Objetivos Gerais do Ensino de História e Geografia no 4 ano\3 Série do Ensino Fundamental”</b></p> <p>. Reconhecer o seu papel enquanto participante e colaborador em meio social do próprio município, como também a responsabilidade que lhe cumpre em preservar todo esse ambiente.</p> <p>. Conhecer a estrutura político-administrativa do próprio município, a maneira como é direcionada a responsabilidade de cada autoridade.</p> <p>. Saber diferenciar as áreas urbana e rural, reconhecendo as características, as diferenças e a interdependência entre elas, como também o modo de vida de seus habitantes.</p>	<p>Apostila – <b>“Objetivos Gerais Espíritos” 4 ano (3 Série)</b></p> <p>. Demonstrar seu amor a Deus, valorizando e preservando os recursos naturais da sua região e do seu município.</p> <p>. Almejar uma vida feliz, amando a sua região, percebendo a importância das atividades econômicas e de todos os recursos nela existentes.</p> <p>. Reconhecer a necessidade de cultivar atitudes éticas e dignas, capazes de mudar para melhor a História de nosso país e do nosso planeta.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 13).</p>
---	---	---

<p>aprendizagem no segundo ciclo envolve um trabalho mais específico com leitura de obras com conteúdos históricos, como reportagem de jornais, mitos e lendas, textos de livros didáticos, documentários em vídeo, telejornais.</p> <p>O destaque para a leitura das obras de cunho histórico sustenta-se no diagnóstico feito por inúmeros educadores, que afirmam que as crianças na atualidade têm acesso a um grande número de informações, pelos meios de comunicação de massa, convívio social, sem contudo selecionar ou comparar com informações provenientes de outras fontes, acreditando que tudo o que ouvem ou leem constitui-se “verdades absolutas”.</p> <p>Nesse sentido, cabe ao professor criar situações instigantes para que os alunos comparem as informações contidas em diferentes fontes bibliográficas e documentais, expressem as suas próprias compreensões e opiniões sobre os assuntos e investiguem outras possibilidades de explicação para os acontecimentos estudados.</p> <p>Torna-se importante desenvolver a preocupação de se diagnosticar a complexidade de entendimento dos temas pelos alunos, respeitando suas ideias e intervindo sempre com questionamentos, com novas informações e com propostas de socialização de suas reflexões no grupo.</p> <p>Nas dinâmicas das atividades, propõe-se que o professor considere as já citadas para o primeiro ciclo, e, ainda, selecione materiais com argumentos, opiniões e</p>	<p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 13).</p>	
---	--	--

<p>explicações diferentes, sobre um mesmo acontecimento atual ou do passado e promova debates, trocas de opiniões e sínteses coletivas.</p> <p>Espera-se que no final do segundo ciclo os alunos sejam capazes de:</p> <p>Reconhecer algumas relações sociais, econômicas, políticas e culturais que a sua coletividade estabelece ou estabeleceu com outras localidades, no presente e no passado;</p> <p>Identificar as ascendências e descendências das pessoas que pertencem à sua localidade, quanto à nacionalidade, etnia, língua, religião e costumes, contextualizando seus deslocamentos e confrontos culturais e étnicos, em diversos momentos históricos nacionais;</p> <p>Identificar as relações de poder estabelecidas entre a sua localidade e os demais centros políticos, econômicos e culturais, em diferentes tempos;</p> <p>Utilizar diferentes fontes de informação para leituras críticas;</p> <p>Valorizar as ações coletivas que repercutem na melhoria das condições de vida das localidades. (PARÊMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997. p. 45-46. Disponível Em: <a href="http://www.cpt.com.br/pcn/pcn-parametros-curriculares-nacionais-do-1-ao-5-ano">http://www.cpt.com.br/pcn/pcn-parametros-curriculares-nacionais-do-1-ao-5-ano</a>).</p>		
--	--	--

**Descrição dos conteúdos previstos para serem abordados (partindo de leitura dos PCN'S detalhamento do primeiro ciclo, ou seja, aos anos que correspondem a “antiga” denominação de primeira e segunda séries):**

<p>PCN'S – “<b>Conteúdos de História Para o Primeiro Ciclo</b>” (1 e 2 Séries)</p> <p><b>Eixo Temático: História Local e do Cotidiano:</b></p> <p>Os conteúdos de História para o primeiro ciclo enfocam, preferencialmente, diferentes histórias pertencentes ao local em que o aluno convive, dimensionadas em diferentes tempos. Prevaecem estudos comparativos, distinguindo semelhanças e diferenças, permanências e transformações de costumes, modalidades de trabalho, divisão de tarefas, organizações do grupo familiar e formas de relacionamento com a natureza. A preocupação com os estudos de história local é a de que os alunos ampliem a capacidade de observar o seu entorno para a compreensão de relações sociais e econômicas existentes no seu próprio tempo e reconheçam a presença de outros tempos no seu dia-a-dia. Ao ingressarem na escola, as crianças passam a diversificar os seus convívios, ultrapassando as relações de âmbito familiar e interagindo, também, com um outro grupo social — estudantes, educadores e outros profissionais —, caracterizado pela diversidade, e, ao mesmo tempo, por relações entre iguais. A própria classe possui um histórico no qual o aluno terá participação ativa. Sendo um ambiente que abarca uma</p>	<p>Apostila – “Planos de Unidades” (Detalhado por Bimestre).</p> <p><b>2 Ano (1 Série) – 1 Bimestre</b></p> <p><b>Conteúdo Formal:</b></p> <p><b>Unidade: As pessoas da Escola.</b></p> <p>a) Conhecendo os companheiros da escola . Conhecendo os companheiros da escola. . Brincadeiras coletivas; . Amarelinha. . Boneca. . Futebol. . Queimada e outras que proporcionem entrosamento.</p> <p>b) Comunidade escolar . Funcionários da escola. . Trabalho coletivo\colaboração.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 23)</p> <p><b>Unidade: A Escola.</b></p> <p>a) Minha escola . Comunidade escolar. . Endereço da escola. . Trajeto da residência até a escola. . Espaço físico da escola; salas de aula, diretoria, secretaria, biblioteca, auditório, banheiros e etc.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 25).</p> <p><b>2 Bimestre</b></p> <p><b>Unidade: Quem sou</b></p>	<p>Apostila “Planos de Unidades” (Detalhado por Bimestre).</p> <p><b>2 Ano (1 Série) – 1 Bimestre</b></p> <p><b>Conteúdo Espírita:</b></p> <p><b>Unidade: As pessoas da Escola.</b></p> <p>a) Conteúdo: A importância da convivência fraterna com todos, como verdadeiros companheiros, envolvidos em respeito mútuo.</p> <p>Bibliografia: Lição: Companheiros, Cap. XIII (Anexo 1). Livro: Mensagem do Pequeno Morto. Autor\médiun: Neio Lúcio\Francisco Cândido Xavier. Editora\edição: FEB\ 4 edição.</p> <p>b) Conteúdo: o trabalho como lei da natureza, pelo próprio motivo de ser ele uma necessidade.</p> <p>Bibliografia: Lição: Lei de trabalho (anexo 2). Livro: Livro dos Espíritos – Das Leis Morais – Necessidade do Trabalho – pergs: 674, 675, 676 e 683. Autor\médiun: Allan Kardec. Editora\edição: FEB\79 edição.</p>
---	---	--

<p>dada complexidade, os estudos históricos aprofundam, inicialmente, temas que dão conta de distinguir as relações sociais e econômicas submersas nessas relações escolares, ampliando-as para dimensões coletivas, que abarcam as relações estabelecidas na sua localidade.</p> <p>Os estudos da história local conduzem aos estudos dos diferentes modos de viver no presente e em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço.</p> <p>Nesse sentido, a proposta para os estudos históricos é de favorecer o desenvolvimento das capacidades de diferenciação e identificação, com a intenção de expor as permanências de costumes e relações sociais, as mudanças, as diferenças e as semelhanças das vivências coletivas, sem julgar grupos sociais, classificando-os como mais “evoluídos” ou “atrasados.</p> <p>Como se trata de estudos, em parte, sobre a história local, as informações propiciam pesquisas com depoimentos e relatos de pessoas da escola, da família e de outros grupos de convívio, fotografias e gravuras, observações e análises de comportamentos sociais e de obras humanas: habitações, utensílios caseiros, ferramentas de trabalho, vestimentas, produção de alimentos, brincadeiras, músicas, jogos, entre outros.</p> <p>Considerando o eixo temático “História local e do cotidiano”, a proposta é a de que, no primeiro ciclo, os</p>	<p><b>eu?</b></p> <p>Dados pessoais:</p> <p>a) Auto – avaliação;</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 29).</p> <p><b>Unidade: Cada um tem a sua história.</b></p> <p>a) História do nascimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. Pais biológicos e adotivos – valorização.</li> <li>. Minha história está registrada.</li> <li>. Certidão de nascimento.</li> <li>. Cartão de vacina.</li> <li>. Fotografia.</li> </ul> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 30).</p> <p><b>Unidade: Minha Identidade.</b></p> <p>a) Nome e Sobrenome</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. Identificação do nome e do sobrenome próprio e dos colegas.</li> <li>. Observação da certidão de nascimento.</li> <li>. As pessoas têm diferentes características – diferenças físicas.</li> <li>. Meus direitos e meus deveres.</li> </ul> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 32).</p> <p><b>3 Bimestre:</b></p> <p><b>Unidade: A família.</b></p> <p>a) Grau de parentesco – importância do diálogo entre os familiares.</p> <p>b) Vida em família – colaboração da criança nas tarefas do lar.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Divisão das tarefas domésticas com a participação da família.</li> </ul>	<p>Conteúdo: O valor do trabalho para o verdadeiro desenvolvimento físico e moral de cada um.</p> <p>Bibliografia:</p> <p>Lição: O remédio imprevisto (anexo 3).</p> <p>Livro: A Vida Fala III Autor\médiun: Neio Lúcio\Francisco Cândido Xavier. Editora\edição: FEB\ 16 edição.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 23 – 24).</p> <p><b>Unidade: A Escola.</b></p> <p>a) Conteúdo: comportamento de criança no plano espiritual na escola. Disciplina rigorosa e quantidade de crianças.</p> <p>Bibliografia:</p> <p>Lição: Cap. 05 (anexo 05).</p> <p>Livro: Escola no Além. Autor\médiun: Cláudia Pinheiro Galasse\Francisco Cândido Xavier. Editora\edição: IDEAL\ 1 edição – Novembro de 1988.</p> <p>Conteúdo: Desenvolvimento dos trabalhos escolares (escola) no plano espiritual. Organização baseada na disciplina, voltada a todas as crianças</p>
---	---	--

<p>alunos iniciem seus estudos históricos no presente, mediante a identificação das diferenças e das semelhanças existentes entre eles, suas famílias e as pessoas que trabalham na escola. Com os dados do presente, a proposta é que desenvolvam estudos do passado, identificando mudanças e permanências nas organizações familiares e educacionais.</p> <p>Conhecendo as características dos grupos sociais de seu convívio diário, a proposta é de que ampliem estudos sobre o viver de outros grupos da sua localidade no presente, identificando as semelhanças e as diferenças existentes entre os grupos sociais e seus costumes; e desenvolvam estudos sobre o passado da localidade, identificando as mudanças e as permanências nos hábitos, nas relações de trabalho, na organização urbana ou rural em que convivem, etc.</p> <p>Identificando algumas das características da sociedade em que os alunos vivem, podem-se introduzir estudos sobre uma comunidade indígena que habita ou habitava a mesma região onde moram atualmente. A opção de introduzir estudos de povos indígenas é relevante por terem sido os primeiros habitantes das terras brasileiras e, até hoje, terem conseguido manter formas de relações sociais diferentes das que são predominantes no Brasil. A preocupação em identificar os grupos indígenas que habitam ou habitaram a região próxima do convívio dos alunos é a de possibilitar a</p>	<p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 37).</p> <p><b>Unidade: Minha Localização.</b></p> <p>a) Meu endereço - Quadra, conjunto, CEP, bairro, cidade, município, sítio, fazenda (de acordo com a realidade).</p> <p>b) Tipo de moradia - Diferentes construções de casas - construções dos animais “engenheiros da natureza”.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 39).</p> <p><b>4 Bimestre</b></p> <p><b>Unidade: O Tempo.</b></p> <p>a) Noções de tempo. - Movimentos da Terra (dia e noite). - Orientação pelo sol. - Atividades que podem ser feitas durante: o dia e a noite. - Dias da Semana.</p> <p>b) O relógio e sua história. - Relógio de areia (ampulheta).</p> <p>c) O Calendário - Principais datas comemorativas.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 43-44- 45).</p> <p><b>Unidade: Meios de Comunicação.</b></p> <p>a) Tipos de comunicação.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 46).</p>	<p>recém-desencarnadas.</p> <p>Bibliografia: Lição: O parque – Cap. XII. Ensinamentos Cap. XVI. (Anexo 6). Livro: Mensagem do Pequeno Morto. Autor\médium: Neio Lúcio\Francisco Cândido Xavier. Editora\edição: FEB\4 edição.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007 p. 25 – 26).</p> <p><b>2 Bimestre</b></p> <p><b>Unidade: Quem sou eu?</b></p> <p>a) Conteúdo: A identidade dos Espíritos é revelada por diversas circunstâncias através de comunicações que refletem hábitos, o caráter, a linguagem e até suas locuções familiares.</p> <p>Bibliografia: Identidade dos espíritos (anexo 7) Cap. II – itens 93 a 96. Livro: O que é o espiritismo. Autor\médium: Allan Kardec. Editora\edição: FEB\72 edição.</p> <p>Conteúdo: Através das atitudes do carneiro é possível refletir que temos que agradecer tal qual somos, entendendo que assim é a melhor maneira de assumirmos a nossa</p>
--	--	--

<p>compreensão da existência de diferenças entre os próprios grupos indígenas, com especificidades de costumes, línguas diferentes, evitando criar a imagem do índio como povo único e sem história. O conhecimento sobre os costumes e as relações sociais de povos indígenas possibilita aos alunos dimensionarem, em um tempo longo, as mudanças ocorridas naquele espaço onde vivem e, ao mesmo tempo, conhecerem costumes, relações sociais e de trabalho diferentes do seu cotidiano.</p> <p><b>Diante da proposta ampla de possibilidades de aprofundamentos de estudos, cabe ao professor:</b></p> <p>Fazer recortes e selecionar alguns aspectos considerados mais relevantes, tendo em vista os problemas locais e/ou contemporâneos;</p> <p>Desenvolver um trabalho de integração dos conteúdos de história com outras áreas de conhecimento;</p> <p>Avaliar o seu trabalho ao longo do ano, refletindo sobre as escolhas dos conteúdos priorizados, as atividades propostas e os materiais didáticos selecionados, para replanejar a sua proposta de ensino de um ano para o outro.</p> <p><b>A Localidade:</b></p> <p>Levantamento de diferenças e semelhanças individuais, sociais, econômicas e culturais entre os alunos da classe e entre eles e as demais pessoas que convivem e trabalham na</p>	<p><b>Unidade: Meios de Transporte.</b></p> <p>1) Meios de transporte  - Transportes terrestres  - Transportes aéreos  - Transportes ferroviários  - Transportes aquáticos</p> <p>2) Educação para o trânsito.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 47).</p> <p><b>3 Ano (2 Série) – 1 Bimestre</b></p> <p><b>Unidade: Cidadania.</b></p> <p>a) A criança como cidadã . A história do primeiro nome.  . Direitos e deveres de todas as crianças na família, escola, grupo e comunidade escolar.  . Observação da certidão de nascimento.  . Conceito de liberdade.  . Boa convivência com o semelhante.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 23).</p> <p><b>Unidade: As diferentes comunidades.</b></p> <p>a) Os grupos  . Os grupos sociais humanos\animais.  . A comunidade\Convivência em grupo.</p> <p>b) Comunidade  . Problemas da comunidade.  . O menor e o trabalho.</p> <p>c) A criança e a comunidade indígena.</p>	<p>identidade pessoal.</p> <p>Bibliografia:  Lição: O carneiro revoltado (anexo 8).  Livro: A Vida Fala II.  Autor\médium: Neio Lúcio\Francisco Cândido Xavier.  Editora\Edição: FEB\7 edição.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 29).</p> <p><b>Unidade: Cada um tem a sua história.</b></p> <p>a) Conteúdo: Cada um de nós é um Espírito encarnado e temos a nossa própria história de acordo com atitudes anteriores.</p> <p>Bibliografia:  Lição: Encarnação dos Espíritos\Da alma. Perg. 134 a e b. (Anexo 9).  Livro: O Livro dos Espíritos – 2 parte – Cap.II.  Autor\médium: Allan Kardec.  Editora\edição.</p> <p>Conteúdo: A galinha afetuosa se destacou pela virtude do afeto, por ter cuidado de outros filhotes com o mesmo carinho como se fossem seus, amando sem egoísmo e sem propósito de recompensa.</p> <p>Bibliografia:  Lição: A galinha afetuosa (anexo 10).  Livro: A Vida Fala I.  Autor\médium: Neio Lúcio\F.C. Xavier.  Editora\edição:FEB\10</p>
---	--	--

<p>escola: idade, sexo, origem, costumes, trabalho, religião, etnia, organização familiar, lazer, jogos, interação com meios de comunicação (televisão, rádio, jornal), atividade dos pais, participação ou conhecimento artístico, preferências em relação à música, à dança ou à arte em geral, acesso a serviços públicos de água e esgoto, hábitos de higiene e de alimentação. Identificação de transformações e permanências dos costumes das famílias das crianças (pais, avós e bisavós) e nas instituições escolares: número de filhos, divisão de trabalhos entre sexo e idade, costumes alimentares, vestimentas, tipos de moradia, meios de transporte e comunicação, hábitos de higiene, preservação da saúde, lazer, músicas, danças, lendas, brincadeiras de infância, jogos, os antigos espaços escolares, os materiais didáticos de outros tempos, antigos professores e alunos. Levantamento de diferenças e semelhanças entre as pessoas e os grupos sociais que convivem na coletividade, nos aspectos sociais, econômicos e culturais: diferentes profissões, divisão de trabalhos e atividades em geral entre idades e sexos, origem, religião, alimentação, vestimenta, habitação, diferentes bairros e suas populações, locais públicos (igrejas, prefeitura, hospitais, praças, mercados, feiras, cinemas, museus), locais privados (residências,</p>	<p>. O direito e a liberdade da criança.  . Costumes indígenas.  d) Vivência de famílias em épocas passadas (fotografias, relíquias de família).  e) As primeiras comunidades.  . História da fogo.  f) Comunidades diferente e comunidade Candanga.  . Estilos diferentes de moradia.  (EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 25; 26; 27;28).  <b>2 Bimestre</b>  <b>Unidade: Onde vivemos na sociedade.</b>  a) A quadra (rua).  . A convivência nas quadras.  b) O setor  . Diferenças entre:  - setor e bairro  -quadra e quarteirão  - vias e ruas.  . Pesquisando a história do próprio meio onde vive (quadra, setor, rua, bairro).  c) A história de todas coisas  - a história das medidas (polegada, palmo, mão, pé, passada).  - medidas de objetos (comprimento e largura).  (EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 31 – 32).  <b>3 Bimestre</b></p>	<p>edição.  (EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p.30-31).  <b>Unidade: Minha identidade</b>  a) Conteúdo: Observação do batistério De Anália Franco, analisando o nome e o sobrenome provenientes dos pais.  Bibliografia:  Lição: O batistério de Anália Franco (anexo 11).  Livro: Anália Franco – A Grande Dama da Educação Brasileira.  Autor\médium: Eduardo Carvalho Monteiro.  Editora\edição: Editora eldorado espírita\1 edição – abril de 1992.  Conteúdo: Deus deu a todos, homem e mulher os mesmos direitos e a capacidade de progredir de igual modo.  Bibliografia:  Lição: Igualdade de direitos do homem e da mulher – Cap. IX – Lei de Igualdade. Cap. VIII\3 parte pergs: 817 até 822. (Anexo 12).  Livro: O Livro dos Espíritos.  Autor\médium: Allan Kardec.  Editora\edição: FEB\75 edição.  (EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 32 –</p>
--	--	--

<p>fábricas, lojas), higiene, atendimento médico, acesso a sistemas públicos de água e esgoto, usos e aproveitamento dos recursos naturais e fontes de energia (água, terra e fogo), locais e atividades de lazer, museus, espaços de arte, diferentes músicas e danças.</p> <p>Identificação de transformações e permanências nas vivências culturais (materiais e artísticas) da coletividade no tempo:</p> <p>diferentes tipos de habitações antigas que ainda existem, observações de mudanças no espaço, como reformas de prédios, construções de estradas, pontes, viadutos, diferenciação entre produtos manufaturados e industrializados, mecanização da agricultura, ampliação dos meios de comunicação de massa, sobrevivência de profissões artesanais (ferreiros, costureiras, sapateiros, oleiros, seleiros), mudanças e permanências de instrumentos de trabalho, manifestações artísticas, mudanças nas vestimentas, sistema de abastecimento de alimentos, técnicas de construção de casas e suas divisões de trabalho, as músicas e danças de antigamente, as formas de lazer de outros tempos.</p> <p><b>Comunidade Indígena</b></p> <p>Identificação do grupo indígena da região e estudo do seu modo de vida social, econômico, cultural, político, religioso e artístico: o território que habitam e que</p>	<p><b>Unidade: Onde vivemos na sociedade.</b></p> <p>a) Diferentes paisagens da natureza  . Paisagem urbana e rural.  . A importância do trabalho de cada setor: cidade e campo.</p> <p>b) Mudanças na paisagem natural  . Os problemas ambientais e as transformações.</p> <p>c) Cidade e campo, parceria de produção.  . O trabalho na vida de cada um.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 35; 36 e 37).</p> <p><b>4 Bimestre</b></p> <p><b>Unidade: Nossa localização no espaço.</b></p> <p>a) O sistema solar.</p> <p>b) A Terra  . Movimentos da Terra – translação e rotação.</p> <p>c) Orientação pelo sol  . Pontos cardiais: Norte, Sul, Leste, Oeste.  . Pontos colaterais: Nordeste, Sudeste, Noroeste, Sudoeste.  . Rosa dos Ventos.</p> <p>d) As diferentes formas da superfície terrestre.  . Relevos.</p> <p>e) Meios de transporte.  . Educação para o trânsito.</p>	<p>33).</p> <p><b>3 Bimestre</b></p> <p><b>Unidade: A família.</b></p> <p>a) Conteúdo: Existência de duas espécies de famílias: as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corporais; a primeira se fortalece e se perpetua no mundo dos espíritos e as segundas frágeis como a matéria, se extinguem com o tempo.</p> <p>Bibliografia:  Lição: Parentela corporal e parentela espiritual (anexo 13).  Livro: Evangelho Segundo o Espiritismo.  Autor\médium: Allan Kardec.  Editora\edição: FEB\97 edição.</p> <p>b) Conteúdo: Ambiente familiar encontrado pelos pastores: Jesus deitado na manjedoura, Maria e José e, segundo Lucas, Maria como mãe guardava todas essas coisas em seu coração.</p> <p>Bibliografia:  Lição: Os pastores – Adoração dos magos Lucas. Cap.II. Vers. 8 – 20 (anexo 14).  Livro: Elucidações Evangélicas.  Autor\médium: Antônio Luiz Sayão.  Editora\edição: FEB\10 edição.</p>
---	---	--

<p>já habitaram, organização das famílias e parentesco, a produção e distribuição de alimentos, a divisão de trabalho entre os sexos e as idades, as moradias e a organização do espaço, os rituais culturais e religiosos, as relações materiais e simbólicas com a natureza (os animais e a flora), a língua falada, as vestimentas, os hábitos cotidianos de higiene, a medicina, as técnicas de produção de artefatos, as técnicas de coleta ou de produção de alimentos, a delimitação do território geográfico e de domínio da comunidade, os espaços que são públicos e os espaços considerados privados, as transformações sofridas pela cultura no contato com outros povos, as relações de amizade, trocas ou identidade com outras comunidades indígenas, as brincadeiras e as rotinas das mulheres, dos homens, das crianças e dos velhos, a medição do tempo, o contar histórias, as crenças, lendas e mitos de origem, as manifestações artísticas, como músicas, desenhos, artesanato, danças.</p> <p>Identificação de semelhanças e diferenças entre o modo de vida da localidade dos alunos e da cultura indígena:</p> <p>existem vários aspectos da coletividade dos alunos que são diferentes do modo de vida da comunidade indígena estudada na ocupação do território, no relacionamento com a natureza (produção de alimentos, uso da água, do solo e da vegetação, mitos, medicina, preservação), nas construções de moradias</p>	<p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007 p. 42 – 44).</p> <p><b>Unidade: Meios de Comunicação.</b></p> <p>a) Tipos de comunicação.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 45).</p> <p><b>Unidade: Profissões.</b></p> <p>a) Tipo de Profissões.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 46).</p> <p><b>Unidade: Meios de Transporte.</b></p> <p>a) Meios de transporte</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Transporte terrestres.</li> <li>- Transportes aéreos</li> <li>- Transportes ferroviários.</li> </ul> <p>Educação para o transito.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 47).</p>	<p>Conteúdo: Relacionamento de amizade e confiança de Maria e Isabel enquanto primas como também de seus filhos: Jesus e João que brincavam juntos, banhados pelo derradeiros raios de sol vespertinos.</p> <p>Bibliografia: Lição: Jesus e o precursor – Cap. II (anexo 15).</p> <p>Livro: Boa Nova. Autor\médiun: Humberto de Campos. Editora\edição: FEB\20 edição.</p> <p>Conteúdo: A união da família que se caracterizou pelo respeito mútuo, quando um pensou no outro, vivenciando atitudes amorosas junto aos familiares.</p> <p>Bibliografia: Lição: A Laranja madura (anexo 16).</p> <p>Livro: O Melhor é Viver em Família – vol. I. Autor\médiun: Marilena Mota Alves de Carvalho. Editora\edição: CELD\1 edição.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 37 – 38).</p> <p><b>Unidade: Minha Localização.</b></p> <p>a, b) Conteúdo: Planeta Terra como mundo de provas e expiações, nosso</p>
--	--	--

<p>(materiais, técnicas, construtores, distribuição e uso do espaço interno), na divisão de tarefas entre as pessoas na realização de trabalhos, nos tipos e confecção de vestimentas, nos tipos de lazer, na religiosidade, nos mitos de origem, nas técnicas de fabricação e uso de instrumentos nas mais diversas atividades de trabalho, no uso do espaço geográfico, nos hábitos de higiene, nos meios de comunicação, nos meios de transporte, nos diferentes modos de medir o tempo.</p> <p>* É fundamental destacar a importância de o professor não realizar comparações que depreciem qualquer cultura, orientando seus alunos também nesse sentido. Para melhor compreensão sobre o assunto, ver o documento de Pluralidade Cultural.</p> <p><b>Conteúdos comuns às temáticas históricas</b></p> <p>Todas as temáticas são permeadas pelos conteúdos que se seguem, cuja aprendizagem favorece a construção de noções históricas. É necessário que o professor oriente e acompanhe passo a passo a realização desses procedimentos pelos alunos, de forma que a aprendizagem seja bem-sucedida.</p> <p>Busca de informações em diferentes tipos de fontes (entrevistas, pesquisa bibliográfica, imagens, etc.).</p> <p>Análise de documentos de diferentes naturezas.</p> <p>Troca de informações sobre os objetos de estudo.</p>		<p>verdadeiro lar, que propicia crescimento individual e coletivo da humanidade.</p> <p>-tipos de moradia dos animais (João de Barro, abelhas, formigas, tatu).</p> <p>Bibliografia: Lição: Há muitas moradas na casa do Pai – Cap. III. Mundo de expiação e provas – itens 13 ao 15. Diferentes tipos de mundos habitados – itens 3 ao 5). (Anexo 17).</p> <p>Livro: Evangelho Segundo o Espiritismo. Autor\médiun: Santo Agostinho\Allan Kardec. Editora\edição: FEB\115 edição.</p> <p>Conteúdo: Ambiente de moradia modificado pelo trabalho e pela ação do tempo.</p> <p>Bibliografia: Lição: A Semente (anexo 18). Livro: O Peixinho Azul – págs. 63 até 69. Autor\médiun: Roque Jacinto. Editora\edição: FEB\8 edição.</p> <p>Conteúdo: Lição aprendida por Paulinho que fugiu de casa e entendeu que o lar é onde encontramos abrigo e proteção à medida de nossas necessidades.</p> <p>Bibliografia: Lição: O fujão (anexo</p>
--	--	---

<p>Comparação de informações e perspectivas diferentes sobre um mesmo acontecimento, fato ou tema histórico.</p> <p>Formulação de hipóteses e questões a respeito dos temas estudados.</p> <p>Registro em diferentes formas: textos, livros, fotos, vídeos, exposições, mapas, etc.</p> <p>Conhecimento e uso de diferentes medidas de tempo.</p> <p>(PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997. p. 40 – 43)</p>		<p>19).</p> <p>Livro: O fujão. Autor\médiun: Roque Jacinto. Editora\edição: FEB\8 edição.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007 p. 39-40).</p> <p><b>4 Bimestre</b></p> <p><b>Unidade: O Tempo.</b></p> <p>a) Necessidade de empregar bem o tempo para alcançar os objetivos, quaisquer que sejam.</p> <p>Bibliografia: Lição: A Laranja. Livro: E, para o resto da vida... Autor\médiun: Wallace Leal. Editora\edição: O Clarim\ 4 edição. Conteúdo: O dia pertence à luta da construção e do trabalho, enquanto que a noite é o sagrado momento da vida espiritual.</p> <p>Bibliografia: Lição: O dia pág. 11 – A noite pág. 187 (anexo 21). Livro: Cartilha da Natureza. Autor\médiun: Casimiro Cunha. Editora\edição: FEB\ 4 edição.</p> <p>Conteúdo: O tempo no plano espiritual não se conta pelos cronômetros terrenos, e é diferente o fenômeno do dia e da</p>
--	--	---

		<p>noite.</p> <p><b>Bibliografia:</b>          Lição: A luz e a flora do além (anexo 22).          Livro: Cartas de uma morta.          Autor\médium: Maria João de Deus\F. C. Xavier.          Editora\edição: Lake\ 12 edição.</p> <p>b)           <b>Conteúdo:</b>          Aproveitamento do tempo com sabedoria e simplicidade, através do exemplo de Chico Xavier.  <b>Bibliografia:</b>          Lição: Um relógio ao doente – pág. 88 (anexo 23).          Livro: Lindos casos de Chico Xavier.          Autor\médium: Ramiro Gama.          Editora\edição: Lake\ 18 edição.</p> <p>c)           <b>Conteúdo:</b>          Nascimento e infância de Allan Kardec.  <b>Bibliografia:</b>          Lição: O menino Hipólito – págs. 27 ao 40 – Cap. II (anexo 24).          Livro: A vida de Allan Kardec para crianças.          Autor\médium: Clóvis Tavares.          Editora\edição: Lake 7 edição.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007 p. 43-45).</p> <p><b>Unidade: Meios de Comunicação.</b></p> <p>a)           <b>Conteúdo:</b> A mediunidade é uma</p>
--	--	---

		<p>dulcíssima consolação, que cria possibilidades de nos pormos em comunicação com os espíritos.</p> <p><b>Bibliografia:</b>  Lição: Condições de comunicação entre os Espíritos – 4 parte. Cap. I perg. 935. (Anexo 25).  Livro: O Livro dos Espíritos.  Autor\médium: Allan Kardec.  Editora\edição: FEB\79 edição.</p> <p><b>Conteúdo:</b> A prece é um meio de comunicação com os espíritos e com Deus.</p> <p><b>Bibliografia:</b>  Lição: A oração dominical – Cap. 6 vers:9 ao 15. (Anexo 26).  Livro: Bíblia Sagrada.  Autor\médium: Evangelho de Mateus.  Editora\edição: SBS\2 edição.</p> <p><b>Conteúdo:</b> O pensamento é um meio de comunicação entre os Espíritos.</p> <p><b>Bibliografia:</b>  Lição: Uma aventura no mar. (Anexo 27).  Livro: As Aventuras de Fraterninho.  Autor\médium: Iracema Sapucaia.  Editora\edição: Correio Fraterno\ 1 edição.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 46).</p> <p><b>Unidade: Meios de</b></p>
--	--	---

		<p><b>Transporte.</b></p> <p>Conteúdo: Na história o pai utiliza o carrinho como meio de educar os filhos e de perceberem a importância da vida em grupo.</p> <p>Bibliografia:  Lição: O carrinho (anexo 28).  Livro: E par o resto da vida.  Autor\médiun: Wallace Leal.  Editora\edição: O Clarim\3 edição.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 47).</p> <p><b>3 Ano (2 Série) – 1 Bimestre</b></p> <p><b>Unidade: Cidadania.</b></p> <p>Conteúdo: Igualdade de todos os homens perante Deus. Todos nós estamos submetidos às mesmas leis, divinas e naturais.</p> <p>Bibliografia:  Lição: Lei de Igualdade – Cap.IX – perg. 803 – 3 parte. (Anexo 1).  Livro: Livro dos Espíritos.  Autor\Médiun: Allan Kardec.  Editora\edição: FEB\79 edição.</p> <p>Conteúdo: O homem não pode usufruir de absoluta liberdade porque todos precisam uns dos outros, com direitos e deveres recíprocos.</p> <p>Bibliografia: Lei de</p>
--	--	---

		<p>liberdade – Cap. X – pergs. 825 à 827 – 3 parte. (Anexo 2).  Livro: Livro dos Espíritos.  Autor\médiun: Allan Kardec.  Editora\edição: FEB \79 edição.</p> <p>Conteúdo: é necessário cultivar o respeito ao semelhante, baseando-se na lei de amor, tratando os outros como gostaríamos de ser tratados, de acordo com o que Jesus nos ensinou.</p> <p>Bibliografia:  Lição: A lição inesquecível (anexo 3).  Livro: A Vida Fala III.  Autor\médiun: Neio Lúcio\Francisco Cândido Xavier.  Editora\edição: FEB\6 edição.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 23 - 24).</p> <p><b>Unidade: As diferentes comunidades.</b></p> <p>Conteúdo: A vida social é uma necessidade que está na natureza. Deus fez o homem para viver em sociedade.</p> <p>Bibliografia:  Lição: Lei de Sociedade – Cap. VIII – pergs. 766 à 768 – 3 parte (anexo 4).  Livro: Livro dos Espíritos.  Autor\médiun: Allan</p>
--	--	--

		<p>Kardec.          Editora\edição:          FEB\79 edição.</p> <p>Conteúdo: A comunidade de espíritos puros, formada por seres angélicos e perfeitos da qual Jesus é um dos membros sublimes.</p> <p>Bibliografia:          Lição: A comunidade de espíritos puros – Cap. I (anexo 5).          Livro: A caminho da luz.</p> <p>Autor\médiun:          Emmanuel\Francisco Cândido Xavier.          Editora\edição:          FEB\13 edição.</p> <p>c) Conteúdo: A criança representa a pureza e a inocência, independente da sua cultura ou do meio em que vive.</p> <p>Bibliografia:          Lição: Simplicidade e pureza de coração – itens: 1, 2,3 e 4 – Cap. VIII (anexo 6).          Livro: Evangelho Segundo o Espiritismo.          Autor\médiun: Allan Kardec.          Editora\edição:          FEB\97 edição.</p> <p>Conteúdo: Amizade de Divaldo quando criança com um espiritozinho que era um índio Jaguaraçu.</p> <p>Bibliografia:          Lição: Um jasmineiro em uma flor e um córrego em festa.          Livro: O jovem que</p>
--	--	--

		<p>escolheu o amor.  Autor\médium: Maria Anita Rosas Batista.  Editora\edição: Casa Espírita “Pierre – Paul Didier” 1 edição.</p> <p>d) Conteúdo: Coleta de fotos do grande missionário que teve uma história pessoal de grandes lições, por ser um espírito que se dedicou ao bem.  Bibliografia:  Lição: Foto pessoal, da família de Eurípedes e do Colégio Allan Kardec (anexo 8).  Livro: Eurípedes, O Homem e a Missão.  Autor\médium: Corina Novelino.  Editora\edição:IDE\5 edição.</p> <p>e) Conteúdo: Antepassados do homem sofrendo os processos de aperfeiçoamento da natureza (comunidade primitiva). Tudo é fruto de evolução e experiência.  Bibliografia:  Lição: Os antepassados do homem\A grande transição. (Anexo 9).  Livro: A Caminho da Luz.  Autor\médium: Emmanuel\Francisco Cândido Xavier.  Editora\edição: FEB\13 edição.</p> <p>Conteúdo: Do ensino dado pelos espíritos, resulta que muito</p>
--	--	---

		<p>diferentes umas das outras são as condições dos mundos, quanto ao grau de adiantamento ou inferioridade dos seus habitantes.</p> <p>Bibliografia:  Lição: Diferentes categorias dos mundos habitados – itens 3,4 e 5 – cap. III. (Anexo 10).  Livro: Evangelho Segundo o Espiritismo.  Autor\médiun: Allan Kardec.  Editora\edição: FEB\115 edição.</p> <p>Conteúdo: Vida de uma criança que vive no morro, em uma favela, no subúrbio do RJ (tipo de moradia). Valorizar a vida que temos, enquanto oportunidade de resgate e aprendizagem.</p> <p>Bibliografia:  Lição: Zequinha, o menino da favela. (Anexo 11).  Livro: Aventuras de Fraterninho.  Autor\médiun: Iracema Sapucaia,  Editora\edição: Correio Fraterno\1edição.</p> <p>f) Conteúdo: Existência da riqueza e da pobreza, porque Deus sendo justo como é, a cada um prescreve trabalhar a seu turno, sendo humilde e resignado em qualquer situação</p>
--	--	--

		<p>em que se encontre, seja de riqueza ou falta dela.</p> <p>Bibliografia:          Lição: Desigualdade das riquezas. Cap. XII – Item 08 (anexo 12).          Livro: Evangelho Segundo o Espiritismo.          Autor\médium: Allan Kardec.          Editora\edição: FEB\ 97 edição.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007 p. (25; 26;27;28).</p> <p><b>2 Bimestre</b>  <b>Unidade: Onde vivemos na sociedade</b>          Observação dos valores morais para uma boa convivência com todos. “O homem que cumpre o seu dever ama a Deus, mais do que às criaturas e ama as criaturas mais do que a si mesmo.”</p> <p>Bibliografia:          Lição: O dever\A virtude – itens, 7 e 8 Cap. XVII (anexo 13).          Livro: Evangelho Segundo o Espiritismo.          Autor\médium: Lázaro François – Nicolas Madeleine\Allan Kardec.          Editora\edição: FEB\97 edição.</p> <p>Conteúdo:          Convivência Fraternal entre os habitantes da colônia, inspirados em vibrações superiores.</p> <p>Bibliografia:</p>
--	--	---

		<p>Lição: Nosso Lar no campo da música – Cap. 45 – pags. 247 a 252 (anexo 14).</p> <p>Livro: Nosso Lar\ Imagens no Além (ilustrações na parte final – pág. 90).</p> <p>Autor\médium: Francisco Cândido Xavier\ André Luiz\Heigorina Cunha\Lucius.</p> <p>Editora\Edição: FEB\45 edição. \ Instituto de difusão espírita. 2 edição.</p> <p>c) Conteúdo: “Não julgar para não ser julgado, porque com a mesma medida com que tiveres medido vos medirão também.”</p> <p>Bibliografia:</p> <p>Lição: O juízo temerário é proibido – Lucas Cap. VI vers.: 37 E 38. (Anexo 15).</p> <p>Livro: Elucidações Evangélicas.</p> <p>Autor\médium: Antônio Luiz Sayão.</p> <p>Editora\edição: FEB\10 edição.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 31 – 32).</p> <p><b>3 Bimestre</b></p> <p><b>Unidade: Onde vivemos na sociedade</b></p> <p>a) Paisagens ambientais belas e prodigiosas, vegetais frutíferos em toda a parte. Enfim, tranquilidade pairando na atmosfera.</p> <p>Bibliografia:</p>
--	--	--

		<p>Lição: A vila cap. IX e O parque Cap. XII (anexo 16).</p> <p>Livro: Mensagem do Pequeno Morto.</p> <p>Autor\médium: Neio Lúcio\Francisco Cândido Xavier.</p> <p>Editora\edição: FEB\4 edição.</p> <p>Conteúdo: Observação da paisagem natural, bela em todos os sentidos, compreendidas como obras de Deus, nosso Pai e Senhor.</p> <p>Bibliografia:</p> <p>Lição: No passeio matinal – Cap. 46 (anexo 17).</p> <p>Livro: Alvorada Cristã.</p> <p>Autor\médium: Neio Lúcio\Francisco Cândido Xavier.</p> <p>Editora\edição: FEB\10 edição.</p> <p>Conteúdo: Paisagem terrena encontrada por Fraterninho e o seu amigo Forcílio. A diferença de vibração causada por pensamentos, sentimentos, atitudes, palavras das pessoas que habitam a Terra. Podemos mudar isto, começando pela nossa responsabilidade pessoal.</p> <p>Bibliografia:</p> <p>Lição: A viagem de Fraterninho\Primeiros contatos com a Terra (anexo 18).</p> <p>Livro: Aventuras de Fraterninho.</p> <p>Autor\médium:</p>
--	--	--

		<p>Iracema Sapucaia.          Editora\edição:          Correio Fraterno\8          edição.</p> <p>b) conteúdo: A lei de destruição da natureza é uma necessidade para renascer e se regenerar, no entanto, o que chamamos de destruição, não passa de uma transformação, que tem por fim renovar e melhorar os seres vivos.</p> <p>Bibliografia:          Lição: Lei de destruição – Cap. VI – pergs: 728, 729 e 730. 3 parte. (Anexo 1).          Livro: O Livro dos Espíritos.          Autor\médiun: Allan Kardec.          Editora\edição: FEB \79 edição.</p> <p>Conteúdo:          Transformação da paisagem local pelo trabalho realizado, mesmo com uma quantidade pequena de recursos. Devemos valorizar todos os recursos que possuímos para melhorar a vida a nossa volta, sem desprezar nada, por mais insignificante que pareça.</p> <p>Bibliografia:          Lição: A semente (anexo 20).          Livro: Peixinho Azul e Outras Histórias.          Autor\médiun: Roque Jacinto.          Editora\edição: FEB 8 Edição.</p>
--	--	---

		<p>c) Conteúdo: O trabalho é uma necessidade da natureza que conduz ao progresso e a perfeição, tendo para os encarnados um limite para a reparação das forças do corpo.</p> <p>Bibliografia:  Lição: Lei do trabalho Cap. III necessidade do trabalho\Limite do trabalho – Repouso – pergs. 647 a 685. 3 parte. (Anexo 21).  Livro: O Livro dos Espíritos.  Autor\médiun: Allan Kardec.  Editora\edição: FEB\79 edição.</p> <p>Conteúdo: Para uma boa colheita nas atividades do campo ou área rural é necessário esforço, cultivo e boa vontade, no trabalho que se propõe a realizar. A preguiça é um “veneno” que retarda o progresso.</p> <p>Bibliografia:  Lição: O aprendiz desapontado (anexo 22).  Livro: A Vida Fala II  Autor\médiun: Néio Lúcio\Chico Xavier.  Editora\edição: FEB 6 Edição.</p> <p>Conteúdo: Deus oferece tudo o que precisamos, sendo o nosso dever servir, incessantemente, em busca da perfeição.</p> <p>Bibliografia:</p>
--	--	--

		<p>Lição: A necessidade do esforço (anexo 23).  Livro: Pai Nosso.  Autor\médium: Meimei\Francisco Cândido Xavier.  Editora\edição: FEB \ 11 edição.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 35; 36; 37 e 38).</p> <p><b>4 Bimestre</b>  <b>Unidade: Nossa localização no espaço</b></p> <p>a) Conteúdo: Sistema solar vida em outros planetas. Valorizar a grandeza e a inteligência Divina, que criou a vida em toda parte.  Bibliografia:  Lição: Sistema Solar – págs. 251 até 262.  Livro: Prática Pedagógica na Evangelização – Conteúdo e Metodologia.  Autor\médium: Wlater Oliveira Alves.  Editora\edição: IDE\1 edição\1998.</p> <p>b) Conteúdo: A Terra é um mundo expiatório que, como uma escola, oferece ao espírito oportunidades diversas para crescer em busca da perfeição.  Bibliografia:  Lição: Mundos de provas e expiações – (Planeta Terra). Cap. III itens 13 à 15.  Livro: Evangelho Segundo o Espiritismo.</p>
--	--	---

		<p>Autor\médium: Santo Agostinho Allan Kardec.          Editora\edição: FEB\97 edição.</p> <p>c) Conteúdo: “O sol não seria um mundo habitado por seres corpóreos, mas simplesmente um lugar de reunião dos Espíritos Superiores, os quais de lá irradiam seus pensamentos para outros mundos” ...</p> <p>Bibliografia:          Lição: Natureza do sol – perg. 188. Cap. IV 2 parte.          Livro: O livro dos Espíritos.          Autor\médium: Allan Kardec.          Editora\edição: FEB 79 edição.</p> <p>Conteúdo: O sol como ponto de referência, brilha em tudo e para todos, sem exclusão ou privilégio a ninguém, retratando em toda a expressão, a Providência Divina.</p> <p>Bibliografia:          Lição: O sol.          Livro: Cartilha da natureza.          Autor\médium: Casimiro Cunha\Chico Xavier.          Editora\edição: FEB\4edição.</p> <p>d) Conteúdo:          Associação da montanha como alto ponto no relevo, com a linguagem que o Cristo usou se referindo à</p>
--	--	---

		<p>“montanha” existente dentro de nós, a qual poderemos mover de acordo com a nossa fé.</p> <p>Bibliografia:  Lição: A fé que transporta montanhas – Cap. XIX. Itens 1 ao 5.  Livro: Evangelho Segundo o Espiritismo.  Autor\médium: Allan Kardec.  Editora\edição: FEB\115 edição.</p> <p>Conteúdo: Observação do monte como ponto de relevo, sendo o local escolhido por Jesus para anunciar as Bem – Aventuras com sabedoria e humildade.</p> <p>Bibliografia:  Lição: O Sermão do Monte – Evang. De Mateus. Cap. 5 vers. 1 ao 12.  Livro: Elucidações Evangélicas págs. 132 – 135.  Editora\edição: FEB\10 edição.</p> <p>e) Conteúdo: O aeróbus é um meio de transporte espiritual que desenvolve grande velocidade, é confortável e silencioso.</p> <p>Bibliografia:  Lição: O transporte. Item 9 primeira parte – pág. 50 – 51.  Livro: A vida Numa Colônia Espiritual.  Autor\médium: João Duarte de Castro.  Editora\edição:</p>
--	--	---

		<p>EME\4 edição.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p 42 – 44).</p> <p><b>Unidade: Meios de Comunicação.</b></p> <p>a) Conteúdo: A mediunidade é uma dulcíssima consolação, que cria possibilidades de nos pormos em comunicação com os espíritos.</p> <p>Bibliografia:  Lição: Condições de comunicação entre os espíritos – 4 parte Cap. I perg. 935.  Livro: O Livro dos Espíritos.  Autor\médiu: Allan Kardec.  Editora\edição: FEB\79 edição.</p> <p>Conteúdo: A prece é um meio de comunicação com os espíritos e com Deus.</p> <p>Bibliografia:  Lição: A oração dominical – Cap. 6 vers: 9 ao 15.  Lição: Bíblia Sagrada.  Autor\médiu: Evangelho de Mateus.  Editora\edição: SBS\2 edição.</p> <p>Conteúdo: O pensamento é um meio de comunicação entre os espíritos.</p> <p>Bibliografia:  Lição: Uma aventura no mar.  Livro: As aventuras de Fraterninho.  Autor\médiu:</p>
--	--	---

		<p>Iracema Sapucaia.          Editora\edição:          Correio Fraternal\ 1          edição.</p> <p>(EDITORA AUTA DE          SOUZA, 2007. p. 45).</p> <p>a) Conteúdo:          Profissões de Chico          Xavier.          Bibliografia:          Lição: Profissões de          Chico Xavier.          Livro: Lindos Casos          de Chico Xavier.          Autor\médiun:          Ramiro Gama.          Editora\edição:          LAKE\19 edição.</p> <p>Conteúdo: Profissões          de Bezerra de          Menezes.          Livro: Lindos Casos          de Bezerra de          Menezes.          Autor\médiun:          Ramiro Gama.          Editora\edição:          LAKE\13 edição.</p> <p>Conteúdo: Profissão          de Anália Franco          como educadora. Ela          dignificou a profissão          sendo mais do que          uma excelente          educadora, mas mãe e          profissional eficiente.          Bibliografia:          Lição: Educadora da          juventude.          Livro: Anália Franco,          A Grande Dama da          Educação Brasileira.          Autor\médiun:          Eduardo Carvalho          Monteiro.          Editora\edição:          Editora Eldorado          Espírita\ 1 edição.</p>
--	--	--

		<p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 46).</p> <p>a) Conteúdo: Na história o pai utiliza o carrinho como meio de educar os filhos e de perceberem a importância da vida em grupo.</p> <p>Bibliografia: Lição: O carrinho (anexo 37). Livro: E para o resto da vida. Autor\médiun: Wallace Leal. Editora\edição: O Clarim\3edição.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 47).</p>
--	--	--

**Descrição dos conteúdos previstos para serem abordados (partindo de leitura dos PCN'S detalhamento do para segundo ciclo, ou seja, aos anos que correspondem a “antiga” denominação de terceira e quarta séries):**

<p><b>PCN'S – Conteúdo de História para o Segundo Ciclo (3 e 4 Séries)</b></p> <p><b>Eixo Temático: História das Organizações Populacionais</b></p> <p>Os conteúdos de História para o segundo ciclo enfocam as diferentes histórias que compõem as relações estabelecidas entre a coletividade local e outras coletividades de outros tempos e espaços, contemplando diálogos entre presente e passado e os espaços locais, nacionais e mundiais.</p>	<p>Apostila – “Planos de Unidades” (Detalhados por Bimestre).</p> <p><b>4 Ano (3 Série) – 1 Bimestre</b></p> <p><b>Conteúdo Formal</b></p> <p><b>Unidade: Quem sou eu e onde vivo.</b></p> <p>a) Você e sua família. b) A casa onde mora.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007 p. 23 – 24).</p>	<p>Apostila – “Planos de Unidades” (Detalhados por Bimestre).</p> <p><b>4 Ano (3 Série) – 1 Bimestre</b></p> <p><b>Conteúdo Espírita</b></p> <p><b>Unidade: Quem sou eu e onde vivo.</b></p> <p>a) Quando um pensa no outro, vivenciando atitudes amorosas junto aos familiares, a união da família é caracterizada pelo</p>
--	--	--

<p>Prevalecem, como no primeiro ciclo, os estudos comparativos para a percepção das semelhanças e das diferenças, das permanências e das transformações das vivências humanas no tempo, em um mesmo espaço, acrescentando as caracterizações e distinções entre coletividades diferentes, pertencentes a outros espaços.</p> <p>Nessa fase, é importante que os alunos dimensionem as relações sociais, econômicas, políticas e culturais que vivenciam, enriquecendo seu repertório histórico com informações de outras localidades para que possam compreender que seu espaço circundante estabelece diferentes relações locais, regionais, nacionais e mundiais.</p> <p>Na localidade onde as crianças moram, existem problemáticas que só podem ser entendidas na medida em que elas conhecem histórias de outros espaços e de outros tempos: populações que chegam de outros lugares, com outros costumes, outras línguas, outras religiões, em diferentes momentos; êxodos de pessoas de sua coletividade que ocorrem por diferentes razões; completo ou parcial desaparecimento de populações nativas, provocado por questões históricas nacionais e internacionais; modalidades de regime de trabalho e de divisão de riquezas que são comuns, também, em outras localidades e a outros tempos; modos de produção de alimentos intercambiados com outras populações;</p>	<p><b>Unidade: Quem sou eu e onde vivo.</b></p> <p>a) O lugar onde habita - O quarteirão. - O bairro.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 25).</p> <p><b>Unidade: Vivendo no município.</b></p> <p>a) A história do município.</p> <p>b) A zona urbana do município.</p> <p>c) A zona rural no município.</p> <p>d) Os limites do município.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 26; 27 e 28).</p> <p><b>2 Bimestre</b></p> <p><b>Unidade: O meio ambiente do município.</b></p> <p>a) O relevo do município.</p> <p>b) O clima do município . A previsão do tempo.</p> <p>c) Descrição inexistente.</p> <p>d) Vegetação do município . Vegetação natural.</p> <p>e) A fauna do município.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 33 ; 34; 37 e 38).</p>	<p>respeito mútuo.</p> <p>Bibliografia: Lição: A laranja madura. (Anexo I). Livro: O Melhor é Viver em Família. Vol. I. Autor\médium: Marilena Mota Alves de Carvalho. Editora\edição: CELD. 1 edição, 1995.</p> <p>Conteúdo: Existência de duas espécies de família: as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corporais. A primeira se fortalece e se perpetua no mundo dos espíritos e as segundas são frágeis como a matéria e se extingue com o tempo.</p> <p>Bibliografia: Lição: Parentela corporal e parentela espiritual. Cap. XIV, item 8 (Anexo 2). Livro: Evangelho Segundo o Espiritismo – Cap. XIV item 8. Autor\médium: Allan Kardec. Editora\edição: FEB\99 edição.</p> <p>b) Conteúdo: Conservar a fé inabalável em todas as circunstâncias, principalmente no lar, ambiente onde mora.</p> <p>Bibliografia: Lição: Frente ao perigo – Cap. 23 (anexo 3). Livro: Bem Aventurados Os</p>
--	---	--

<p>comércio de mercadorias realizados com grupos ou empresas instalados fora de sua localidade; modelos de administração pública que são comuns a outras coletividades e estabelecem, com a sua localidade, vínculos de identidade regional ou nacional (organizações municipais, estaduais e federais); lutas sociais de grupos ou classes que extrapolam o âmbito local (partidos políticos, organizações sindicais, organizações ambientalistas, lutas dos sem-teto e dos sem-terra, lutas por direitos das mulheres, das crianças ou da terceira idade); atividades culturais que extrapolam o âmbito local (festas nacionais, festas religiosas, eventos culturais e esportivos); eventos difundidos pelos meios de comunicação, que ocorrem em outras localidades; ou políticas nacionais e regionais, decididas em outros locais, que interferem na dinâmica da sua localidade.</p> <p>A opção por estudos que relacionam as problemáticas locais com outras localidades explicasse pelo fato de que, nos estudos históricos é fundamental localizar o maior número possível de relações entre os acontecimentos e os sujeitos históricos, estabelecidas, também, além de seu próprio tempo e espaço, em busca de explicações abrangentes, que deem conta de expor as complexidades das vivências históricas humanas. O fato é que se registra, na história de inúmeras sociedades, intensos</p>		<p>Simples.  Autor\médiun: Valérium\ Waldo Vieira.  Editora\edição: FEB 6\ edição.</p> <p>Conteúdo: Analisar o exemplo de Paulinho que na ausência do seu lar se deparou com problemas diversos, no entanto através da reparação reconheceu a importância do seu lar e de valorizá-lo.</p> <p>Bibliografia:  Lição: O fujão. (Anexo 4).  Livro: O Fujão.  Autor\médiun: Roque Jacintho.  Editora\edição: FEB\ 4 edição.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 23 – 24).</p> <p><b>Unidade: Quem sou e onde vivo</b></p> <p>a) Conteúdo: História de Mirela que conheceu a organização de uma cidade- escola no plano espiritual. Devemos manter o ânimo firme, ante as dificuldades de convivência na comunidade, sempre procurando fazer a nossa parte e o melhor possível para o bem comum, respeitando a todos.</p> <p>Bibliografia:  Lição: Mirela, a caminho da luz.</p>
---	--	---

<p>intercâmbios humanos, culturais, econômicos, políticos, sociais e artísticos. Na sociedade contemporânea, por exemplo, pode-se dizer que é difícil de serem encontradas coletividades que vivem de modo isolado, permanecendo fiel unicamente a tradições de seus antepassados diretos, já que os meios de comunicação, as relações capitalistas de produção, a organização da vida social em cidades têm crescido assustadoramente. Assim, só numa dimensão de tempo que se alarga em direção ao passado e numa dimensão de espaço que contempla outras localidades, é que se evidenciam as particularidades locais e o que nela existe em comum ou recriado em relação aos outros lugares.</p> <p>Em uma outra perspectiva, pode-se dizer que é somente no alargamento de fronteiras temporais e espaciais que os sujeitos históricos podem dimensionar a sua inserção e a sua identidade com os grupos sociais maiores, como no caso das classes sociais, das etnias, dos gêneros, das culturas ou das nacionalidades. Assim, por exemplo, é pelo conhecimento do deslocamento de grandes levas de trabalhadores africanos para o Brasil, em contextos específicos que os colocaram na situação de escravidão e, posteriormente, na situação de cidadão de “segunda classe” (pela discriminação construída para as especificidades de sua cor, de sua raça, de sua cultura),</p>		<p>(Anexo 54).  Livro: Mirela, a caminho da luz.  Autor\médiun: José Marcos\Cléo de Albuquerque Mello.  Editora\edição: EME 4 edição, 1996.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007. p. 25).</p> <p><b>Unidade: Vivendo no município</b></p> <p>a) Conteúdo: colônia espiritual “Nosso Lar” fundada por portugueses distintos, desencarnados no Brasil, no séc. XVI. (Tudo tem a sua história).  Bibliografia:  Lição: Organização de serviços – Cap. 8 (Anexo 8).  Livro: Nosso Lar.  Autor\médiun: André Luiz – Francisco Cândido Xavier.  Editora\edição: FEB\45 edição.</p> <p>b) Conteúdo: O primeiro contato de Fraterninho no planeta foi com a zona urbana. O espírito descreve os prédios, edifícios e a rotina diária dos habitantes.  Bibliografia:  Lição: Primeiros contatos com a Terra. (Anexo 9).  Livro: Aventuras de Fraterninho.  Autor\médiun: Iracema Sapucaia.  Editora\edição: Correio Fraternal do</p>
--	--	--

<p>que os afrodescendentes podem dimensionar, na sua individualidade e na sua identidade coletiva, a abrangência de suas lutas sociais e políticas. É, por exemplo, por meio do conhecimento sobre o que há de comum entre as diferentes localidades que se espalham pelo território brasileiro, o que há de comum ou de particular entre as populações regionais e locais, o que há de específico nos conflitos, nos ganhos e nas perdas que marcaram a história que se pode dizer como sendo de “um povo” (que fornece um caráter de identidade na diversidade), que um indivíduo, que nasceu e vive no Brasil, pode dimensionar a sua inserção dentro desta nação.</p> <p>Como no primeiro ciclo, a proposta é a de que os estudos históricos não retrocedam às origens dos eventos e não tracem trajetórias homogêneas do passado em direção ao presente.</p> <p>Também não valorizem a organização dos acontecimentos no tempo a partir de uma perspectiva de evolução. Ao contrário, a proposta é de que os estudos históricos possibilitem estudos críticos e reflexivos, expondo as permanências, as mudanças, as diferenças e as semelhanças das vivências coletivas.</p> <p>Cabe ao professor, ao longo de seu trabalho pedagógico, integrar os diversos estudos sobre as relações estabelecidas entre o presente e o passado, entre o local, o regional, o nacional e o</p>		<p>ABC\ 1 edição.</p> <p>c) Conteúdo: para uma boa colheita nas atividades do campo rural é necessário esforço, cultivo e boa vontade, no trabalho que se propõe realizar. Bibliografia: Lição: O aprendiz desapontado. (Anexo 10). Livro: A Vida Fala III. Autor\médiun: Neio Lúcio – Francisco Cândido Xavier. Editora\edição: FEB\6 edição.</p> <p>d) Necessidade de virtudes para “atravessar” as fronteiras espirituais, os limites entre os dois mundos. Bibliografia: Lição: A parábola do mal rico. Item 05\ Desprendimento dos bens terrenos. Item 14. (Anexo 11). Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo. Autor\médiun: Allan Kardec. Editora\edição: FEB\99 edição.</p> <p>Conteúdo: limites das diferentes esferas espirituais, distinguidos pela identidade de vibração e quanto mais se afastam do núcleo mais se amenizam e purificam. Bibliografia: Lição: A divisão do espaço. Item 04\ A</p>
--	--	--

<p>mundial. As vivências contemporâneas concretizam-se a partir destas múltiplas relações temporais e espaciais, tanto no dia-a-dia individual, familiar, como no coletivo. Assim, a proposta é de que os estudos sejam disparados a partir de realidades locais, ganhem dimensões históricas e espaciais múltiplas e retornem ao local, na perspectiva de desvendá-lo, de desconstruí-lo e de reconstruí-lo em dimensões mais complexas.</p> <p>Considerando o eixo temático “História das organizações populacionais”, a proposta é de que, no segundo ciclo, os alunos estudem:</p> <p>A procedência geográfica e cultural de suas famílias e as histórias envolvidas nos deslocamentos e nos processos de fixação;</p> <p>Os deslocamentos populacionais para o território brasileiro e seus contextos históricos;</p> <p>As migrações internas regionais e nacionais, hoje e no passado; os grupos e as classes sociais que lutam e lutaram por causas ou direitos políticos, econômicos, culturais, ambientais;</p> <p>Diferentes organizações urbanas, de outros espaços e tempos;</p> <p>As relações econômicas, sociais, políticas e culturais que a sua localidade estabelece com outras localidades regionais, nacionais e mundiais;</p> <p>Os centros político-administrativos brasileiros;</p> <p>As relações econômicas, sociais, políticas e culturais que a sua localidade</p>		<p>vida numa colônia espiritual.</p> <p>Autor\médiun: João Duarte de Castro.</p> <p>Editora\edição: EME\ 7 edição. (Anexo 12).</p> <p>Conteúdo: O campo magnético da Terra dividido em sete esferas, limite entre essas esferas.</p> <p>Bibliografia:</p> <p>Lição: Localização de “Nosso Lar” – esferas espirituais. Cap. IV (Anexo 13).</p> <p>Livro: A Cidade no Além.</p> <p>Autor\médiun: André Luiz e Lucius\Francisco Cândido Xavier.</p> <p>Editora\edição: Instituto de Difusão Espírita – IDE\17 edição.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007 p. 26; 27; 28 e 29).</p> <p><b>2 Bimestre</b></p> <p><b>Unidade: O meio ambiente do município</b></p> <p>a) Conteúdo: A montanha como ponto alto de relevo, também foi interpretada por Jesus, como as dificuldades existentes em nós e com a fé, é possível removê-la.</p> <p>Bibliografia:</p> <p>Lição: A Fé transporta montanhas. Cap. XIX itens 1 ao 5. (Anexo 14).</p>
--	--	---

<p>estabelece ou estabeleceu com os centros administrativos nacionais, no presente e no passado; Medições de tempo, calendários, quadros cronológicos, linhas de tempo e periodizações, para organizarem sínteses históricas das relações entre as histórias locais, regionais, nacionais e mundiais. Como no primeiro ciclo, seguem sugestões amplas de possibilidades de estudo. Cabe, então, ao professor: Fazer alguns recortes e escolher alguns temas, priorizando os conteúdos mais significativos para que os alunos interpretem e reflitam sobre as relações que sua localidade estabelece ou estabeleceu com outras localidades situadas na região, no País e no mundo, hoje em dia e no passado; Desenvolver um trabalho de integração dos conteúdos de História com outras áreas de conhecimento; Avaliar o seu trabalho ao longo do ano, refletindo sobre as escolhas dos conteúdos priorizados, as atividades propostas e os materiais didáticos selecionados, para replanejar a sua proposta de ensino de um ano para o outro. Deslocamentos populacionais Levantamento de diferenças e semelhanças das ascendências e descendências entre os indivíduos que pertencem à localidade, quanto à nacionalidade, etnia, língua, religião e costumes: Estudo das famílias dos alunos: origem geográfica das famílias (países, continentes ou outras regiões nacionais),</p>		<p>Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo. Autor\médium: Allan Kardec. Editora\edição: FEB\70 edição.</p> <p>b) Conteúdo: São píncaros elevados na paisagem. A figura da montanha representa para nós os grandes desafios da vida. Para superá-los, é necessário coragem e perseverança. Bibliografia: Lição: A montanha (dar maior destaque a 4 estrofe) p. 115. (Anexo 15). Livro: Cartilha da Natureza. Autor\médium: Casimiro Cunha – Francisco Cândido Xavier. Editora\edição: FEB\3 edição.</p> <p>Conteúdo: Jesus é a fonte de água viva, pois todos seus ensinamentos registrados no Evangelho consolam e esclarecem, aliviando a nossa “sede espiritual”. Bibliografia: Lição: Jesus, fonte de água viva – Cap. 07 – ver 37 ao 44. (Anexo 16). Livro: Bíblia Sagrada. Autor\médium: Evangelho de João. Editora\edição: SBS\2 edição.</p> <p>Conteúdo: Através do</p>
---	--	---

<p>época de deslocamento da família para região, lembranças da família sobre as razões e as trajetórias de deslocamentos, época de chegada na localidade, proximidade temporal com o tempo da chegada, costumes mantidos como tradição (comida, vestimentas, língua, religião, modalidades de trabalho, festas, tradições, lendas e mitos, especificidades no vocabulário);</p> <p>Estudo dos costumes de diferentes regiões: identificação de populações locais que possuem descendência diferenciada, suas descendências e costumes específicos.</p> <p>Contextualização dos processos de deslocamento de populações para o território nacional:</p> <p>Momento da chegada e formas de dominação dos portugueses no território nacional;</p> <p>Identificação das populações nativas locais (indígenas), seu modo de vida e os confrontos com populações europeias;</p> <p>Formas de deslocamentos de populações africanas para a América, origens dos povos africanos e seu modo de vida, as condições de vida estabelecidas para os africanos no Brasil, locais de fixação, deslocamentos posteriores, em diferentes épocas, no território nacional;</p> <p>Contextos de deslocamentos de outros grupos de imigrantes (europeus e asiáticos nos séculos XIX e XX), seu modo de vida e sua inserção nas atividades econômicas nacionais.</p> <p>Identificação de</p>		<p>exemplo da fonte, aprenderemos a nos libertar de qualquer cativo, marchando assim adiante com o trabalho que Deus nos confia, garantindo a favor de todos as alegrias do bem eterno.</p> <p>Bibliografia:  Lição: O exemplo da fonte. (Anexo 17).  Livro: Pai Nosso.  Autor\médium:  Memei – Francisco Cândido Xavier.  Editora\edição: FEB 9 edição.</p> <p>c) Conteúdo: a quarta estrofe da poesia: “O vento” traz o seu exemplo como mensageiro bondoso de alegria e abundância e apesar de distâncias espalhada as sementes e a vida.</p> <p>Bibliografia:  Lição: O vento p. 133. (Anexo 18).  Livro: Cartilha da Natureza.  Autor\médium:  Casimiro Cunha\Francisco Cândido Xavier.  Editora\edição: FEB\3 edição.</p> <p>Conteúdo: A chuva é um recurso que cai do céu, como bênção, onde também os ensinamentos do Cristo que nos dão a verdade e luz, são a chuva generosa que vivifica a todos.</p> <p>Bibliografia:</p>
---	--	---

<p>deslocamentos populacionais locais, no passado e no presente, as migrações regionais e nacionais:</p> <p>Identificação das origens das populações nacionais que compõem a população local, estudo dos contextos históricos de fixação no local e suas motivações;</p> <p>Identificação das razões de deslocamentos populacionais para outras regiões do País ou para o exterior;</p> <p>Identificação das áreas para onde as populações se deslocaram num possível regresso ao seu lugar de origem, seus contextos históricos, especificidades de costumes que permanecem ou que se transformam nos deslocamentos.</p> <p>Organizações e lutas de grupos sociais e étnicos</p> <p>Levantamento de diferenças e semelhanças entre grupos étnicos e sociais, que lutam e lutaram no passado por causas políticas, sociais, culturais, étnicas ou econômicas:</p> <p>Movimentos de âmbito local: trajetória do movimento, lutas travadas, conquistas e perdas, relações mantidas com grupos nacionais ou de outras regiões, meios de divulgação de ideias, pessoas e grupos envolvidos, ideais de luta (movimentos ambientalistas, feministas, de idosos, de indígenas, de classes sociais, de liberdade de expressão, de direitos humanos, de organização religiosa, dos negros, dos sem-terra, de construção de moradias ou de saneamento básico, em prol da saúde ou da educação).</p> <p>Organizações políticas e administrações urbanas</p>		<p>Lição: A chuva pág. 135 (Anexo 19).</p> <p>Livro: Cartilha da Natureza.</p> <p>Autor\médium: Casimiro Cunha – Francisco Cândido Xavier.</p> <p>Editora\edição: FEB 13 edição.</p> <p>Conteúdo: na história da formiguinha Egolanda há uma mudança de clima. Quando a formiga estava construindo o seu castelo caiu a chuva, e em seguida a tempestade que destruiu a sua moradia.</p> <p>Bibliografia:</p> <p>Lição: O castelo de açúcar. (Anexo 20).</p> <p>Livro: O Castelo de Açúcar.</p> <p>Autor\médium: Robson Dias – pelo espírito de vovó Anália.</p> <p>Editora\edição: FEB 1 edição.</p> <p>Conteúdo: Sigamos o exemplo da fonte: estamos caminhando em direção ao oceano, como fontes de Deus nosso Pai.</p> <p>Bibliografia:</p> <p>Lição: A canção da fonte. (Anexo 21).</p> <p>Livro: A Canção da Fonte.</p> <p>Autor\médium: Maria Anita Rosas Batista.</p> <p>Editora\edição: ELAN – Editora e Livraria Espírita “Alvorada Nova” \1 edição.</p>
--	--	--

<p>Identificação de diferentes tipos de organizações urbanas, destacando suas funções e origens:</p> <p>Cidades que nasceram com função administrativa, religiosa, comercial ou de paragem, de diferentes lugares do mundo e de épocas históricas diferentes, como Cuzco, Tenochtitlán, Machu Pichu, Atenas, Pequim, Amsterdã, Paris, Nova York, e/ou do Brasil, como Recife, Porto Alegre, Belo Horizonte, São Luís, Ouro Preto, Diamantina, Campinas, etc.;</p> <p>Estudos de organizações e distribuições dos espaços urbanos e rurais, sistemas de defesa, de abastecimento de alimento, de fornecimento de água e escoamento de esgoto, sistemas de comunicação, as relações comerciais, as atividades econômicas e administrativas, as vivências cotidianas da população em diferentes épocas, medições de tempo.</p> <p>Caracterização do espaço urbano local e suas relações com outras localidades urbanas e rurais:</p> <p>Crescimento urbano, atividades urbanas exercidas pela população e suas relações ou não com a vida rural, relações comerciais praticadas com outras localidades, atividades econômicas, processos de industrialização (internos e externos), organização administrativa, desenvolvimentos do atendimento de serviços nos seus diferentes espaços (esgoto, água, escolas, hospitais), ritmos diferenciados de tempo na organização das rotinas</p>		<p>d) Conteúdo: edificações situadas entre copadas de árvores, com grande profusão de flores, que retêm durante o dia luz e a noite brilham como pequenas estrelinhas radiantes, caídas do céu.</p> <p>Bibliografia: Lição: O parque – Cap. XII. Livro: Mensagem do Pequeno Morto. Autor\médiun: Neio Lúcio\ Chico Xavier. Editora\edição: FEB \ 4 edição.</p> <p>Conteúdo: a árvore como parte da vegetação. É um exemplo grandioso de bondade para com os homens, pois é sempre capaz de ofertar alimento e\ou sombra, indiferente da postura do homem em caso de devastação.</p> <p>Bibliografia: Lição: O exemplo da árvore. Livro: Pai Nosso. Autor\médiun: Meimei – Francisco Cândido Xavier. Editora\edição: FEB \ 9 edição.</p> <p>e) Conteúdo: a beleza de atitude dos passarinhos que glorificam ao senhor em forma de canto, também nós, como seres humanos, dispomos de diversas maneiras de louvar a Deus constantemente.</p>
---	--	--

<p>diárias.</p> <p>Estudo das transformações e das permanências que ocorreram nas três capitais brasileiras (Salvador, Rio de Janeiro e Brasília) e as diferenças e semelhanças entre elas e suas histórias:</p> <p>As origens das cidades, suas organizações e crescimento urbanístico, seu papel administrativo como capital, as relações entre as capitais brasileiras e Lisboa (num contexto de relações entre metrópole e colônia), as questões políticas nacionais quando eram capitais, sua população em diferentes épocas, as suas relações com outras localidades nacionais e internacionais, as mudanças em suas funções urbanas, seu crescimento ou estagnação, suas funções na atualidade, o que preservam como patrimônio histórico.</p> <p>Organização histórica e temporal</p> <p>Construção de sínteses históricas, tomando-se as relações entre os momentos significativos da história local e os da história regional e nacional:</p> <p>Estudos de calendários e medições de tempo que possibilitem localizar acontecimentos de curta, média e longa duração (anos, décadas, séculos);</p> <p>Construção de sínteses cronológicas, incluindo e relacionando acontecimentos da história local, regional, nacional e mundial;</p> <p>Construção de linhas de tempo, relacionando a história local com a história regional e a história nacional;</p> <p>Construções de diferentes periodizações históricas, que</p>		<p>Bibliografia:</p> <p>Lição: Glorificando o Santo Nome.</p> <p>Livro: Pai Nosso.</p> <p>Autor\médiun: Meimei – Francisco Cândido Xavier.</p> <p>Editora\edição: FEB \ 9 edição.</p> <p>Conteúdo: a vaidade leva a pessoa a se enaltecer e se desviar do que é essencial na vida. O mais importante não é a aparência, mas sim as atitudes. Classificação dos animais – mosca e abelha – na classe dos insetos.</p> <p>Bibliografia:</p> <p>Lição: O elogio da abelha.</p> <p>Livro: A Vida Fala I.</p> <p>Autor\médiun: Neio Lucio – Francisco Cândido Xavier.</p> <p>Editora\edição: FEB\10 edição.</p>
--	--	--

<p>deem conta de caracterizar predomínios e mudanças nos modelos econômicos, nas organizações políticas, nos regimes de trabalho, nos costumes, nos movimentos sociais e étnicos, no modelo de vida rural ou de vida urbana, nas relações entre as políticas locais e as políticas nacionais, comparando-as com aquelas tradicionalmente utilizadas nos estudos didáticos da disciplina (Brasil Colônia, Brasil Império, Brasil República).</p> <p><b>CONTEÚDOS COMUNS ÀS TEMÁTICAS HISTÓRICAS</b></p> <p>Tal como no primeiro ciclo, os conteúdos que se seguem referem-se a todas as temáticas propostas. Repetem-se aqui, uma vez que seu aprendizado tem continuidade no segundo ciclo.</p> <p>Busca de informações em diferentes tipos de fontes (entrevistas, pesquisa bibliográfica, imagens, etc.).</p> <p>Análise de documentos de diferentes naturezas.</p> <p>Troca de informações sobre os objetos de estudo.</p> <p>Comparação de informações e perspectivas diferentes sobre um mesmo acontecimento, fato ou tema histórico.</p> <p>Formulação de hipóteses e questões a respeito dos temas estudados.</p> <p>Registro em diferentes formas: textos, livros, fotos, vídeos, exposições, mapas, etc.</p> <p>Conhecimento e uso de diferentes medidas de tempo.</p> <p>(EDITORA AUTA DE SOUZA, 2007 p. 46 – 51).</p>		
--	--	--

[...].

Encerramos a cópia de nosso material aqui, para que não torne o anexo extenso demais, dessa forma, com leitura e estética cansativas.